

BRANCO E NEGRO



ILHA DOS AMORES

(Quadro de LUCIANO FREIRE)

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de toda
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.



PIANOS
HARMONIUMS
CORDAS
REBECAS
BANDOLINS, ETC.

ACCESSORIOS
PARA TODOS OS
INSTRUMENTOS

MUSICA

LAMBERTINI

43, P. DOS RESTAURADORES, 49
LISBOA

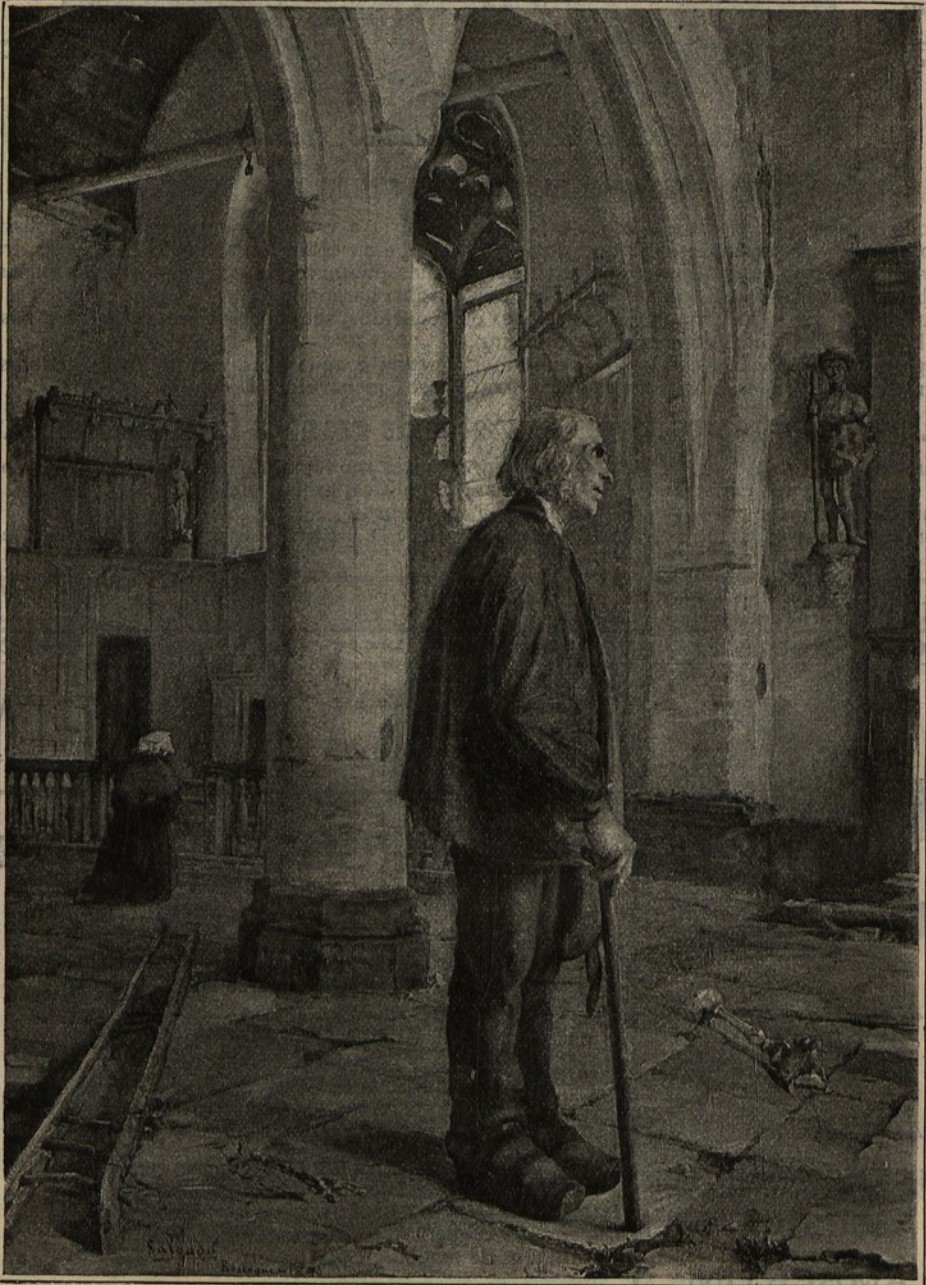
CASA LAMBERTINI

ARTIGOS NOVOS

SURDINA para violino, com molla.....	Réis	\$200
RESINA BONN (aceio, economia e qualida- de superior).....	"	\$240
BETININA para impedir que as cravelhas es- correguem.....	"	\$200
CAVALLETES de 4 pés, para violino e vio- loncello.....	\$400	" e 1 \$500
TECIDO IMPERMEAVEL , para conser- var as cordas, 15 cent.2.....	"	\$050
PREPARADO «REDIVIVUS» para lavar os arcos e instrumentos, cada frasco	\$200	" e \$300
OLEO «PREMIER» para lustrar instrumen- tos de corda e para as chaves dos instru- mentos de madeira, cada frasco.....	\$200	" e \$300

Estes artigos só se encontram n'esta casa

BRANCO E NEGRO



VELHICE — (Quadro de Velloso Salgado)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 31

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 31

LISBOA, 1 DE NOVEMBRO DE 1896

1.º ANNO

DOIS DE NOVEMBRO

A FESTA DOS MORTOS

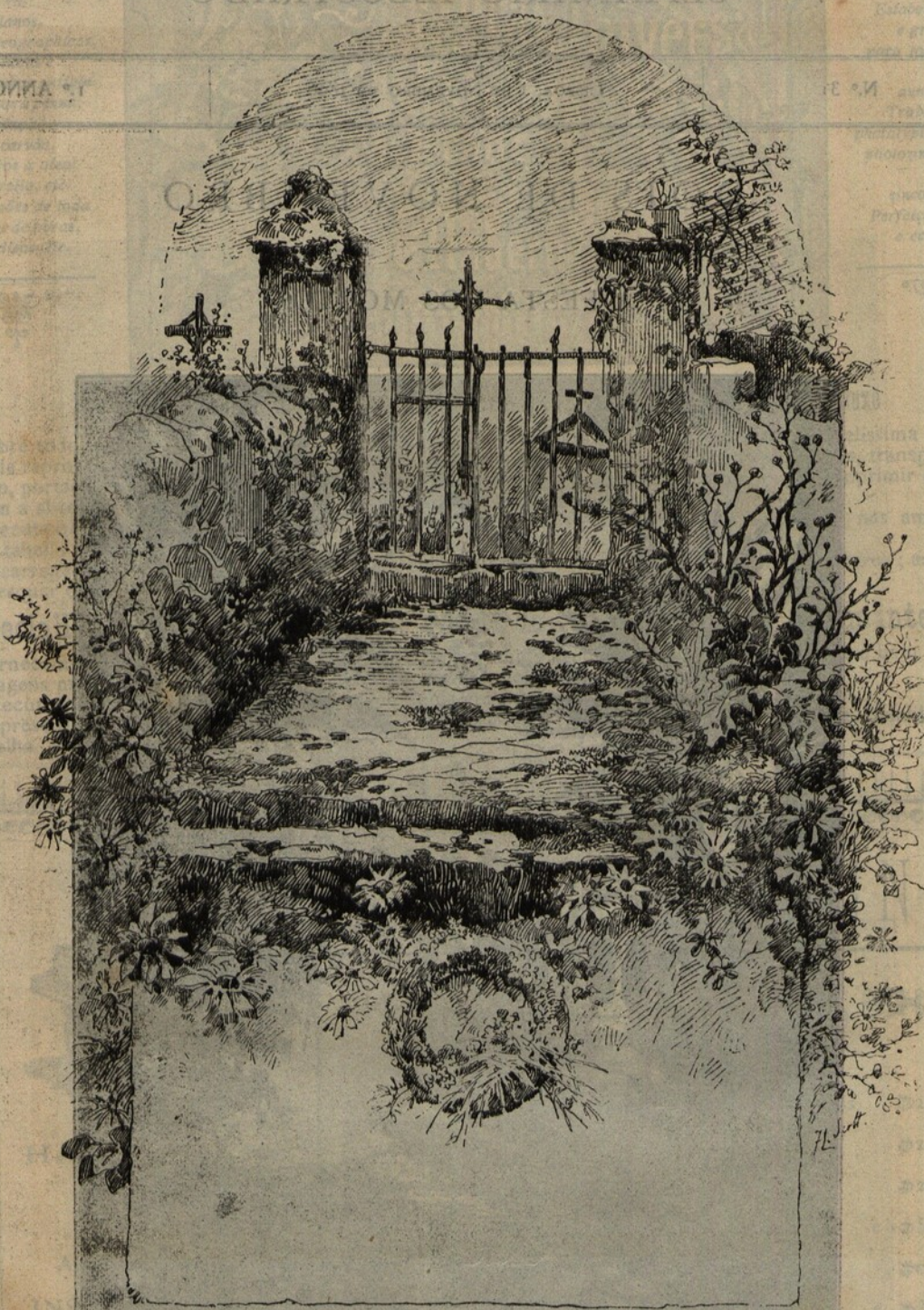


LISBOA — O CEMITERIO DOS INGLEZES — A fachada da capella

LEMBRAM agora, n'este dia baço de saudade, todos aquelles que descêram á terra do Esquecimento, — velhos amigos, camaradas d'outros tempos, que se dissolvem tranquillamente na fria solidão. E' amanhã o dia de conversar com elles. Manhã cedo, antes que os outros comecem de intervir na placidez d'esse jardim da Morte, vamos nós sentar-nos sobre a pedra gelada das sepulturas e confessional-os. Muito ha que

dizer e muito nos têm elles para contar. Ha quanto tempo ! ha quanto tempo ! . . . Como deve haver angustias n'aquella podridão, como deve haver desalentos. Ninguem na terra se lembra hoje d'elles. Levaram-os, por obrigação, por convenção. E uma vez livres d'aquelle pezadelo, eil-os que voltam desopprimidos, léves, sorridentes. E embrenhando-se pela Vida, perfurando caminho, traficando uns, curtindo maguas outros, esqueceram tudo no turbilhão que lhes absorve as faculdades.

Ahi têm os senhores um que é apenas lembrado por meia dúzia de fanaticos e que, no emtanto, encheu du



rante 50 annos, com a gloria rutila dos genios, toda uma litteratura. Enriqueceu livreiros e morreria pobre, se, do alto do Poder lhe não tivesse cahido, como uma esmola, nos ultimos amargos dias da sua vida, uma pensão.

Quantos se lembram hoje de Camillo ?

Tenho ainda hoje diante de mim a evocação do seu enterro que foi por uma noite de chuva e sem estrellas na Lapa. Gente enfasiada batia os pés nas lajes do corredor, fumando, enquanto o cadaver não chegava. Alguns tinham rosas na lapella. Lembrava o foyer d'um theatro, em noite de primeira. Contavam-se historias, esfregando as mãos cheias de frio ; e dentro, na igreja, allumiada por tocheiros collossaes, aos quatro cantos da eça, raras cabeças na sombra, ajoelhadas e constrictas. Rugiam muitos contra a massada estúpida que os tinha ali, n'aquella noite cõr de barro, sem lua ; e fartos, mettiã a cabeça ás portas, com os olhos no escuro, prescrutando os longes.

Emfim! foi um suspiro de allivio no peito dos basbaques. Elle lá vinha, lento e arrastando se, do lado do campo de Santo Ovidio. A luz das tochas riscava a treva, zigzagueando, assoprada por um vento glacido. E quando tudo parou ao fundo das escadas e que os padres desceram, sob guarda sóes, vestidos de branco e com a cruz ao collo, entraram todos de tropel na igreja, compondo maneiras, ageitando as casacas, dando tristeza ao rosto, solemnes e sumptuosos como se estivessem diante da machina photographica.

E eu lembrava-me da unica vez que na minha vida o vi, na Povoá de Varzim, e que dois minutos lhe fallei. Abancava elle no café David, ao lado de sua esposa, bebendo aos goles a sua agua com café. Foi pelo tempo do



CEMITERIO DOS PRAZERES — O monumento a Antonio Augusto d'Aguiar

incendio do Baquet. Eu offereci-lhe, em nome da comissão da imprensa do norte, o numero unico do jornal *Lisboa-Porto*. Camillo pegou-lhe, abriu-o, quiz ler. E como não pudesse, os seus labios franziram-se n'uma ruga de ironia suprema; e sorrindo:

— Lê tu alguma coisa, disse para sua esposa.

O seu cadaver estava alli e eu via ainda esse sorriso, que se ia perder nos olhos já sem brilho, cair sobre mim da cabeceira do seu caixão. E sem o desfitar, parecia-me que elle ia dizer outra vez, como na Povoá:

— Lê tu alguma coisa!

Agora, deitavam agua benta, os padres, entoando os ultimos psalmos, que reboavam pela nave como gemidos. E o caixão desceu da alta eça, saiu pela porta da igreja, e, muito rente com os muros, enfiou pela porta do cemiterio, ao lado. Caía uma chuva que chegava aos ossos; o vento agora andava mais pelo alto, mexendo nas ul-



GUINÉ PORTUGUEZA — Igreja matriz de Bolama

timas folhas dos cyprestres; e um coveiro, de lanterna na mão, ia, adiante, como um adail da morte, apontando o caminho. Em torno ao querido morto, por essas ruas transviadas e cheias de sombra, meia duzia de amigos seguiam absortos, olhando os sepulchros, que recuavam a sua brancura molhada, por traz d'uma vegetação sinistra e sem alma. E quando a lanterna parou ao longe, junto da casa dos ossos, e que a fila parou, eu senti perto de mim mais de um suspiro entrecortado, lancinante por ser fraco, commovedor por sair d'um peito de homem.

Que differente o caminho, d'ess'outro que elle tanta vez andou, de Famalicão a S. Miguel de Seide, — caminho alegre, por entre muros de quintas, debaixo de arvoredos, ao sol do Minho, tão bello e tão cantante! esse caminho que eu fiz, alanceado e cheio de commoção, quando no Porto se soube a tragedia final em que o seu grande espirito se afundou!



CEMITERIO DOS PRAZERES — Jazigo dos bombeiros de Lisboa

A'manhã, em todos os cemiterios de Lisboa, dá-se a grande funcção annual dos mortos. A' porta dos jazigos e sobre os humildes covaes perfumados por rosas de trepar, ajoelhadas e constrictas, as almas vão pedir ao silencio dos tumulos noticias dos que já lá estão. Desfila a grande procissão da Dôr, de mistura com os que vão foliar pelas ruas ajardinadas d'esses parques da morte; o desespero que precisa fugir a todas as vistas e afogar-se á sós em lagrimas sentidas, vae de manhã cedo enfeitar de ramos de flôres o caixão onde estão sepultadas as suas illusões mais caras. Pelo dia adiante, ranchos que usam petiscar fóra das portas, assaltam os cemiterios, gritando, empurrando-se, ganindo: — começa a grande pandega annual dos borrhachões pelas ruas até allí povoadas apenas pelo silencio austero das sepulturas.

Emtanto, labios rentes á terra, alheio ao borborinho que em roda alastra, vae o luto sincero ciciando orações baixinho, confessando a sua magoa aos vermes, o seu desalento e os infortunios que torturam a alma. Alongando a vista pelo horisonte circundado de tumulos é pittoresca a perspectiva, e compovente. Furam a luz baça do die as luzes que tremem nos jazigos, assopradas por um vento arripiante. E de quando a quando, um choro ininterrupto, lento como um desfiar de contas de rosário, eleva-se como uma prece de saudade para o alto.

Oh! como os Mortos devem estar a est'hora contentes no seu frio leito!

JOSÉ SARMENTO.

DIA DE FINADOS

Triste e dolentemente reclinada
Na cama onde o marido fallecera,
A pallida condessa, côr de cera,
Pensa no bello tempo em que era amada.

Levanta uma cortina uma creada,
Velha celibataria, uma megera
Que usa no rosto uma comprida pera,
De cabellinhos brancos cravejada.

— Senhora, já são horas, diz a serva
De ir visitar á campa seu marido,
Passou de gente agora uma caterva.

Vendo um gesto de enfado comprimido,
A velha quarentona então observa
Que o dia é de finados conhecido.

*
*

Ergue-se a condessinha então do leito,
Fazendo com desdem uma careta
E enverga a farpellinha muito preta,
Muito conchegadinha ao niveo peito.

Compõe o veu de crépe já desfeito,
Uma corôa tira da gaveta
E parte, mais veloz que um estafeta,
Com rosto pouco alegre e satisfeito.

Ao transpôr o portão do cemiterio,
Sente uns passos meudos e pausados,
Avançando com medo e com mysterio.

Livra-se do cortejo dos finados,
E escolhe um sitio só e muito serio.
Para os seus padre-nossos maguados.

*
*

— Amo-a, minha senhora, e loucamente,
Sinto por *vocelencia* sympathia!
— Deixe-me orar, senhor... Avé Maria
Cheia de graça... — Então? — O' que insolente!

— Juro, minha senhora, e firmemente
O nó consigo dar e qualquer dia!
— Sou viuva, senhor... Santa Maria
Rogae por nós... — Então? — Vem ali gente!

Andaram a accender de noite as luzes
E alguém viu a condessa, a tal senhora,
Mais elle conversando sobre as cruzes.

Dizia o typo assim: — Vamos embora,
Que os homens são, condessa, uns alcatruzes
E o casamento a canga de uma nora!

ESCULAPIO.

ESTORIL — CASCAES

(ASPECTOS)



ESTORIL. — A praia e a linha ferrea

A linha ferrea de Cascaes, toda pela beira-rio, é a mais bella que temos no sul do paiz e faz lembrar extraordinariamente a que, partindo de Marselha atravessa S. Raphael, Monte Carlo, Nice e vae costeando o Mediterraneo internar-se na Italia. A cada passo se topam estações em fórma de *chalets*, com seus tijolos côr de chocolate e trepadeiras florindo. Nos terrenos que da banda direita bordam a linha erguem-se alegres *villas*, cantando todas, d'entre sebes tuffadas de flôres, epithalamios felizes. E' ali que se respira o bem estar da fresca solidão, que vem embalsamada com a brisa do mar largo e o perfume das rosas. Ha verdadeiros ninhos escondidos, que do comboio mal se enxergam e que parece atirarem de longe ao silvo agudo da locomotiva um adeus de pirraça.

Aos domingos e dias santos, quando o sol é claro e temperado vão as carruagens peçadas, quasi a largarem por fóra, tal a attracção que o mar produz nos lymphaticos da capital, que vão sorrir ás aguas, desde manhãzinha até ao anoitecer e procurar fortificar-se no ar puro e salgado que vem de longe. Organizam-se bellos ranchos que vão descendo em cada estação, — desde Belem até Cascaes. Para os que ficam na primeira, cifra-se a viagem n'um pretexto para entrarem e sahirem de um comboio, n'um pandego alvoroço de quem vem de longes terras e pisam pela vez primeira um chão desconhecido. E' vêr os gritos com que o Tejo é saudado, — o Tejo, que os senhores têm ahí á mão, desde Santa Apolonia até ao Caes do Sodré. Mas foram no comboio de Cascaes! E a illusão completa-se com um pouquinho de boa vontade e de imaginação.

Os que vão, porém, té mais arriba, — Carcavellos, Oeiras, Estoril, — alcançam fóros de mais audazes e... de mais ricos. Porque, até hoje, as empresas de



ESTORIL — Chalet do sr. Driesel Schroeter



ESTORIL — Avenida Maria Pia

vias ferreas ainda não chegaram á perfeição de baratearem as linhas em ródá de Lisboa, á semelhança do que se faz em França e na Inglaterra; de modo que uma familia composta de cinco pessoas gasta na viagem de ida e volta para Cascaes, só no transporte, tres mil e quinhentos réis!

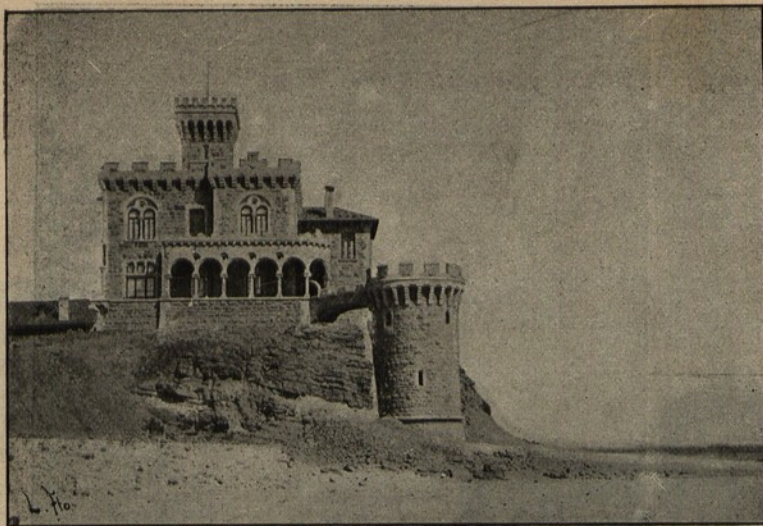
E' caro de mais para um paiz tão pobre.

O Estoril foi a principio um pedacinho de terreno em que ninguem pensou, a não ser quando o atravessavam por qualquer circumstancia para ir a Cascaes. O primeiro que lhe achou um certo encanto e que notou bem a sua topographia, edificou um *chalet* para passar os ardres cálidos do verão. Atraz d'este outros e outros vieram; formou-se depois a Companhia do Mont'Estoril para do oiteiro agreste fazer um horto admirável de verdura, e



ESTORIL — Chalet do sr. Almeida Pinheiro

póde dizer-se que, hoje, o Estoril é uma das praias mais concorridas nos arredores de Lisboa, incontestavelmente a mais bella de Portugal e uma das mais formosas e pittorescas da Europa. Não ha na península estação de sol que se lhe possa comparar e as mais bellas praias de França, Biarritz e Arcachon, por exemplo, são-lhe muito inferiores. Para encontrar alguma coisa que o eguale teremos de caminhar mais para o sul da França, de penetrar na encantada Provença dos laranjaes odoriferos e de n'um itinerario de viagem de noivos, tomar o caminho de ferro de Marselha a Genova seguindo até Saint-Raphael, Menton, Cannes e Nice, esses ineffaveis ninhos de sol e lilazes, dependurados sobre as ribas do Mediterraneo azul. Com a differença porém que o Estoril, abrigado por extensas máttas de pinheiros que se tem ido plantando á medida que se tem ido po-



ESTORIL — Chalet do sr. João Martins de Barros

dâhs dos chalets, sob largos toldos de cores rutilantes, lindas raparigas, de *toilettes* claras e rosas nos cabelos inda húmidos do banho, lêem e conversam, preguiçosamente recostadas em cadeiras da ilha; das ruas largas dos parques, cheias de sombra e de frescor sahe uma chilreada doce de creanças, brincando, e as notas d'algum piano coadas detraz dos cortinados de seda das janellas murmuram a dilacerante Sonata Passionata de Beethoven.

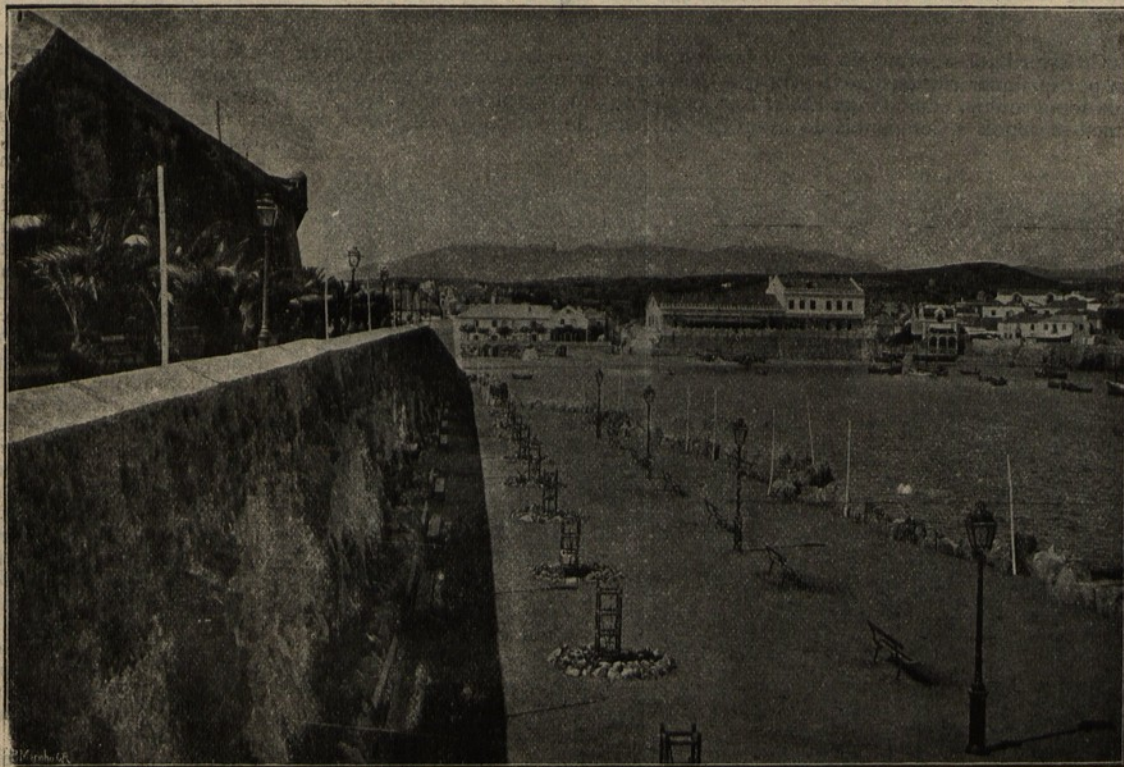
Ha no Mont'Estoril villas formosissimas. O chalet de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia é como se vê da gravura que damos, encantador de simplicidade e elegancia, e á primeira vista revelante do singular *raffinement* artistico da loira princeza; o de Carlos Anjos é sumptuoso de luxo, revestido interiormente de magnificos frescos e collocado n'uma eminencia d'onde domina todo o incomparavel golpho; o que pertenceu ao conde de Moser, o do milionario Barahona de Evora, aquella doce Villa do Rio, cheia de salgueiros e de aguas parantes, o do sr. Marianno de Carvalho entre o pinhal, o do sr. Manuel Emygdio da Silva, a cuja iniciativa talentosa se devem alguns dos grandes melhoramentos do Mont'Estoril, um dos quaes é a illuminação electrica, cujos focos desabrochando em flores de luz na treva do pinheiral produzem um singular effeito. E além de muitos outros, o esplendido edificio do Hotel Club que pertence á Companhia Mont'Estoril.

O convento de Santo Antonio do Estoril hoje convertido em vivenda particular, com uma cerca deliciosa, uma matta densissima de pinheiros e ruas cheias de sombra, marca o fim do Mont'Estoril e d'ahi para diante é

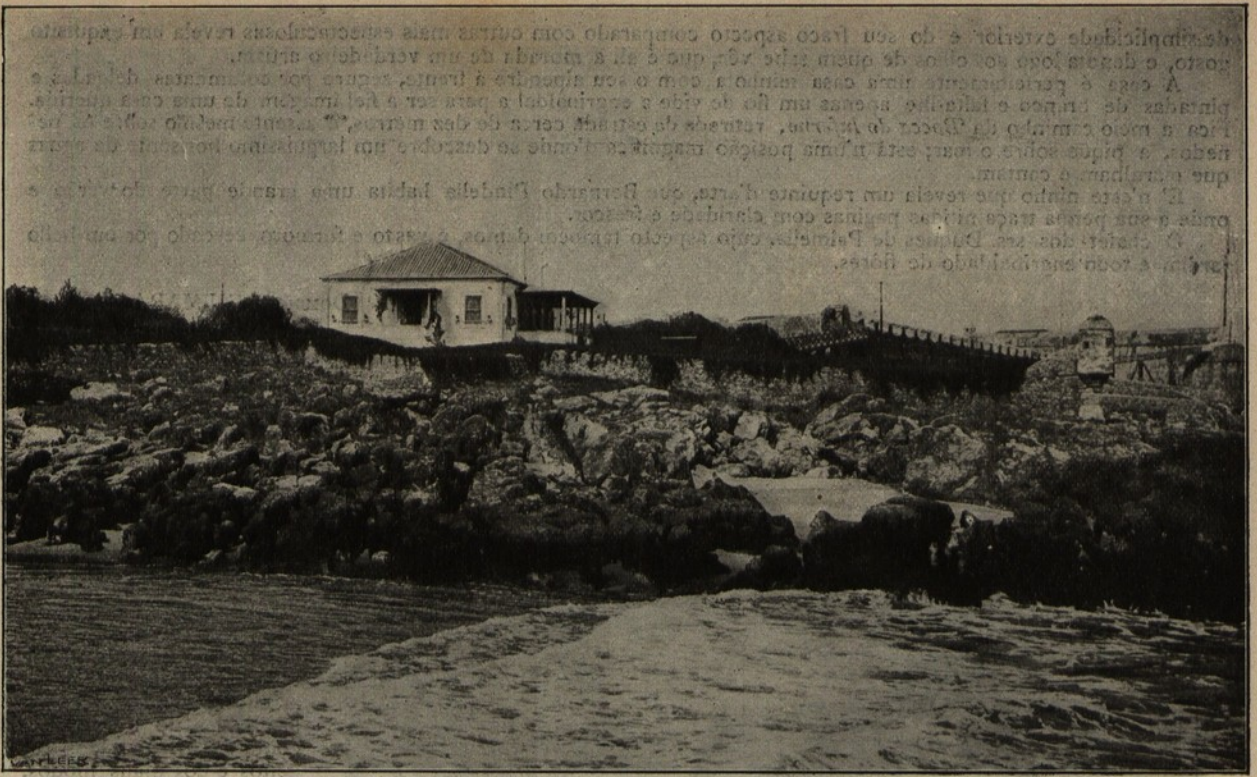
voando, não é tão cruelmente batido pelas aragens frias da tarde como as cidadezinhas mediterraneas, as quaes o vento aspero e cortante de Frejus fustiga desapiadadamente.

O Mont'Estoril se pôde a alguém lembrar um pouco, pelo silencio aristocratico de vida no bre que um retinir de pregões de vendedores não córta, a Granja, praia rendilhada e minuscula que fica na linha ferrea do Porto a Lisboa, tem porém muito mais vastidão e encanto de horisontes. Mas é apenas um retiro para felizes, pois que a classe mediana, a tal que fica de Belem até Algés, vae ali apenas de visita, quando a quando, demonstrando-se um dia a vaguear pelo meio dos pinheiros ao ar sargaçal e vivo, ou a petiscar á beira-mar os farneis que levaram de suas casas, acondicionados em cestinhos de verga.

Pela estação vernal, nas terrasses das villas e nos veran-



CASCAES — O Passeio Maria Pia, o Passeio D. Carlos e a praia de banhos



CASCAES — Casa do Conde de Arnoso

propriamente o Estoril e S. João do Estoril, praias deliciosas com magníficos jardins e graciosos chalets e variados estylos e de bizardos recortes. D'entre elles destaca o do sr. Ernesto Driesel Schroeter arrendado e elegante, e o *chateau*, architectura seculo XIII, construido pelo mallogrado professor da Escola Marquez de Pombal, Cesar Ianz, para o sr. João Martins de Barros.

Esta construcção teve por motivo a cura que, aos bellos ares d'esta estancia deveu uma sua gentilissima filha, e é, como se vê da gravura, uma edificação magnifica com uma ampla varanda sobre o mar. Entre os chalets de S. João, notam-se o de Guilherme Santa Rita, o do dr. Reis Torgal e o do sr. Matta.

Ha tambem dois bellos edificios de banhos: o de Santo Antonio do Estoril e o da Poça.

*

Cascaes differe muito d'esta praia. Ha os mesmos aspectos da natureza latejante, pinheiros e mar, a mesma impressão sagrada dos poentes de coral e oiro, as mesmas manhãs loiras em que a luz fere e cega, os mesmos azues virginosos, lavados e altos de porcelana fina e translucida. Mas faltam-lhe os viveiros de rosas, os jardins, as flôres. A sua população é mais misturada, mais cosmopolita e comquanto o aspecto principal seja o de praia aristocrata, da côrte, assiste-se já ali á tiragem das redes e ao stoicismo da lucta, quando á pôpa d'um barco vo-

bre a ondulação glauca da agua, a representação da Miséria épicamente humanizada. E' ali que Suas Magestades, os Reis de Portugal, fazem a sua temporada de banhos, o que não impede que as classes menos abastadas e mais modestas lá procurem tambem um repouso salutar ás lides de todo o anno. E' tambem a mais frequentada pelos *touristes* de Lisboa, que aos domingos, vão de passeio até á *Bocca do Inferno* pela bella estrada em *macadam* aberta á beira dos penedos em que o mar vem bater.

Uma das habitações mais pittorescas de Cascaes é sem duvida a do Conde de Arnoso (Bernardo Pindella) secretario particular d'El-Rei, que apezar da sua gran-



CASCAES — Palacete dos duques de Palmella

de simplicidade exterior e do seu fraco aspecto comparado com outras mais espectaculosas revela um exquisito gosto, e denota logo aos olhos de quem sabe vêr, que é ali a morada de um verdadeiro artista.

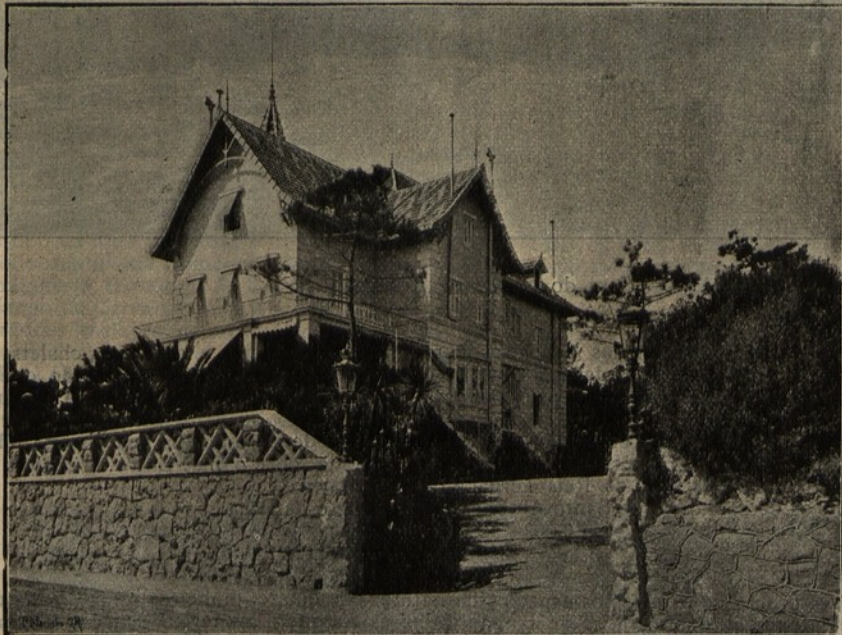
A casa é perfeitamente uma casa minhota com o seu alpendre á frente, seguro por columnatas delgadas e pintadas de branco e falta-lhe apenas um fio de vide a engrinaldala para ser a fiel imagem de uma casa querida. Fica a meio caminho da *Bocca do Inferno*, retirada da estrada cerca de dez metros, e assente mesmo sobre os pedregalhos, a pique sobre o mar; está n'uma posição magnífica d'onde se descobre um larguissimo horizonte de aguas que marulham e cantam.

E' n'este ninho que revela um requinte d'arte, que Bernardo Pindella habita uma grande parte do verão e onde a sua penna traça nítidas paginas com claridade e frescor.

O chalet dos srs. Duques de Palmella, cujo aspecto tambem damos, é vasto e formoso, cercado por um bello jardim e todo engrinaldado de flôres.

DOMINGOS GUIMARAES.

O CHALET DA RAINHA D. MARIA PIA, NO ESTORIL



Chalet da Rainha D. Maria Pia

Alfacinha dos quatro costados, achei, em contrario ao que succede á maioria dos meus amaveis compatrioticos — chauvinistas por temperamento — alguma coisa de mais encantador e de mais delicioso que os arredores de Lisboa: — os arrabaldes do Porto; dar conta das visagens, dos tregeitos e dos maus modos, que me teem resultado da parte dos meus queridos lisboetas, por ter tido a sinceridade de emitir franca e desassombradamente a minha opinião a tal respeito, seria caso para largas divagações; mal sabem os meus bons amigos do norte o que eu tenho soffrido por causa das minhas sympathias pelos lindos pontos de vista, pelos interminaveis horisontes, pelos accidentados caminhos, pela belleza graciosa da paisagem d'aquelles arredores do Porto, inegalaveis de encanto e de frescura.

— Mas Cintra? Mas o Estoril? diziam os meus patricios.

Cintra é, sem contestação, uma estancia deliciosa e surpreendente; mas apparece-nos como um oasis no deserto, porque de Lisboa até lá a paisagem é arida e escalvada, apresentando, por vezes, um aspecto de desolação e de tristeza, que chega a confranger.

Agora o Estoril...; ao Estoril, vergonha é dizel-o, não fôra eu, e, portanto, quando me tocavam no assumpto, remetia-me ao silencio... até vêr.

E fui para vêr. E, se os pontos de vista são outros, se a paisagem é muito diversa da que observei no norte, seria d'um exclusivismo e d'uma injustiça flagrantes deixar de confessar que me encantou a formosa estancia, com que uma empresa constituída por homens arrojados e de bom gosto soube aproveitar, muito habilmente, os menores accidentes de terreno, a exuberancia da vegetação, e a originalidade do sitio, d'onde se gosa o mais brilhante e mais variado panorama que é dado contemplar.

De facto, de todos os arredores de Lisboa, aquelle que, pela sua encantadora situação, pela belleza, variedade e elegancia das suas vivendas e chalets, mais satisfaz o gosto dos que teem alma de artista e mais impressiona até os que pela arte teem a mais soberana indiferença, é incontestavelmente o Estoril, nos seus tres aspectos: S. João, Sant'Antonio e Mont'Estoril, que representam as tres gradações sociaes e financeiras das familias que n'elles vão construindo as suas vivendas.

O que, porém, domina a todas, é, por sem duvida, o Mont'Estoril, onde nos sentimos — tal é o pittoresco do sitio — como que transportados a um paiz extranho; por que cumpre declaral-o, foi com o intuito de crear, entre nós, uma estação de banhos, capaz de rivalisar com as mais notaveis de lá de fora, San Sebastian, Biarritz e Trouville, por exemplo, que se fundou a empresa do Mont'Estoril.

Descrever a innumera variedade de vivendas e chalets, de todos os generos e feitios que alli se encontram, seria larga tarefa; por agora limitar-me-hei a descrever a encantadora vivenda alli mandada construir pela Rainha Sr.^a D. Maria Pia.

Do seu aspecto exterior, mais do que as minhas palavras, diz a primeira gravura que acompanha esta ligeira noticia. Simple e elegante, tem comtudo um quê de nobreza que lhe soube imprimir com o seu privilegiado talento o notável architecto o sr. Rozendo Carvalheira, a quem foram incumbidos os projectos e direcção de toda a obra.

Internamente, este chalet allia a um extremado bom gosto e a uma riqueza de adornos pouco vulgares, todas as condições de conforto exigiveis em residencias d'esta ordem.



CHALET DA RAINHA D.ª MARIA PIA, NO ESTORIL — O salão

A obra de marcenaria, d'uma perfeição superior ao que pôde imaginar-se, foi levada a cabo pelo sr. Frederico Augusto Ribeiro, bastante conhecido pela consciencia com que elle se desempenha dos trabalhos que lhe são entregues; foi igualmente nas suas importantes officinas que se fabricaram todos os *parquets* do chalet.

Os trabalhos de talha, em nogueira sobre *panneaux* de olho de perdiz, foram confiados ao habil entalhador Guilherme Coutinho, que se houve primorosamente.

As pinturas são devidas a um dos nossos mais brilhantes pintores, Antonio Ramalho, que, mais uma vez, teve occasião de ostentar os seus extraordinarios dotes de artista.

A casa de jantar, toda á Luiz xv e construida segundo as indicações e desejos da rainha sr.ª D. Maria Pia, ficou de um rigor estranho, nos seus mais minuciosos pormenores, o que bem manifesta a alta competencia e os vastos conhecimentos que da sua grande arte tem Rozendo Carvalho.

Trabalhos ha mais ainda dignos de especial menção, como a varanda do terraço, a cancella da entrada a carvalho e ferro, tudo d'uma singular originalidade artistica, o que tudo dá á graciosissima construcção o aspecto grandioso de residencia regia, que é.



HENRIQUE MARQUES.

CHALET DA RAINHA D. MARIA PIA, NO ESTORIL — Sala de jantar.

THEATROS



COM o começo dos primeiros frios, n'este outomno amarello, recolhem ao ninho todas as aves que andavam erradias pelas ribas do oceano ou por sob as frondes das velhas arvores. Abrem os theatros e os salões, recomeça a vida buliçosa, enchem-se as ruas de mulheres bonitas que entremostrom por entre as pellicas e as *foures* o lindo rosto em que o frio põe os primeiros tons violeta. Já o bello fogo claro crepita nos fogões; e pelas salas iniciam-se as primeiras valsas e ferem-se os torneios amorosos.

Inverno, velho Inverno, eu te saúdo! E's tu que dás alento ao coração e o fortificas para a grande lide dos madrigaes em verso; tu, que trazes escondido nos refegos da tua capa todas as seducções e todas as tentações, as delicias voluptuosas que torturam a carne e os anceios que enlouquecem o espirito. De longe eu te conheço, ouço o palpitir das tuas azas batendo as folhas e espalhando-as pelo

chão; vejo-te nos turbilhões do primeiro vento agreste que sacóde tudo; sinto o pulsar das tuas veias nos primeiros lumes que se accendem, nos circulos que se estreitam nos pequenos e quentes *boudoirs*, puxando á intima conversa, ás confissões ditas a meia voz, emquanto tu lá fóra assobias a monte, espavorindo os que te arrastam, com uma inclemencia temerosa e um ciume de dragão que guarda o palacio d'alguma Princeza encantada.

Por isso eu te saúdo e bemdigo, velho conviva amavel d'esta festa perpetua!

Abriam já, esta epocha, os theatros.

A Trindade dá nos a *Gata Borrallheira*, — não essa historia da carochinha que foi nossa delicia nos primeiros annos, quando nesses passos eram ainda incertos e a intelligencia desabrochava apenas, — mas uma historia mais complicada em que, aqui e além, apparecem episodios da lenda, mal aproveitados, tirando-lhe o effeito que o nosso espirito reclamava, fiado ainda no titulo que nos accordava vagas reminiscencias de alegres momentos ao serão, quando a velha avó nos adormecia carinhosamente no regaço.

Todo esse encanto desaparece mal que se começa a ouvir a peça, que é uma adaptação da *Cendrillon* franceza, com ditos felizes quando a quando, situações encantadoras e picaras, grandes perspectivas de scenarios vistosos! Mas a lenda...

Oh! a lenda toda a gente a conhece. Ella marca, na nossa meninice, uma epocha d'oiro, em que o phantastico tinha para nós toda a seducção e nos transportava, radiantes, a esse paiz de sonho onde vivem as fadas e as princezas. Por isso hoje, percorrida a Vida, quasi a meo da carreira, volta a gente os olhos para esse passado e reconstrue toda a alegria transbordante que nos ia na alma ao ouvir as primeiras palavras do conto: *Era uma vez...* E logo os olhos se arregalavam, avidos, e o nosso espirito se concentrava todo nos labios da narradora, que dizia, na sua voz suavissima e musical, o episodio do sapatinho de crystal perdido n'uma noite de baile e encontrado por um bello principe que se dispõe a casar com aquella a quem elle servir.

Como tudo isso vaé longe e como nos é grato recordal-o agora!

Recordações, recordações! Mas por ventura não foi assim que nós todos a imaginámos no deslumbramento

do nosso sonhar azul de creanças, á pobre *Gata Borrallheira*, linda e humilde, inefavel de encanto? Não foi assim, tal qual a vemos agora em Rosa Paes, na graça em flôr do seu sorriso primaveril, na candura luminosa que do coração lhe brota e vem aos claros olhos debruçar-se? Assim tão feiticeira, d'encantar almas de poetas, bem se percebe que o gracioso príncipe, o lindo príncipe que é Palmyra, ponha toda a doçura da sua voz aromal, de velludo e prata, para prender no seu vôo d'andorinha errante a desherdada e á procura d'ella corra o mundo todo, o mundo todo da visão que é afinal o maior de todos os mundos?

Rosa Paes é uma gorgeante e matinal organização de ingenua dramatica adoravel de singeleza, de talento, de graça, cujo logar é no Normal onde, sem sombra de qualquer duvida, será a primeira entre as actrizes novas que lá trabalham.

*

As outras casas de espectáculo estão já também em plena actividade. D Maria que abriu arejando o repertorio velho, deu-nos, para estreia de Chaby Pinheiro, um actor novo que é d'esta vez um cerebrado também, a deliciosa comedia allemã *O Tio Milhões* em que Rosa Damasceno tem uma das suas grandes creações—tão finamente detalhada como aquella encantadora *Suzel do Amigo Fritz*, e Augusto Rosa um dos mais rutilos papeis da sua vasta galeria, quanto a mim, a terceira das suas creações, oh, de verdadeiro talento como o D. Cesar e o pintor blasé do *Fim de Sodoma*.

Agora acaba de fazer *reprise* da velha comedia de Sardou *Os Intimos*, peça que sendo das primeiras do dramaturgo traz já em si embrionarias as qualidades de dramatisação vigorosa, de movimento scenico, de agilidade e calor de dialogo, que mais tarde, alargadas, deviam servir a Victorien, como grande carpinteiro de theatro que é, para montar a sua *Patrie*, *Haine* e *Fedora*. *Os Intimos*, porém, para quem não conheça as outras comedias de Sardou, *Os dominós negros* por exemplo, surprehe pela ligeireza de urdidura com que é tecida e pela observação maliciosa por toda ella espalhada. O thema, velho e velho, tem sido fartamente explorado pelos escriptores do theatro que depois vieram. Mas, a bella interpretação que a peça agora teve, resgata-a amplamente d'esse senão. Rosa Damasceno, Augusto e João Rosa, Ferreira da Silva e Augusto de Mello deram um superior relevo aos seus papeis, ao passo que os restantes satisfizeram dentro dos seus recursos.

A traducção d'esta vez é boa, e, pelo visto, era preciso ir exhumar do archivo do theatro uma peça antiga para se vêr uma traducção correcta. Realmente, por vezes causa pena ver os esforços que os primeiros actores d'este theatro empregam para attenuar as bastas incorrecções, as durezas, os arrevesos de construcção grammatical de certas traducções. No emtanto, tal mal resulta, justo é confessal-o, de uma lamentavel transigencia que faz com que as traducções em vez de serem confiadas a pessoas intellectuaes, a homens de letras, sejam adjudicadas a subalternos do jornalismo e a creaturas d'uma mentalidade verdadeiramente inferior.

Os Intimos deverão portanto conservar-se bastante tempo em scena e a elles se seguirá *O Judeu Polaco* de Erckman-Chatrion, peça que não é por certo a melhor dos fecundos e populares romancistas alsacianos, um arranjo d'uma comedia de Shakspeare, o *Filho Natural* de Dumas e um drama italiano primorosamente vertido pelo nosso amigo e distincto escriptor sr. Pedro Videira.

Parece também que subirá á scena a traducção d'uma d'essas peças capitaes da dramaturgia moderna, de empolgador entrecho, capaz de calafriar a platéa, deixando-a arquejante e submissa, e destinada não só a provocar um largo successo de discussão, como a, por muito tempo, viver no cartaz.

Em D. Amelia, o confortavel e elegante theatro, succedem-se os variados espectaculos da troupe de zarzuela, de que é primeira estrella Luiza Campos, por sem duvida a actriz do genero mais distincta em theatros d'Hespanha. No Gymnasio, Joaquim d'Almeida, o notavel actor cuja gamma é a de maior extenção pois vae desde o drama até á magica, passando pela alta comedia, pela comedia de costumes, pela farça, pela opera bufa, faz rir perdidamente os espectadores na incrível *pochade* *A carteira de D. Pepito*. Na Rua dos Condes representa-se a *Cossaca* e está em ensaios *A sorte grande*, opereta traduzida por D. João da Camara, em que Angela Pinto, a nossa primeira actriz de opereta tem uma espléndida creação; emquanto no Real Colyseu o publico applaude as vidualidades do animatographo, a graça do Frégoli portuguez e a formôsa *Paquerette*, n'uma *moue* entre simplória e sarcastica, diz no puro francez de Montmartre, as hesitações d'uma provinciana.

DOMINGOS GUIMARÃES.

BELLAS-ARTES



GUARDANDO GADO — (Quadro de Silva Porto)

VIAGENS NO PAIZ

(X)

A VILLA DE AMARANTE

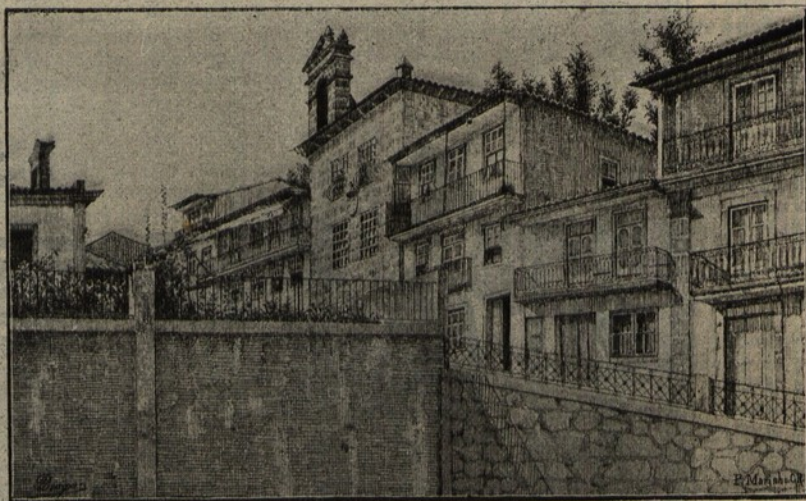
(Conclusão)



Camponezes da aldeia de Freiriz

para levar a prosperidade a outras terras mais afortunadas... Amarante, pois, é hoje essencial e quasi exclusivamente agricola. As suas produções principaes são — o milho, o afamado vinho verde e magnificas fructas, especializando os decantados pecegos, avelludados como os olhos, e carmineos como as faces das raparigas da minha terra, sadias e regorgitantes de vida... No entanto, na povoação de Padornello, a poucos kilometros da villa, existe uma importante fabrica de lanificios, cujos productos rivalisam com os das mais aperfeiçoadas do nosso paiz.

Amarante, que se orgulha de ter sido berço de João Pinto Ribeiro, o heroe de 1640 e de tantos homens illustres na sciencia e nas letras, na virtude e na guerra, e que chora ainda sobre as sepulturas de Constantino Abreu de Vasconcellos, espirito tão modesto quanto profundo, do Padre Sertorio Guedes de Carvalho, a que me referi — o cidadão prestimosissimo e o mestre incomparavel; de Santos Monteiro, o prégador substancioso e correctissimo; do dr. Sebastião Nogueira Soares, cirurgião-mór do exercito, intelligencia lucidissima e coração diamantino, tão tragica e prematuramente arrepassado ao sepulchro; ufana-se sobre maneira de ter visto nascer em seu seio o conselheiro Antonio Candido, que ao mesmo tempo que attingiu as culminancias do poder, representa a culminancia da eloquencia do nosso tempo, essa eloquencia extraordinaria em que se não sabe o que admirar mais — se a elevação do conceito, se a impeccabilidade e o atticismo da forma; Teixeira de Vasconcellos, deputado, ex-governador-civil de Vizeu, cuja obsessão permanente é o progresso da sua terra; Victo-



Rua da Cadeia, e cadeia da villa

rino Larangeira, capitão d'engenharia, lente da Escola Polytechnica do Porto, e vice-presidente da camara da mesma cidade, intelligente e sympathico como poucos; o dr. Antonio de Sousa Pereira, reitor do Lyceu e advogado de altissimo valor; o dr. Domingos Dias da Costa, delegado do Procurador Regio em Braga, ao mesmo tempo espirito beijado pela inspiração poetica e magistrado illustradissimo e honesto; o dr. José Monteiro da Silva, de que já fallei; o general Fernando de Magalhães e outros ainda.



A serrar taboas de pinho

Para terminar este artigo *à la diable*, feito sobre o joelho, que só o appello que o meu caro Domingos Guimarães fez á nossa velha amizade e camaradagem litteraria em Coimbra e o tratar da minha querida Amarante de que me separei com agua e saudade, ha seis annos, pelas exigencias da vida official — me poderia obrigar a escrever, conhecendo, como eu conheço a minha insufficiencia de aptidão e de tempo, eu vou contar ao correr da penna uma das lendas mais formosas da minha terra, que se entronca como quasi todas as de Amarante na vida de S. Gonçalo — a lenda de D. Loba.

Quando S. Gonçalo andava na difficil tarefa da construcção da sua ponte, succedia lutar com muitas difficuldades: umas vezes falta de operarios; agora era o rio que destruia os trabalhos feitos; depois a difficuldade na conducção dos materiaes por falta de carros e gado. N'uma d'estas occasiões lembrou-se o santo de quem o poderia socorrer — era D. Loba Mendes, filha de Mem de Gondar e esposa de Diogo Bravo de Riba-Minho, moradora no seu solar da Torre, proximo a Padornello e cujas ruinas ainda se conservam como a lenda... Mas esta D. Loba além de ser orgulhosa, era avarenta em excesso, não repartia com os pobres e S. Gonçalo temia que ella lhe mandasse açular os cães ou açoutal-o pelos creados. Mas o Santo não desanimava por pouco; e depois de se encomendar a Deus e pedir-lhe o seu auxilio caminhou direito ao solar da Torre e fez-se annunciár.

— «Que entre o frade Gonçalo, respondeu D. Loba, para me divertir um pouco.»

O Santo é introduzido e pede-lhe conceda algumas juntas dos seus bois para conduzirem pedra para a ponte.

— «Concedo-vos aquellas que vós mesmo fordes buscar á pastagem e sem corda conduzirdes até á vossa ponte», respondeu D. Loba, sabendo que o Santo não conseguiria lançar mão de um só de todos os seus bois.

— «Dae-me ao menos um fio da estriga da vossa roca, diz Gonçalo e consintae que eu me sirva d'elle para junjar os bois.» D. Loba concede-lhe o fio, fazendo ecoar pelas abobadas do seu palacio uma sonora gargalhada. «Que poderia o tolo do frade fazer com aquillo? Ah! mas D. Loba empallidece e vae desmaiar! E' que o fio nas mãos do Santo transforma-se em magnifica corda e os bois vêem de motu proprio acercar-se de Gonçalo para que elle os junja á sua vontade.

D. Loba reconhece a intervenção e o aviso do céu, faz-se caridosa e boa, e quando morre lega os seus bens ao convento de S. Gonçalo com a condição de se dar esmola a todos os pobres que se acerquem da portaria. E isto se cumpre até á extincção do convento...

Que bonita lenda, apesar do anachronismo, para ser posta em verso por um poeta!

ALBERTO SILVEIRA.



Uma malha de centeio

Photographias do amator sr. A. T. Carneiro

Beja, 3-10-96.



VEGETAES... ANIMAES

(Aos adeptos de Kuhne)

1 e 2, Pêras... da municipal. — 3 e 4, Melões de todo tempo. — 5, Uvas que caem... de maduras. — 6, Morango de... leite — 7, Milho barbado. — 8, Couve flôr. — 9, Ginja. — 10, A cebola, a alface e o rabanete, saláda amorosa.

CELSE HERMINIO.

L. KUHNE

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS CONSELHOS ÀS MÃES, PAES E EDUCADORES

Alimentação; somno; distracção e occupação;
preceitos práticos auctorisados pela observação e pelo exemplo

TRADUÇÃO DE

LUIZ CARDOSO

1 Volume 200 réis. Pelo correio 220 réis

O NOVO SYSTEMA DE CURAR EXPOSIÇÃO, APRECIACÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

COZINHA VEGETARIANA

Tratado theorico e prático da alimentação segundo a natureza, por E. Baltzer, livro muito recommendado e citado por L. Kuhne na sua obra. Unico e verdadeiro tratado d'este genero e que indistinctamente convem aos que se tratam pelo systema Kuhne, ou pelo systema Kneipp, ou por qualquer outro systema. — Centenares de receitas e formulas para cozinhar os legumes, fructos, leite, farinhas, ovos, cacau, chocolate, pastelaria — toda uma cozinha variada, appetitosa, hygienica, saudavel e economica, segundo o systema do afamado hygienista L. Kuhne.

1 Volume 400 réis. Pelo correio 440 réis

A' VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ANTONIO MARIA PEREIRA

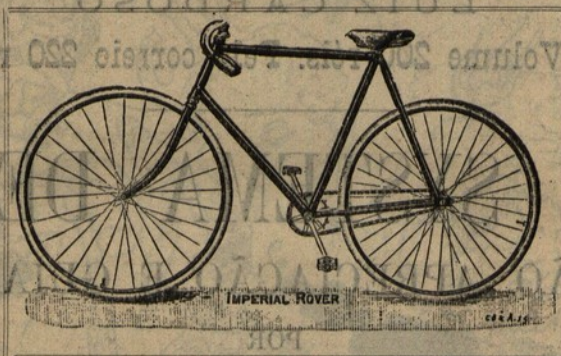
50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54

LISBOA

ROVER CYCLES

OU BOM
OU NADA

11 Primeiros
premios.
6 Segundos
premios



1 Diploma de meda-
lha de ouro.
1 Diploma de meda-
lha de prata.

Na Rover não ha uma unica peça que não seja de superior qualidade.

ESPECIFICAÇÃO

SELLA — brooks N.º B 10.

QUADRO — (55, 60 e 65 centm.) é do me-
lhor tubo Weldless (sem soldadura).

PEDALEIRO — 12 centm. de largura.

RODA DENTADA — desmontavel.

GUIADOR — reduzido.

PUNHOS — E. H.

AROS DAS RODAS — occes Westwood.

RAIOS — tangentes, reforçados nas duas ex-
tremidades.

PNEUMATICOS — da The Dunlop Pneu-
matic Tyre Co. Ltd.

GARPHO — do melhor tubo Weldless (sem
soldadura).

ALVADO — 12 centm. completamente imper-
meavel.

ROLAMENTOS — todas as caixas e rola-
mentos são feitos do aço DIAMANT, e
temperados por um processo particular.

NICKELADOS — sobre cobre.

ACABAMENTO — esmalte extra-brilhante e
adherente.

MANIVELLAS — quadradas.

PEDAES — Rover, impermeaveis.

CORRENTE — Renold.

Com material tão escolhido junto a um acabamento esmerado, obtem o
cyclista amador ou profissional uma machina de primeira ordem, tanto
para a estrada como para a pista.

DEPOSITO DAS "ROVERS,"
CASA FAVORITA

50 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 52

AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

BRANCO E NEGRO



A TOILETTE

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de toda
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.



PIANOS
HARMONIUMS
CORDAS
REBECAS
BANDOLINS, ETC.

ACCESSORIOS
PARA TODOS OS
INSTRUMENTOS
MUSICA

LAMBERTINI
43, P. DOS RESTAURADORES, 49
LISBOA

CASA LAMBERTINI

ARTIGOS NOVOS

SURDINA para violino, com molla.....	Réis	\$200
RESINA BONN (aceio, economia e qualida- de superior).....	"	\$240
RETININA para impedir que as cravelhas es- correguem.....	"	\$200
CAVALLETES de 4 pés, para violino e vio- loncello.....	" e	1 \$500
TECIDO IMPERMEAVEL , para conser- var as cordas, 15 cent.2.....	"	\$050
PREPARADO «BEDIVIVUS» para lavar os arcos e instrumentos, cada frasco	\$200	" e \$300
OLEO «PREMIER» para lustrar instru- mentos de corda e para as chaves dos instru- mentos de madeira, cada frasco.....	\$200	" e \$300

Estes artigos só se encontram n'esta casa

BRANCO E NEGRO

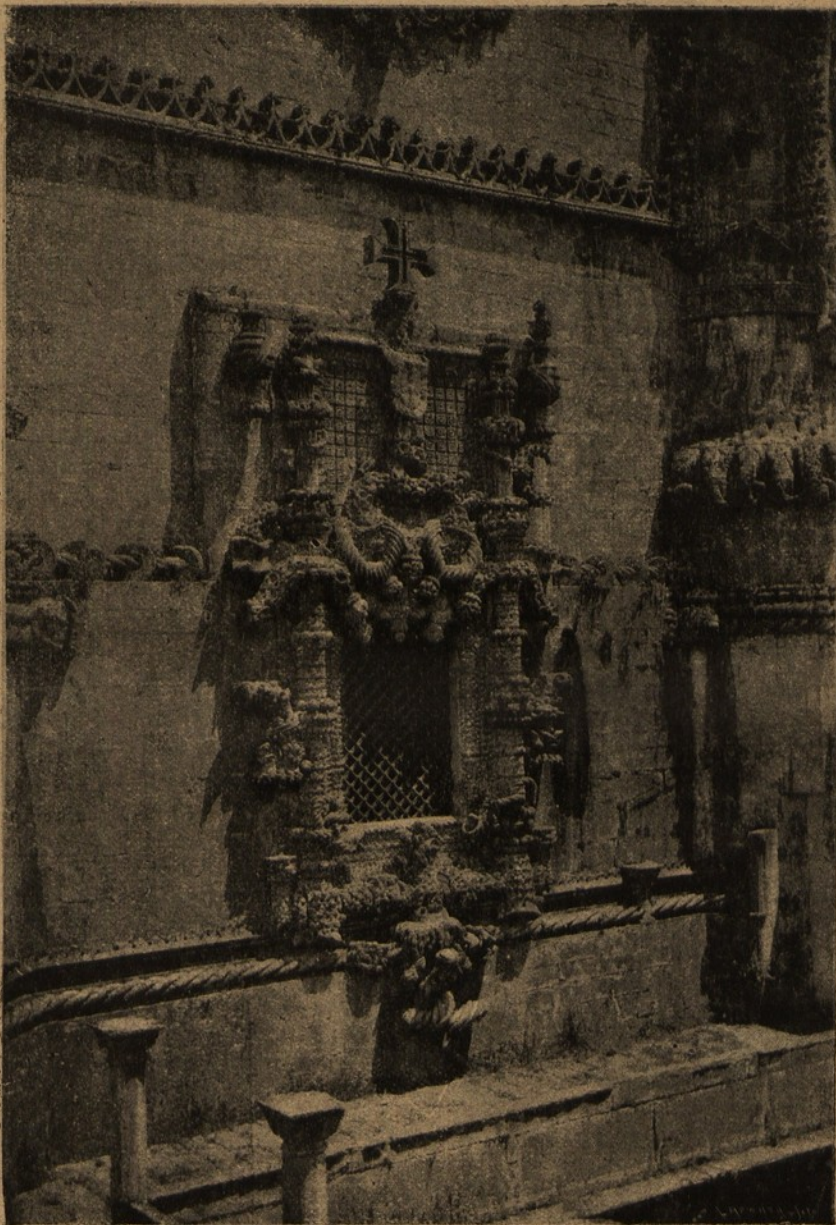
SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 32

LISBOA, 8 DE NOVEMBRO DE 1896

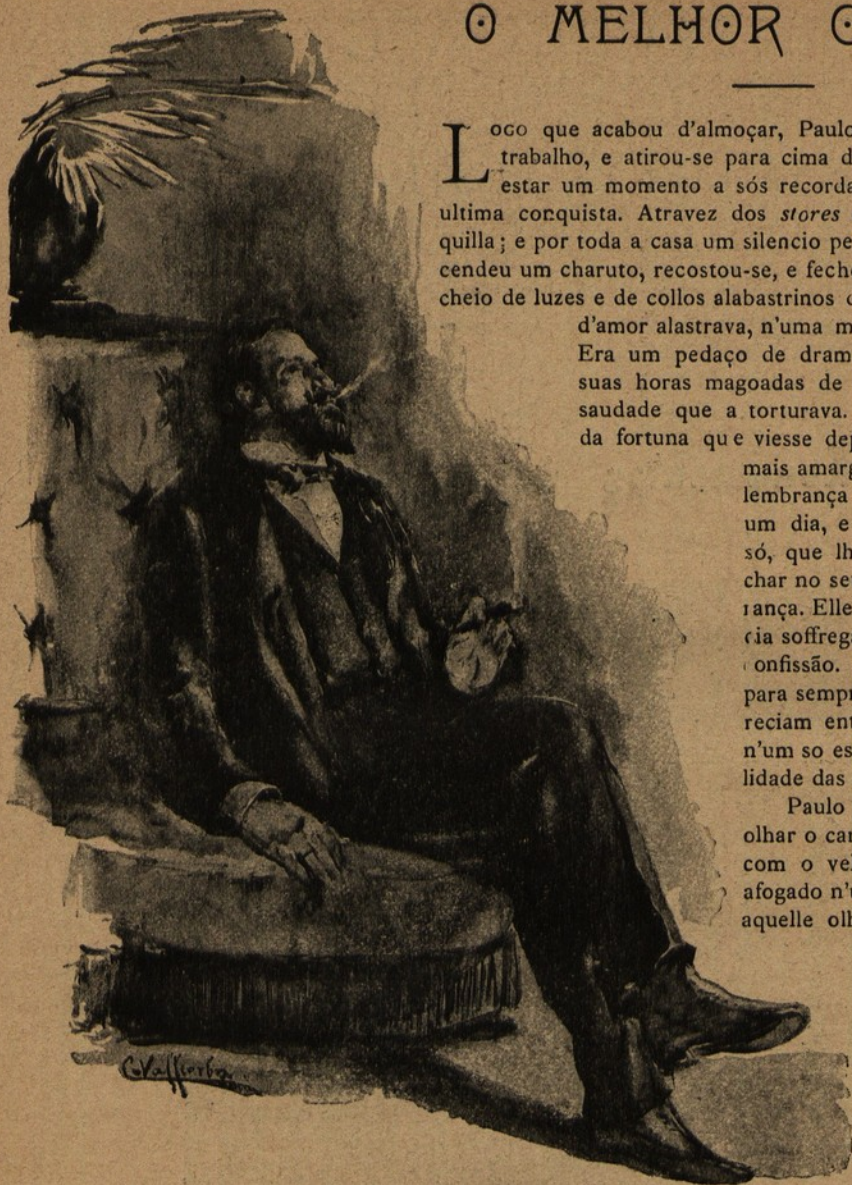
1.º ANNO

Monumentos de Portugal



JANELLA DA CASA DO CAPITULO DO CONVENTO DE THOMAR

○ MELHOR CAMINHO ○



Logo que acabou d'almoçar, Paulo fechou-se no seu gabinete de trabalho, e atirou-se para cima de uma poltrona, feliz por poder estar um momento a sós recordando com prazer ineffavel a sua ultima conquista. Atravez dos *stores* corridos coeva-se uma luz tranquillita; e por toda a casa um silencio pezava, propicio a devaneios. Acendeu um charuto, recostou-se, e fechou os olhos. Via ainda o theatro cheio de luzes e de collos alabastrinos de mulheres. No palco, um duo d'amor alastrava, n'uma melopeia deliciosa e ininterrupta. Era um pedaço de drama em que a creatura contava as suas horas magoadas de tristeza, os seus desalentos e a saudade que a torturava. Elle andava por longe, em cata da fortuna que viesse depôr-lhe aos pés; e, nos minutos mais amargos da sua solidão, era sempre a lembrança de que se havia de unir a elle, um dia, e fundirem as suas almas n'uma só, que lhe dava alento e fazia desabrochar no seu coração a verde flôr da esperanza. Elle estreitava-a contra si, n'uma ancia soffrega, bebendo lhe dos labios aquella confissão. E assim unidos, assim libertos para sempre das ausencias demoradas, pareciam entrar um no outro, dois espiritos n'um so espirito e subirem para a tranquillidade das incomparaveis felicidades.

Paulo recordava-se bem de que, ao olhar o camarote de Suzanna, ella o fitava com o velludo molhado dos seus olhos afogado n'uma vaga tinta de melancolia. E aquelle olhar perturbou o como um choque electrico; dir-se-hia conter em si um fluido magnetico tão intenso que elle se sentiu arrastado para ella, esquecendo tudo, os seus deveres mais santos, o seu lar e a sua familia.

Agora, a sós, fechando os olhos e relembrando a scena, sentia um prazer inde-

finido em continual-a na memoria, dando-lhe fóros de uma larga aventura, erriçada de perigos, a este simples episodio.

Havia muito tempo que elle seguia na esteira d'aquelle olhar abrazado de judia que o prendia na sua atmospherica de fogo. Sentia-se outro quando a via, perdia a noção do que era e fugia á voz da sua propria consciencia que o accusava com severidade. Não se lembrava que casára por amor e que d'aquellas nupcias abençoadas por Deus nascêra uma filhinha que era agora a unica companhia da magoadada mãe. Andavam tão por alto os seus sonhos que não via ali ao pé, acorrentada a um infortunio enorme, a carinhosa companheira. E se acontecia descer os olhos para as coisas d'esta vida, ficava todo n'uma irritação e tinha brutalidades desusadas, de que depois se arrependia.

*

* *

N'aquelle dia, logo depois do almoço, tambem ella se retirára para o quarto, a afogar em lagrimas o seu dilacerante soffrimento. Não podia acostumar-se á ideia de o vêr tão desprendido, tão falto de vontade, tão irascivel. N'outro tempo tinham ambos o mesmo pensamento, as mesmas aspirações; se um imaginava uma coisa logo o outro a executava. Felizes tempos esses!

Depois, pouco á pouco, fôra perdendo o habito de estar em casa á noite. Frequentava os theatros e os cafés e recolhia a deshoras, cansado de luctar comsigo mesmo, comprehendendo que não era aquelle o caminho imposto pelo dever. Tinha coleras surdas que abafava no coração e que, não explodindo, o concentravam mais n'um mutismo feroz. Ella seguia todas estas alterações da sua vida com uma vigilancia de enfermeira, e cuidava d'elle como se fosse uma creança. Mas quando teve a filhinha, todos os seus disvelos se voltaram para ella; com ella desabafava as suas maguas, a ella murmurava as suas queixas.



A pequenina creatura, de carnes tenras e olhos ainda semi-cerrados á luz, era a sua confidente predilecta.

O quarto era contiguo ao gabinete de trabalho, onde Paulo seguia nas espiraes azuladas do fumo os ultimos restos do sonho que se ia a evaporar. De repente poz-se em pé como movido por uma móla occulta. Dentro, no quarto, um chôro convulso alastrava e uma prece subia para o Alto, envolta nas lagrimas vertidas. Era a mãe que chamava por Deus e o exorava de

dar uma sorte melhor que a sua á creancinha adormecida no berço.

Paulo sentiu de chofre uma commoção intensa. Esqueceu todos os seus devaneios, todas as chymeras que a sua cabeça architectava; e irrompendo pelo quarto, cahiu de joelhos junto do berço da filha, chorando perdidamente com o uma creança.

E dir-se-hia que o anjo da Paz entrou com elle porque um sorriso brincou nos labios da Innocente, — um sorriso de ineffaveis ternuras.

BOB.

OUVIR ESTRELLAS

Ora direis : ouvir estrellas ! Certo
Perdeste o senso. E eu vos direi no emtanto
Que para ouvil-as muita vez desperto
E abro a janella, pallido de espanto.

E conversamos toda a noite, emquanto
A Via-Lactea como um pallio aberto
Scintilla. E ao vir o sol, saudoso e em pranto,
Ainda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora : tresloucado amigo
Que conversas com ellas ; que sentido
Tem o que dizem, quando estão comtigo ?

E eu vos direi : amae para entendel-as,
Pois só quem ama póde ter ouvidos
Capaz de ouvir e de entender estrellas.

OLAVO BILAC (*Braçileiro*).

VIAGENS NO PAIZ

(XI).



TRAZ-OS-MONTES—S. Mamede de Riba-Tua, vista da Fonte de Labanoeira



TRAZ-OS-MONTES — O Carrascal, arredores de S. Mamede de Riba-Tua



O SAIO DE MALHA

O *Branco e Negro* publicou n'um dos seus numeros anteriores o retrato do malgrado e brilhante poeta Sebastião Pereira da Cunha, acompanhando-o de um excerpto do seu poema *Cidade Vermelha*. Hoje, graças á amabilidade da illustre familia do Poeta, póde dar um fragmento do *Saio de Malha*, drama historico feito em versos cheios de *elan* e de fulgor.

ACTO SEGUNDO

SCENA I

ALDONÇA (*continuando a trabalhar e baixando a voz*)

E' Pero Vaz. Conheço a voz do pobre moço. Debalde elle me pede o coração; não posso Recompensar-lhe o affecto! E' triste, é muito triste Amar sem ser amado; algo, porém, existe Inda peor; é vêr, como eu, passar dois annos, Sem conseguir, fazendo esforços sobrehumanos, Saber onde se encontra o amante, o esposo, a vida, A luz d'esta existencia! Aurora fementida Me prometteste, bruxa! O saio, esta fraldinha Que poder tem? Qual é a sua maravilha? E, comtudo, meu pae fala eom elle, a sós, E, ao falar-lhe, é tremente e doce a sua voz! Talvez João Annes saiba... E não! Não saberá. Ramon, porque não vens? Ha tanto tempo já Que te espero...

PERO VAZ (*apparecendo subitamente junto d'ella*)

E eu tambem! Hervoeira! Agora nega Que o amas! Ouvi tudo. Vilã, socega! D. Ramon voltará!

ALDONÇA

Que Deus o traga preste.

PERO VAZ

Por Satanaz! Mulher, sabes o que disseste? Repete-o, se és capaz!

(*Sacode-a violentamente por um pulso*)

ALDONÇA

Repito, e não receio O teu olhar feroz; nem temo as dôres; creio Que me esmagaste o braço; agora dá-me a morte!

PERO VAZ (*cahindo de joelhos e soluçante*)

Aldonça! Fiz te mal? Amor, perdôa! A sorte Porque me fére assim? Eu creio em Deus, respeito A minha velha mãe; todo o infortunio acceito, Menos o de te vêr, Aldonça, em braços de outro! Pinguem-me a cera quente, entalem-me no potro, Mas digam-me que tu has de ser minha um dia!

ALDONÇA

Nunca! Nunca o serei! Pero, quanto daria Para te consolar, desventurado moço!

PERO VAZ

Só quero o amor!

ALDONÇA

O amor? Ai! o amor não posso!

PERO VAZ

Não podes?

ALDONÇA

Já t'o disse.

PERO VAZ (*rasgando a camiza e descobrindo o peito*)

Então rasga, depressa Meu peito nú! Ahi tens a bésta! (*Atira-lhe aos pés a bésta.*)

Anda, arremessa O ferro contra mim! de joelhos t'o supplico!

ALDONÇA (*entregando lhe a arma*)

Guarda a bésta e o amor, e vive, Pero! Eu fico A pedir ao Senhor por ti. Nossos destinos Em tudo são eguaes. E quem póde os divinos Mysterios rastrear? Curvemo-nos á sorte. Não succumbas, irmão! Talvez que uma consorte, Digna, em tudo, de ti...

PERO VAZ

Nunca! não escarneças Da minha dôr, que é grande, e póde pedir meças A' da mãe, que perdeu o filho estremecido. Não lhe negues, sequer, a esmola de um gemido! Não me insultes o amor! Vive, triumpho e gosa! Revolve-me o punhal na chaga sanguinosa, Rí do bésteiro, o louco, o pobre, o triste amante! Mas não lances do escárnio o anathema aviltante Sobre mim! Não! Por Deus!

ALDONÇA (*commovida*)

Socega e attende, Pero! Não triumpho, nem goso a tua dôr, nem quero Que te agastes comigo.

(*tira da trança uma rosa, que offerece ao bésteiro*)

Que tua irmã te dá Ahi tens uma lembrança

PERO VAZ (*beijando a rosa e examinando-a*)

E tem prantos a flôr! Trazial-a na trança

ALDONÇA

São lagrimas da aurora...

PERO VAZ

São, talvez, compaixão pelo infeliz, que agora Toda a esp'rança perdeu! Mataste-me o futuro, Aldonça! Eu vou seguir o meu caminho escuro!

ALDONÇA

Adeus Pero, Irmão meu, esquece-me, é preciso.

PERO VAZ

Aldonça! Adeus! Até ao dia de juizo!

(*O bésteiro afasta-se desvairado*)

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA.

LENDAS POPULARES

(II)

O CASTANHEIRO DOS AMORES (*)

VINHA sorrindo no Oriente o espirito soberano de madrugada quando passei proximo d'essa sacra reliquia das nossas lendas amoveis e formosissimas, — o *castanheiro dos amores*. Olhei mais uma vez o velho tronco gangrenado pela idade e consumido pelo tempo, e saudei o espiritalmente como costume saudar todos os objectos que me conquistam a sympathia e a veneração mais intima. Conversava n'este momento o santo velho querido com o es-



pírito luzente da madrugada, que lhe ouviu com attenção religiosissima as historias interessantes da sua mocidade, ha tantos seculos ida... E contava-lhe elle :

*

— «Uma vez — quantos annos já lá vão, meu Deus! — além, quando ainda existia lá o bello e forte solar do mais notre senhor da cidade, appareceu repentinamente aqui uma luzida cavalgada de guerreiros valentes e gentis. A' sua frente, um homem forte, que tinha na fronte o clarão da honra e da heroicidade, brandia o seu mon-

tante gigantesco e temivel, e clamava com uma voz que parecia filha do trovão : Real, real, por D. João, Rei de Portugal! — E, todo fascinado por esse cavalleiro, por certo glorioso, que me accendia n'alma a luz deslumbrante e nova d'uma fé extranha, tão desconhecida como consoladora, segui-lhe com ancia infinita a correria sua e dos companheiros até ao portão chapeado do solar do senhor mais nobre da cidade. Havia, certamente, coisas extraordinarias lá para as bandas d'onde aquella gente vinha cavalgada em ginetes de guerra, com um clamor e estrondo que até parecia o mundo a desabar... Vi que o chefe do esquadrão entrava no solar, onde a sua demora foi curta, e que á sua sahida vinha jubiloso e vibrante como uma trombeta de prata em dias de grande festim... E lá se foram todos direitos ao povoado, clamantes como até'li : Real, real, por D. João, Rei de Portugal !

*

Horas depois eu sabia tudo. Era aquelle cavalleiro gentil e de frente heroica o melhor capitão das tropas do rei, que de longes terras vinha levantando a nação contra as garras ameaçadoras do castelhano. Era um trecho

(*) No angulo da quinta de Fontello (paço dos bispos) que faceva a estrada que liga Vizeu com o Sattam e o pequeno ramal que leva d'aqui á estrada que se dirige a Mangualde, ergue-se um castanheiro velhissimo ao qual o tempo roeu já quasi toda a ramaria, deixando-lhe apenas um como que braço enorme, rigido e musculoso, apontando aos baixos ceus como n'um ameaço constante. Pois em volta d'este tronco, mais de nove vezes secular, teceu-se a formosa lenda medieval do *castanheiro dos amores*. Amava Martim Affonso, um gentilissimo da *Ala dos Namorados*, a deliciosa Alda, filha de D. Soeiro. Era nos calamitosos tempos de D. João I. Martim Affonso é avisado de que é mister partir sem demora em soccorro de seu senhor... O fidalgo estremeceu. Se no seu coração limpido e nobre se alberga o sentimento de profundo amor pela patria, tambem é certo que junto d'elle fulgura radiante a entusiastica affeição que vota á sua dama e senhora sua. Mas o dever venceu a paixão. «Vem a meus braços, perola esplendida do diadema da humanidade. Vem, que eu parto! A patria reclama-me; mas, se o meu sacrificio por ella não envolver a fatal agonia dos moribandos, crê que, apoz a lucta, serei immediatamente em teus braços!» E partiu logo, negro de angustia, deixando a saudade pungente e cruel na alma da mulher virginal que lhe recolhera os mais ternos affectos. Comtudo, Martim Affonso não mais voltou. O seu sacrificio pela patria fôra completo

Muito tempo depois, a altas horas da noite, quando as estrellas brilhavam no fundo dos espaços ou a lua espalhava uma triste chuva de luares por sobre as encrusilhadas proximas do solar, dizem que se via o espectro do fidalgo dar tres voltas em redor do castanheiro e chamar, com lagrimas na voz, pela filha do castellão...

do entusiastico prefacio de Aljubarrota aquillo tudo que pouco antes passára na minha frente levado n'uma impetuosidade de feras invenciveis e sublimes. Ah — mas como me é tristissimo o recordal-o: — toda a luz d'aquelle dia foi um raio despedaçador para o coração da mulher mais formosa e pura que estes sitios jámais viram! Era a linda castellã... O amante ia levado para a guerra contra os inimigos da patria. Foi junto a meus pés que elles se despediram, para sempre. Noite terrivel aquella, em que os dois se separaram para toda a eternidade! E quando elle se desprendeu alfim dos seus braços e fugiu a todo o galope desenfreado do seu corcel, cego de amor e saudade e doido no desespero collossal da sua dôr estupenda, o grito d'ella, arranco lancinante de alma esbrazeada por um inferno inconcebivel e unico, grito de dôr amarissima como nunca mais ouvi equal, gelou de compaixão toda a natureza pacifica e silenciosa... Eu vi chorar lá no alto os astros bemditos do Senhor! E para ahi se deixou ficar a misera, abandonada, ensandecida de angustia, n'uma maldição espantosa á sua desventura mil vezes terrivel... Pobresinha!

*

Tempos passados, em uma alta noite de luars tão doces e tão brancos que até parecia que atravez d'elles vinha novamente ao mundo o vulto brilhante e magestoso de Christo, eu vi mais uma vez, e tambem a derradeira, a linda e santa castellã... Ella subia em espirito ao ceu, amparada pelo disco radiante e esplendoroso da lua. Sempre meiga, porém mais pallida e franzina, vestida de branco como convem ás virgens, luzia-lhe no olhar erguido a esperança de ir encontrar nos salões maravilhosos do ceu, esse que lhe fôra mais caro n'este mundo que abandonava, o seu amado. — Porém, como a sempre desventurada se enganava! Emquanto ella subia, subia, serena e boa, divinal e angelica, amparada pela lua que lhe segredava em nervosismos d'amor os castos mysterios do infinito, eu vi depois, estarecido de susto, que o amante, em espectro sinistro, andava em volta de mim, como uma sombra amaldiçoada, a chorar soluçante pela castellã saudosissima, que morrêra de paixão... Emfim, ignoro se elles chegaram já a abraçar-se lá nos ceus!

*

Acabada a narração do velho castanheiro, o espirito soberano da madrugada tinha os oihos irisados por mil lagrimas de luz...

Vizeu.

A. CAMPOS.

Portugal Pittoresco



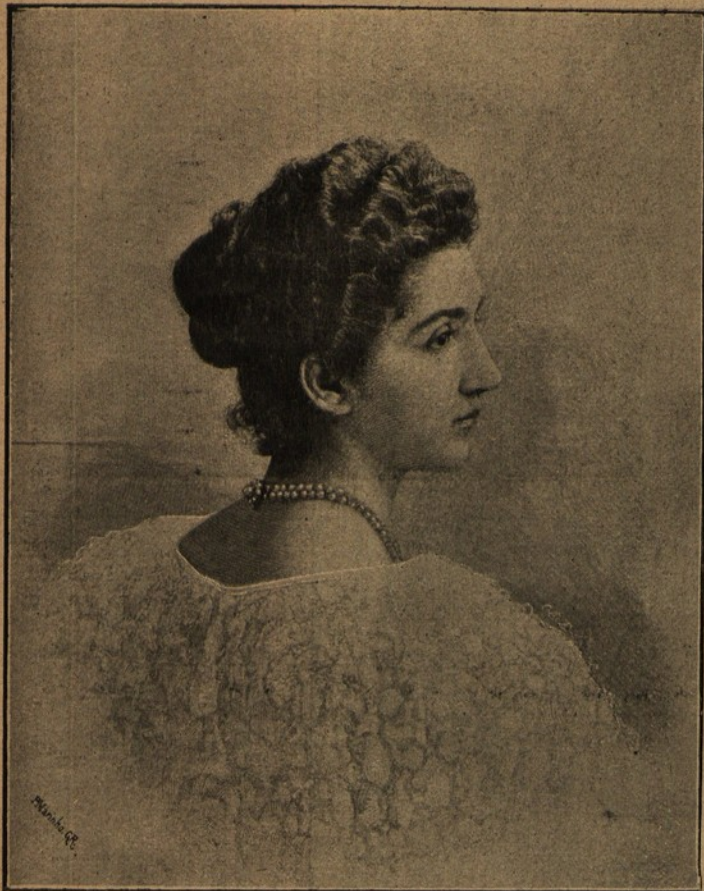
A «PORCA» DE MURÇA

A villa de Murça fica na parte meridional da serra de S. Thiago, proximo da margem esquerda do rio Tinhella n'uma bonita situação, mas não tem edificio que mereça mencionar-se. No meio da praça ha um pelourinho representando uma porca, bem conhecida pelo nome de *porca de Murça*. O sr. Pinho Leal imagina uma explicação legendaria, mas, sem procurarmos explicar agora este facto que merece estudo especial, devemos notar que tambem em Bragança figuram os porcos no pelourinho, e talvez aconteça o mesmo em alguma outra terra de Traz-os-Montes. Estes factos por conseguinte evidentemente relacionam-se e devem ter uma explicação commum.



OS HERDEIROS — Quadro de E. Buland

OS PRINCIPES DO MONTENEGRO



A PRINCEZA HELENA, do Montenegro

desenhos seus tem o aspecto de aguafortes. Occupa-se ainda de litteratura e de exercicios phisicos, especialmente do *lawn-tennis*. Occupa-se de todas as coisas artisticas do Montenegro, onde é uma especie de ministro das bellas-artes. A ella se deve o desenho do monumento que se está construido ao principe Danilo I, que consiste n'um sarcophago, circumdado por quatro columnas sustentando uma cupula.

A princeza traça sempre vestidos de corte parisiense e fala habitualmente francez. Começou a estudar melhor o italiano, n'estes ultimos tempos, justamente desde que encontrou o principe de Napoles. A' rainha Margarida enviou ella ultimamente uma carta em lingua italiana exprimindo-lhe os seus sentimentos de dedicação filial.

Seu pae, o principe, Nicolau I, nasceu a 17 d'outubro de 1871, em Niegoch, capital do districto que comprehende varias aldeias do Montenegro e que é o berço da familia reinante. A residencia principesca em Niegoch é tanto quanto possivel modesta, flanqueada por duas torresinhas sobre as quaes se ergue a bandeira montenegrina. O pae de Nicolau I era aquelle principe Mirko que foi o terror dos turcos e mereceu o epitheto de «Espada do Montenegro». Mirko, presidente do Senado, era a encarnação do Montenegro: rude e bellicoso; morreu de cholera em 1867, em Cettingue, onde aquelle morbo produziu horriveis estragos. Apenas Nicolau, que então se achava em França, soube que tal epidemia assolava o seu paiz, correu logo a Cettingue, onde teve o desgosto de vêr morrer o pae em seus braços. Nicolau foi principe do Montenegro até 14 d'agosto de 1860, anno em que subiu ao throno, em lugar de seu tio Danilo I, que fôra assassinado em Cattaro, pela mão d'um tal Cadich.

Em 8 de novembro de 1860, Nicolau casa, por determinação de seu pae, com Milena, filha do voivode Pedro Vucovitch, capitão das suas guardas. Estas nupcias tiveram o caracter das da maior parte do Montenegro, em que os filhos são promettidos esposos desde o berço. Mirko e o voivode Pedro Vucovitch, unidos no campo de batalha contra o turco, juraram-se eterna amisade e quizeram estreital-a com os vinculos do sangue.

Milena contava então treze annos, visto ter nascido em Cevo, a 4 de maio de 1879. E' alta, de aspecto digno, sobria de gestos. Fala pouco e é muito tímida, como quasi todas as mulheres do Montenegro.

O principe é o primeiro atirador do principado e o primeiro poeta. A princeza é, depois do principe, a primeira auctoridade politica. Intervem nos conselhos. Em 1868, quando Nicolau I foi procurar o tzar para lhe agradecer as suas repetidas provas de benevolencia, confiou a regencia a Milena. Isto pareceu novo e singular aos montenegrinos: nunca se tinha visto um caso semelhante; não se usava, não se virá occuparem as senhoras logares superiores; mas, o principe assim o quiz e assim se fez.

A princeza Helena, do Montenegro, cujo casamento com o principe herdeiro da Italia está ainda constituindo um dos acontecimentos nas altas regiões politicas, é, segundo vemos pelo que encontramos nos jornaes estrangeiros, dotada de uma belleza, a que se allia um dote ainda maior: o encanto. E' alta, de figura esbelta, aristocratica. O seu perfil recorda o das estatuas antigas; o collo, que se delinea nitido, é de pureza estatuaria; circumdam-n'o dois fios de perolas. Os olhos, castanhos-escuros, são grandes, expressivos, luminosos; a bocca é pequena, graciosa, d'um desenho muito correcto. Uma grande nuvem de cabellos negros, ondulados e realçados sobre a fronte, á maneira de diadema, remata o vulto d'aquella que ha de ser um dia a mais formosa rainha da Europa.

Nascida em Cettingue, em 8 de janeiro de 1873, teve como aia uma suissa; aos doze annos, foi mandada para o collegio de Petersburgo, onde estavam a educar as duas irmãs mais velhas. Ahi esteve alguns annos, e ahi aprendeu o russo e o allemão. Terminados os estudos, foi enviada para Dresde, afim de admirar aquellas galerias de quadros, ricos de obras-primas italianas.

Assim se realisava o vivissimo desejo da princeza, dotada de singular sentimento artistico. Para satisfazer a este sentimento, sua mãe, a princeza Milena, acompanhou-a no anno passado, com sua filha Anna, a visitar a exposição de bellas artes em Venezia; e foi então que ella produziu no rei Humberto e na rainha Margarida a mais viva sympathia.

A princeza Helena passa o dia a desenhar á penna e a fazer aguarellas. Alguns

HEMAR.





TRIGUEIRAS

I

Trigueiras, dôces trigueiras,
 Como o trigo lá nas eiras
 Nas pás atirado ao ar,
 Ai formosas feiticeiras
 Que ao comprido das ribeiras
 Andae a roupa a lavar.

II

¡ Cantae, batei raparigas
 As vossas frescas cantigas
 Pela pedra azul do ar
 Como estalam, sacudidas
 As roupas brancas batidas,
 N'essas pedras de lavar !

III

Cantae, trilae, lavadeiras,
 Vossas canções prasenteiras
 Feitas de riso e de mágua ;
 Fresca como a verde alfombra
 Em dias de sol á sombra,
 E em dias de sol a agua.

IV

Não ha boas lavadeiras
 Que não sejam bem trigueiras
 E que não saibam cantar ;
 Taes as aguas das ribeiras
 Que só são boas, *maneiras*,
 Se avenca fazem medrar.

V

De côres fixas, não falsas,
 Por mais que em pernas, descalças,
 Vós laveis pelas ribeiras
 Não muda essa côr queimada,
 Planta brunida e dourada
 Pelos soes da côr das eiras.

VIII

Trigueiras, dôces trigueiras,
 Vivas morenas roseiras
 Que o desejo anda a agitar
 Pondo modos de joeiras
 Nos corpos de feiticeiras
 E n'esse gargantear.

IX

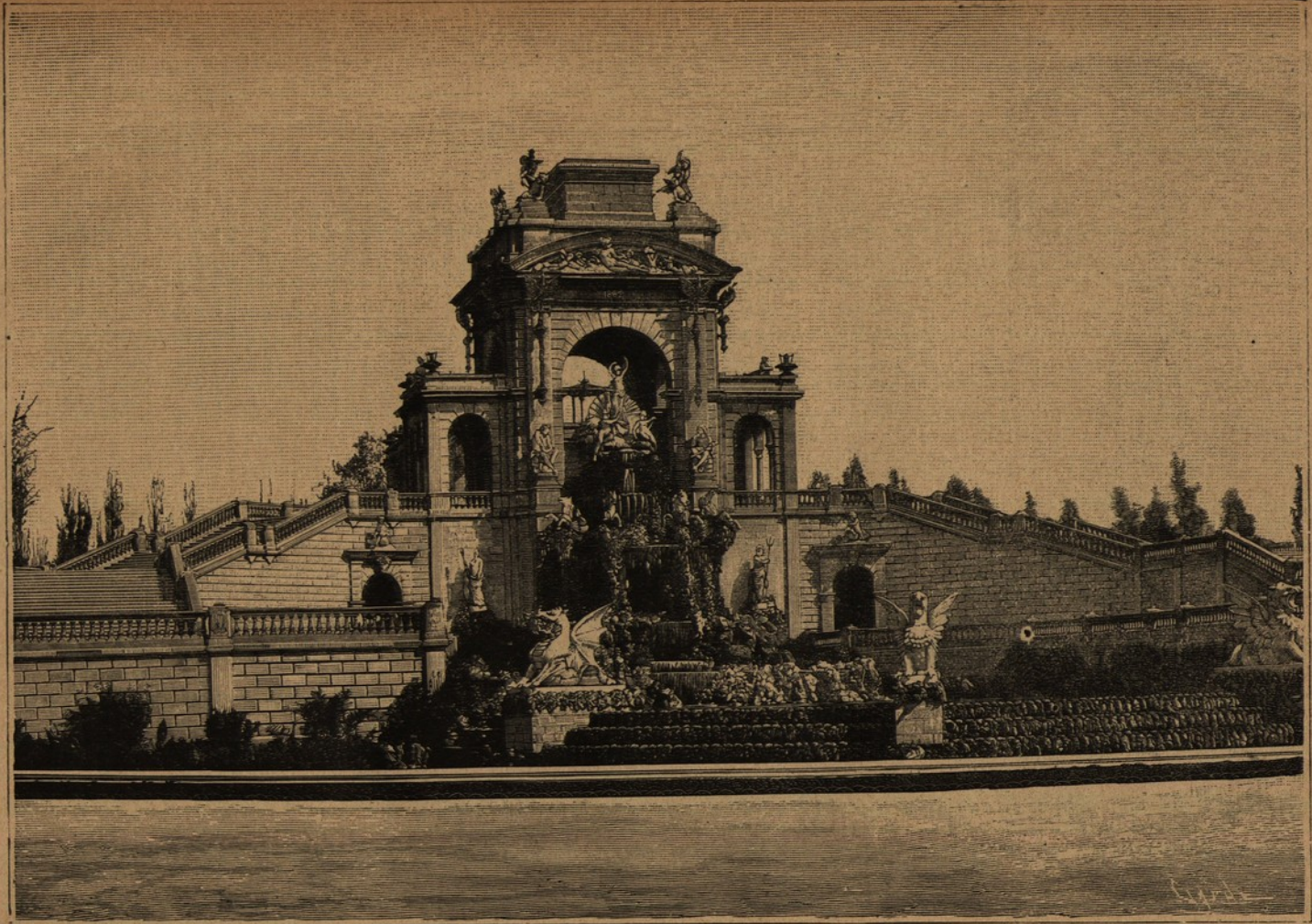
Lavadeiras, lavadeiras,
 Abandonae as ribeiras
 Mais as pedras de lavar ;
 ¡ A caminho, cabaneiras,
 Que a lide findou nas eiras ;
 Vá de abalada a cantar !

VI

Branças, as brancas de queijo,
 São frias, não têm desejo
 Como vós a incendiar ;
 Trigueiras, trigueiras moças,
 Polidas, rijas, sem mossas,
 Como as pedras de lavar.

VII

Vossas carnes, oh trigueiras
 E gaiatas cantadeiras,
 Têm outra graça, outro ardôr ;
 São mais sensuaes e fagueiras
 A' noite — á luz das fogueiras,
 A' tarde — ao rubro calôr.



BARCELONA — A Cascata do Parque



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

BATER NA MULHER COM RAZÃO OU SEM ELA

ERA uma vez um homem que vivia muito bem com a sua mulher. Nunca tinham um ralho, não havia a minima questão, o que um queria queria o outro, enfim, eram muito felizes; mas, um dia encontrou elle um amigo que lhe disse:

— «Então tu não bates na tua mulher?!»

— «Eu não. Nem tenho razão nenhuma para lhe bater.»

— «E's parvo. A's mulheres bate-se sempre com razão ou sem ella.»

O homem, com medo que o chamassem tolo, foi para casa e começou de bater na mulher sem quê nem para quê.

A casa, que d'antes era um paraizo, tornou-se um inferno! Já ninguém se entendia.

A mulher adivinhava-lhe as vontades, fazia-lhe tudo que podia imaginar para o satisfazer e elle — zás! Pancadaria brava.

A pobre mulher já se queria matar sem vêr remedio áquillo, até que se cançou de ter paciencia e disse com Deus e consigo: — «Espera que eu te arranjo!...» — Comprou uma lebre, esfolou-a e á noite quando o homem veio para lhe bater disse-lhe:

— «Tu não sabes uma coisa, homem?!... Aconteceu um caso que me tem dado que scismar.»

— «Então que foi?»

— «O nosso gallo apanhou uma lebre!»

— «Isso não pôde ser!»

— «Pôde, pôde! E a prova é estar aqui a lebre já esfolada e ámanhã levar-t'a para o almoço.»

O homem, de contente que ficou com a novidade, já passou aquella noite sem lhe bater. De manhã levantou-se muito cedo e foi para o campo ver uns trabalhadores que trazia n'uma propriedade; e a primeira coisa que fez foi dizer-lhes: — «Eh rapazes! Trabalhem bastante, que hoje temos lebre para o almoço» — Ficaram todos muito contentes dando vivas ao patrão e trabalharam com alma para merecer o bom guisado. A' hora do almoço chegou a mulher com um grande cabaz, coberto com uma toalha branca de neve; trazia muita comida boa, mas da lebre nada, nem coisa que se parecesse! Vae elle:

— «O' mulher, que fizeste tu á lebre?»

— «Qual lebre? Eu não sei nada, pois tu compraste alguma?!»

— «Ora essa! Então tu não me disseste hontem á noite, que o nosso gallo tinha apanhado uma?»

— «O' homem de Deus, tu estás doido! Pois isso pôde lá ser? Um gallo apanhar uma lebre!...»

E fugiu a chorar, dizendo que o seu homem estava doido, que tinha a mania de dizer que o gallo apanhára uma lebre.

As vizinhas ficaram prevenidas para acudirem se elle lhe quizesse bater, porque decerto estava doido o pobre homem!... Ella fechou-se em casa, comeu a lebre e guardou a pelle.

A' noite vem o homem para casa a berrar e queria bater na mulher; mas, a vizinhança acudiu e todos começaram a dizer que elle estava doido e que havia d'ir á igreja confessar que a mulher é que tinha razão. O homem meio convencido, disse que sim, que ia, e n'essa noite não bateu na mulher. Quando a viu a dormir, levantou-se muito devagarinho e revolveu a casa toda a procurar a pelle da lebre. Tanto fez que deu com ella escondida n'um canto, mettu-a no bolso da jaqueta que devia levar á missa, foi-se deitar muito disfarçado ac pé da mulher e adormeceu. Ella, que tinha visto tudo, levantou-se por sua vez, tirou-lhe a pelle do bolso, queimou-a e mettu-lhe lá duas estrigas de linho.

Ao outro dia foram ambos para a missa, e no fim o homem levantou-se no meio do povo e disse:

— «Os senhores affirmam que eu estou doido e que minha mulher nunca lá teve a lebre. Pois eu dou provas do contrario, e que, nós os homens, somos mais finos que ellas, não nos deixamos enganar e devemos bater nas nossas mulheres com razão ou sem ella!...»

E mettendo a mão no bolso da jaqueta, puxou pelo embrulho que lá tinha mettido, dizendo: — «Cá está a pelle da lebre!»

Tudo desatou á gargalhada por ver as duas estrigas em lugar da tal pelle.

Então é que elle ficou envergonhado, confessou que a mulher tinha razão e ju ou, diante de toda a gente da réguezia, viver como tinha vivido antes do amigo lhe dizer — que devia bater na mulher com razão ou sem ella.

LITTERATURA BRAZILEIRA

OS REBANHOS ETHEREOS

Foi visitando uma serra, uma altissima serra emaranhada e sombria, a mais alta, a mais viçosa de quantas existem no meu paiz que encontrei, pela primeira vez, a decantada e meiga religião da velhice.

E' um culto feito de veneração e de amisade, não só pelos ancestraes alquebrados, mas por toda a velhice; respeita-se o mendigo de cabellos brancos — e respeita-se as arvores centenarias; por elles ambos os seculos passaram, em umas as neves não se demoraram, resfloresceram á nova primavera, outros, porém, ficaram como geleiras e andam no mundo, vindos de outro seculo, como estrangeiros, tímidos, procurando na terra o lugar de repouso. As arvores resistem mais á acção do tempo; é que n'ellas trabalha o tempo apenas — ventos roubam-lhes folhas, enchurros d'agua desnudam-lhes as raizes; as arvores, porém, vivem sem coração, vivem sem alma — tivessem alma e coração, as arvores a tanto não resistiriam.

«Ter amor... ter saudade... os vendavaes que vos despem, arvores antigas, não valem os vendavaes que nos alquebram; quem vos substitue as folhas chama-se Primavera, e a nós quem nos substitue as folhas, chama-se Desengano... Morreis com a vossa verdura, porque a vossa velhice é uma batega de outomno, as folhas renascem logo e em nós tambem renascem folhas verdes, morre uma illusão, aponta uma esperanza, mas as esperanças são como as estrellas, brilham — mas não trazem luz, lindas mas ninguem as alcança...»

«Velhas arvores... bem felizes sois!»

Taes palavras ouvi a um dos veneraveis pastores da serra emaranhada. Esse, o mais velho, talvez, dos que alli vivem, é o que mais sabe, e o que diz toda gente, cumpre e observa — ouvil o é o mesmo que lêr um livro antigo. Fala vagarosamente como se lhe custasse trazer do fundo da memoria antigas recordações de antigos casos... mas, ainda assim, pela sciencia que possui do mundo, é grato ouvil o, e quanto se aprende nas suas palavras lentas e cheias de sabedoria!

A mim contou-me, entre mil coisas varias, coisas proprias de gente montanheza, a lenda dos rebanhos ethereos.

Futil parecerá, talvez, aos espiritos de hoje, educados austeramente pelos methodos — quem demorará o rosteiro para ouvir, no calado campo, soar gemente e suave a fraguita singela de um pastor? ninguem, de certo; até farão mais rapidos os passos para que nem os echos lhe cheguem, amortecidos... Namorados, que tendes a alma propiciamente franca ao que é meiguice, se vos surgisse em meio do caminho um velho como Philetas que vos quizesse falar de amor...? fugireis a rir como os pastores fugiam quando lhes apparecia, coroado de pampanos virentes, Sileno, cambaleando, encostado ao jumento melancholico... Sim, a phase do idyllio passou — foi-se com os deuses, mas, felizmente, ha sempre no mundo um bando de retardatarios; eu pertenco a esse bando, e vós, que d'elle fazeis parte, ouvi-me que em poucas palavras vos transmittirei o que ouvi do ancão.

Para ser mais breve, evitando quanto possível phrases vãs, sabei que o céu é um campo e os pastores n'esse campo: o Inverno e o Estio.

«Ao tempo em que saiam pelo aprisco do oriente as ovelhas douradas, nossos maiores chamavam — Estio. O céu preparado por uma zagala, a Primavera, resplandece, irradia; ella, amorosa e meiga, mas sempre fugitiva, sae a recolher as derradeiras neves para que o seu amado pastor atravesse sem regelo e sem muralhas frias de avalanches. O céu está cheio de ovelhinhas de ouro; vêde, carda-as um pastor, o mesmo Estio carda-as e a lã doirada vem caindo — toda a campina cheia, montes, vales, rios e cavernas, folhas e flôres, em tudo, em toda a parte, em toda a parte ha um floco.

Vede, mesmo na pupilla azul de vossa amada, dentro do vosso proprio coração, em toda a parte... mesmo durante as noites, mesmo durante as noites de verão parece que ficam no céu floccos esquecidos, mas lentamente, lentamente o rebanho do Estio vai sumindo e alguém surge no céu... Quem é que põe um véu de neblina á madrugada? quem é que torna as noites tenebrosas? Andam ventos gemendo e as folhas gemem, gemem e começam a desfallecer nos galhos. Por que é que as ovelhinhas louras andam tão arredias?... Nos campos começa a faina — recolhem-se os fructos, colhem-se as derradeiras flôres... Porque andais tão depressa pelas ceifas, porque tanta azafama, ceifeiros? Não apparecem mais as ovelhinhas louras e já não cantam calhandras nem cigarras — o céu torna-se branco... e os dias tristes... Que é feito de ti, pastor Estio? Gemem ventos nivosos... e a porta do occidente, merencorio redil de ovelhas brancas, abre-se de par em par...

Enche-se o céu de ovelhas brancas, vêde, carda-as um pastor, o Inverno carda-as e a lã diaphana vem caindo. Toda a campina está cheia, montes, vales, rios e cavernas, em toda a parte, em toda a parte ha um floco. Vêde, mesmo na pupilla azul da vossa amada, dentro do vosso proprio coração ha um floco — a melancholia... Durante a noite, vêde, mesmo durante a noite parece que ficam no céu floccos esquecidos e tudo parece morto, abafado... não ha flôr nem ha passaro... o vento é quem canta, a elegia é a unica voz que se ouve, mas lentamente, lentamente a zagala florida vem surgindo... ouve-se cantar o rouxinol e vão sumindo as ovelhas merencoreas, surge uma loura, e uma flôr desabrocha, e uma estrella scintilla e pouco a pouco vêm apparecendo todas as ovelhas louras do rebanho estival... recomecem os dias luminosos...

Mas, e direis com justa curiosidade — como apparecem dias como o de hoje, de sol, em pleno inverno? Sois muito novo ainda e nunca fostes pastor... Se alguma vez tivésseis visto o tresmalhar de um rebanho não vos causaria espanto vêr dias de sol em pleno inverno...

Que dirieis se estas ovelhas que pastam fossem juntar-se áquellas que bebem? — que tresmalharam, dirieis; é justamente o que acontece com as ovelhas do Inverno e com as do Estio, encontram-se no céu e os dois pastores luctam, e fica o dono do campo; se é dono o Inverno, ficam os dias tristes; voltam os dias de luz se é dono o Estio.

Vede como escurece... as ovelhas douradas vão fugindo... Fechai vosso gabão e recolhei-vos que vão cair os floccos da invernia... Vinde... Vinde que é tempo; e ahí vêem os rebanhos e os pastores; é a neve que começa... o Inverno volta a cardar as suas ovelhas tristes...

Como vêm, nada mais simples... Não vos agrada, espiritos do seculo; mas não escrevi para vós, mas para os retardatarios

COELHO NETTO.







O INVERNO

(Desenho allegorico de Celso Herminio)

L. KUHNE

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS CONSELHOS ÀS MÃES, PAES E EDUCADORES

Alimentação; somno; distracção e occupação;
preceitos práticos auctorisados pela observação e pelo exemplo

TRADUCÇÃO DE

LUIZ CARDOSO

1 Volume 200 réis. Pelo correio 220 réis

O NOVO SYSTEMA DE CURAR EXPOSIÇÃO, APRECIACÇÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

COZINHA VEGETARIANA

Tratado theorico e prático da alimentação segundo a natureza, por E. Baltzer, livro muito recommendado e citado por L. Kuhne na sua obra. Unico e verdadeiro tratado d'este genero e que indistinctamente convem aos que se tratam pelo systema Kuhne, ou pelo systema Kneipp, ou por qualquer outro systema. — Centenares de receitas e formulas para cozinhar os legumes, fructos, leite, farinhas, ovos, cacau, chocolate, pasteleria — toda uma cozinha variada, appetitosa, hygienica, saudavel e economica, segundo o systema do afamado hygienista L. Kuhne.

1 Volume 400 réis. Pelo correio 440 réis

A' VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

LISBOA

BRANCO E NEGRO



ILHA DOS AMORES
(Quadro de LUCIANO FREIRE)

REPRODUÇÕES

DE
 Planos,
 Cartas geographicas.
 Laminas e
 Pergaminhos antigos.
 Lesenhos á penna,
 a lapis
 e a carvão.
 Quadros a oleo,
 aguarella, etc.
 Illustrações de toda
 a classe de obras,
 periodicos, etc.

Photogravura
 em todos
 os generos

PERFEIÇÃO,
 RAPIDEZ,
 ECONOMIA

Photogravura
 Universal
 DE
 Estello
 Branco
 &
 Alabem
 Lisboa

R. da Bombarda, 48. 1.^o
 N.º Telephonico 313.

PHOTOGRAPHIAS

DE
 Estabelecimentos
 e gravuras
 para toda a classe
 de
 annuncios.
 Trabalhos em
 phototypia, autotypia
 photozincographia,
 e
 zincographia.
 Perfeição, rapidez
 e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todós os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.



PIANOS
 HARMONIUMS
 CORDAS
 REBECAS
 BANDOLINS, ETC.

ACCESSORIOS
 PARA TODOS OS
 INSTRUMENTOS
 MUSICA

LAMBERTINI
 43, P. DOS RESTAURADORES, 49
 LISBOA

CASA LAMBERTINI

ARTIGOS NOVOS

SURDINA para violino, com molla.....	Réis	\$200
RESINA BONN (aceio, economia e qualida- de superior).....	"	\$240
RETININA para impedir que as cravelhas es- correguem.....	"	\$200
CAVALLETES de 4 pés, para violino e vio- loncello.....	" e	1\$500
TECIDO IMPERMEAVEL , para conser- var as cordas, 15 cent.2.....	"	\$050
PREPARADO «REDIVIVUS» para lavar os arcos e instrumentos, cada frasco	" e	\$300
OLEO «PREMIER» para lustrar instrumen- tos de corda e para as chaves dos instru- mentos de madeira, cada frasco.....	" e	\$300

Estes artigos só se encontram n'esta casa

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 33

LISBOA, 15 DE NOVEMBRO DE 1896

1.º ANNO

A Corôa do Tzar a Carnot



A corôa de ouro e esmalte oferecida pelo imperador da Russia á memoria do Presidente Carnot, foi collocada ha poucos dias pelo barão de Mohrenheim sobre o tumulo do Pantheon. Ficou presa a uma placa de marmore côr de rosa, quadrada, da dimensão d'um metro.

Atravez da corôa, indo da direita para a esquerda e de baixo para cima, um ramo de oliveira, symbolo da paz, dividido em dois braços, um dos quaes tem um coração e o outro um escudo com as armas da Russia. Sobre o coração, em letras de estylo bysantino, a inscripção escripta pelo Tzar: «A Carnot, Nicolau II», no dia da sua visita ao Pantheon.

A' cerimonia, que revestiu um caracter de verdadeira simplicidade, assistiu todo o pessoal da embaixada russa.

A corôa oferecida pelo Tzar foi feita pelo eminente esculptor russo Antokohky, correspondente do Instituto de França, cavalleiro da Legião de Honra, que ha muito tempo habita em Paris. Era amigo pessoal de Carnot. Foi lavrada uma acta d'esta cerimonia e enviada a Nicolau II, a seu pedido.

O Presidente da Republica, acompanhado do general Tournier e do tenente-coronel Menetrez, foi, na terça-feira de manhã, ao tumulo do Presidente Carnot.

LITTERATURA BRAZILEIRA

COELHO NETTO



Foi em julho de ha dois annos que o conheci quando eu viera de S. Paulo ao Rio de Janeiro com os meus vinte annos todos verdes de esperança, — como a primavera das arvores, a primavera da vida é sempre côr de esmeralda, — e um livro de deslumbrado, duzentas paginas em que se desdobravam scenographias dos seculos gloriosos, — a Grecia com os archontes e as hetairas, os gemnesyarchas e os athletas, o Egypto de Kleopatra, hieratico, com o Nilo descendo das mamellas de Ysis e as sphínges interrogando decifrações de enygmas, Roma com os circos n'uma chafurda de sangue, Babylonia fumegante de holocaustos e resoante de orgias, um livro que cresçera á sombra suggestiva da *Salammô* e que Coelho Netto alimentara com o encantamento em que me traziam as paginas expandecetes do *R. i Fantasma*. Elle tinha sido o mestre da minha forma, a sua prosa de cinzelador tinha sido o traslado da minha prosa, e foi com os seus livros que eu sonhei o meu primeiro livro, cego pelo esplendor do seu incomparavel estylo, rutilo, todo oiro e coral, de um sensualismo facil a embriagar a minha mocidade de narinas abertas, que elle levou atraz de si para as civilizações defuntas, o Occidente das carnagens e o Oriente dos mysterios e das religiões.

Já quando para um concurso da *Gazeta de Noticias* eu enviara uma *Lais* impudica, longo trecho de prosa em que tremiam cordeames de heptacordios, nadavam nuvens de myrra e aloes nos pateos lacteos do templo de Phalerno, com a hetaira mostrando os seios côr d'acantho ao archonte senil, Coelho Netto advinhara em mim um ingenuto discipulo, enfeitado pelo antigo como elle, desvairado em pleno sonho, alastrando visões em paginas tacteantes e archi-doidas.

Lembro me como se isto fosse ainda de hontem, a primeira vez que lhe fallei, n'um grupo, com Rodolpho Amoedo, Belmiro d'Almeida, Machado de Assis e Lucio de Mendonça á porta da redacção da *Semana*. Coelho Netto é baixo, myope com os cabellos de um castanho queimado, um bigode aspero, olhos de gato, de uma fixidez e penetração que magôa e a bocca sempre fransida n'um rictus a que o deve ter habituado a suspensão dolorosa que deixa por vezes no artista o esforço de reproduzir exacta a floração instantanea da imagem que desabrochou no cerebro.

Deve ter de trinta e dois a trinta e cinco annos o auctor das *Rapsodias*.

Foi elle que conseguiu a edição do meu primeiro livro, e no dia seguinte a esse em que o conhecera, Coelho Netto, depois de me pedir para lêr a *Batalha do Actium*, dava-me os primeiros conselhos, emendava-avenas para tenubis, o calamo egypcio, — dispunha da minha obra como coisa em que o seu nome perigasse, e riscava-me enredichos enfeites com que eu, inexperientemente, arrecamava phrases, enriquecidas á falta de belleza com fabulosos adornos, coalhando paginas e paginas com falhas de joias e alarmes roçagantes de purpuras.

Coelho Netto estava então passando por um periodo de actividade cerebral quasi inacreditavel. Ha um anno que escrevia incessantemente romances, um por sobre o outro, — *A Capital Federal*, *Rei Fantasma*, *Miragem*, *Inverno em Flôr*, em folhetins para o *Paiz*, preferindo gastar-se e consummir-se n'uma obra a continuar a desperdiçar-se no ingrato labôr de esmerilhar phrases de chronica. E elle tinha ainda tempo de escrever duas vezes por semana a sua longa correspondencia litteraria para o *Commercio de S. Paulo*, toda preciosa de lavôres, como tudo o que lhe sahe das mãos, e foi n'essas para mim inolvidaveis correspondencias, que Coelho Netto, sem temer as coleras do Marechal Floriano Peixoto, lembrava os companheiros dispersos com a revolução, Murat preso em Santa Catharina, atirado ao fundo de um carcere salitroso, esperando dia a dia, com suores frios, durante tres longos mezes a condemnação á morte que felizmente nunca veio; Olavo Bilac refugiado em Minas-Geraes junto ás serranias de Ouro-Preto; Pardal Mallet escondido, — e Coelho Netto arrancava do seu amor lesado de irmão paginas intensas como as suas saudades, intemeratas e ousadas até á loucura. Ainda ao mesmo tempo revia as provas dos primeiros livros que Domingos de Magalhães lhe começara a editar, por um contracto em que Coelho Netto se obrigara dar-lhe um livro em cada dois mezes, e é d'esse periodo de febre e de acceleração a publicação das *Balladilhas*, *Bilhetes Postaes*, *A Praga*, e dos quatro romances escriptos para o *Paiz*. Como se ainda lhe fosse leve uma tal carga, elle fazia conferencias na Eschola das Bellas-Artes, na cadeira de histori: de que era professor. Tive a felicidade de ouvir, desde a primeira, essas admiraveis peças de oratoria, e estou a vel o com uma serenidade de propheta na voz e uma hallucinação, de vidente no olhar descrevendo o Egypto dos Pharaós e das pyramides, a terra dos hieroglyphos e dos hierogrammatas, em longas phrases mysteriosas em que nadavam visões, resurgiam os Deuses desfeitos, se levantavam do pó os imperios da lenda. As mulheres foram ouvil-o quando elle fallou dos vestuarios antigos, contando as vestes em que se enrodilhava Kleopatra, as calasiris tecidas a grã com lotus d'oiro e agapanthos de prata, as tunicas aurifulgentes tecidas em Thebas, as purpuras murexinas de Lidonisa, os estoffos de Carthago, os zaïmphe com divindades estendidas na trama reluzente como irradiações de soes ou respêndores de plenilunio.

Demais, no seu estylo como na sua palavra tremeluzem fulgôres e escorrem harmonias. No primeiro capitulo do *Rei Fantasma* os periodos são como trechos d'opera no acompanhamento de uma marchê, os cymbales resoam na mão das cymbalistras, as lyras tremem sob o affago dos dedos das auletridas, o mundo antigo renasce incomparavel, como um céu escancarado de repente, e ninguem como elle na nossa lingua, Fialho de Almeida excepto, foi um mais maravilhoso decorador, deixou mais suggestão nas suas paginas e mais imaginação esbanjou nos seus periodos.

Coelho Netto tentou todos os generos e antecedeu de muito a nova geração no rythmo balouçado da phrase, em compasso de ballada, com effeitos de som, onomatopéas e motivos em côro, sussurros procurados com sibillantes, ruidos propositaes com manadas de graves, todo o teclado da consonancia, a arte musical da palavra, a symphonia da prosa, a grande orchestra do periodo, com cobres e cordas, violoncellos e violinos. As *Rapsodias*, o seu livro de estreia, é todo assim, extranho, bizarro e ornamental, de uma sensualidade lyrica exquisita, diluida em sonho, com reticencias bruscas de mysterio.

Ao depois, n'esse grande interregno de quasi seis annos entre esse e o seu segundo livro, Coelho Netto espalhou o seu nome em pequeninos trechos que o tornaram popular pelo Brazil inteiro, raro lançando um trabalho de maior, mas sempre cuidadoso na cinzeladura do minimo periodo, fazendo-se um vocabulario consoante a ignea imaginação que lhe esbrazeava o cerebro, e é d'esse tempo um conto — *Magdala* — que, transcripto n'um jornal chileno ou peruviano, não sei bem, valeu a excommunhão da traductora e uma semana de solemnes missas expiatorias, para purgar a heresia. O jornal foi queimado na praça publica em frente do arcebispo e todo o clero, e durante tres dias o telegrapho espalhou aos quatro ventos das fanaticas republicas sul-americanas, o nome do hereje, perseguido de anathemas! Coelho Netto foi celebre fora do seu paiz e o retrato do artista era inserido em todos os jornaes.

Esse admiravel conto descreve uma visita de Herodes ao lupanar de Magala, em Jerusalem, e a santa tem-se de pé, com as tunicas e mantos cahidos no triclínio, nua, com os seios roseos offegantes e os cabellos escorrendo nos hombros, côr dos oiros antigos.

Coelho Netto era já por esse tempo um consagrado.

A geração litteraria que deu Olavo Bilac, Luiz Murat, Raul Pompeia, Guimarães Passos, Pardal Mallet, Aluizio Azevedo, Paula Ney, Alberto d'Oliveira e Coelho Netto appareceu na historia da litteratura brasileira pela mesma porta porque em França romperam Henrique Mürger e Gerardo de Nerval — a bohemia.

Coelho Netto teve tenção de escrever o livro que perpetuasse os dias d'essa cruzada gloriosa, de que sahi co-rouda a actual dynastia litteraria do Brazil, mas por demais doloroso, com paginas que era impossivel traduzir com a tensão saudosissima com que eram lembradas e sentidas, e com medo talvez de divulgar as horas preciosissimas de soffrimento e lagrimas que melhor guardadas estão nos corações que o estariam n'um livro, Coelho Netto desistiu de o fazer.

Eu ouvi uma noite a conversa de tres de entre elles, Mallet, Bilac e Netto, conversa de evocação e de saudade, recordando esse tempo passado. Havia mortes na ressurreição dos tempos evocados, o delirium tremens de um poeta, suicidando se com alcool para escrever com tintas de tragedia a derradeira pagina d'um romance de amor. E a cada passo, no carnaval de alegria d'essa bohemia, sombras de lancinantes dôres fluctua'n como um céu negro, por sobre o riso e o chôro d'essa mocidade que nunca desesperou.

De uma vez, lembravam elles, X descobrira os encanamentos de agua de Botafogo, ainda por assentar, como um luxuoso refugio ao pessimo relento. Acabada a esturdia da noite, o poeta corria a sumir-se na bariga de um cano, até á madrugada. Este foi ao depois o bibliotecario do Paço.

Ha pouco mais de um mez, em Vigo, onde é consul, Aluizio Azevedo contava-me com tristeza dias d'esse tempo de transes, em que, depois de ter escripto *O Mulato*, se virou obri,ado a fazer caricaturas para um jornal, para pagar a mansarda e o feijão.

O *Homem*, escrevera-o sem paradeiro certo, sem meza onde assentar-se, nas bancas das redacções, pelas casas dos amigos, e acompanhava-o sempre o manuscrito!...

Oh! as dolorosas historias que ás vezes teem os romances!

Mas o que espanta mais n'esta geração é a fé e a coragem com que ella brotou, inquebrantavel.

Todos elles, um a um se foram reunindo, reconhecendo-se mais fortes depois de unidos, admirados a principio os dois primeiros que outro fosse capaz da mesma desordenada loucura de vir luctar, San Luizes sem lança e sem escudo, pela sonhada Cidade Santa das Artes.

Olavo Bilac deixou em meio o curso de medecina, Coelho Netto abandonou direito no 2.º anno da Academia, dos outros formaram-se ao todo Alberto de Oliveira e Luiz Murat, e dizimado para o fim o grupo um pouco mais, Raul Pompeia e Alberto de Oliveira desertaram, Guimarães Passos casou, Luiz Murat teve uma sorte igual com Paula Ney, ficando por fim Coelho Netto, Bilac, Mallet e Aluizio a continuar as tradições do grupo a meio dis-perso.

Coincidencia estranha, n'essa guerrilha litteraria havia tres descendentes de heroes da epopéa napoleonica — Ney, Murat, Mallet, descendencia de reis e generaes, restos d'essa espectacular e theatral epocha do Cesar da aventura, bandoleiro de thrônos e de reinos.

(Continúa)

CARLOS MALHEIRO DIAS.

O INVERNO



DORMINDO AO FRIO



BUENOS-AYRES — Avenida 3 de Fevereiro

LONDRES



O STRAND

resfolegando fumo dos comboios que passam em muitas vias, constantemente, com um ruído de trovão distante, despedindo relampagos pela* rotulas que fecham o taboleiro. Depois, para o mesmo lado e para além da ponte de Westminster, cravavam-se no céu, já opalino do entardecer, as agulhas e corucheus dourados dos tectos do palacio e da torre do Parlamento.

— Não lhe parece que isto dá uma impressão de Oriente ? perguntava-me o meu companheiro.

Justamente estava eu n'esse instante fitando a margem fronteira, onde, para além do rio, cõr de grêda, com as suas barcaças de carga e os seus vapores longos apinhados de passageiros, se erguiam duas torres esguias, como minaretes arabes : eram apenas torres de fabricas de chumbo de caça.

Mas ao pé, cá d'este lado, debruçadas sobre o rio, sorriam com *humour* as duas sphinges que ladeiam a agulha de Cleopatra, encastoadas n'uma base de bronze. Effectivamente o scenario tinha o que quer que fosse de oriental. Não sei se da India, como queria o meu companheiro ; não sei se do Egypto, como as sphinges me segredavam ; mas, talvez, por virtude das idéas com que vinha, de Assur ou Babylonia, n'os tempos collossaes de Sargon, ou de Assurbanipal. Essa noite sonhei que estava em Ninive : talvez porque, antes de me deitar, como a lua tinha um clarão esplendido, o Tamisa parecia um tapete de escamas de aço reluzente, e a ponte com a sua palpação constante de relampagos, n'um trovão seguido, e os fogos da cidade illuminada, e os corucheus de ouro de Westminster, recortando o lençol argentino do céu, me enchiam a idéa com as visões dos quadros em que Turner pintou, em clarões tambem, a ruina da cidade do Euphrates, incendiada.

Eu dava as costas á grande Babylonia de hoje, e, por cima dos hombros, chegava-me aos ouvidos o sussurro gigantesco dos milhões de seres humanos que além se agitam na faina pesadissima de viver uma vida por nós mesmos feita de torturas e trabalhos, quando a natureza, meiga e simples, nol-a proporciona facil e socegada.

Ouvia o palpar gigantesco, o trovão surdo do movimento n'essas vinte mil ruas que tem Londres, e medem tres mil milhas, e dão accesso a novecentas mil casas, e correm por ellas rios de gente em mais de dez mil *cabs*, fóra um milhar de *tramways*, fóra dois milhares de omnibus, fóra as estradas ferreas de accesso, e o *underground* que vae a toda a parte debaixo das ruas. Só cocheiros e conductores, ha um exercito de trinta mil homens. Só na *City*, amendoa d'este immenso fructo chamado Londres, creado com a substancia do mundo inteiro : só na *City*, entram por dia, todos os dias, salvo os domingos, noventa mil vehiculos e mais de um milhão de pessoas. E em um raio de seis ou sete milhas, a partir de *Charing Cross*, ha dentro do perimetro de Londres mais de quatrocentos kilometros de vias ferreas em movimento.

Londres tem o dobro de Paris, o triplo de Berlim, quasi o quadruplo de Vienna e de Nova York, o quintuplo de S. Petersburge, mais do decuplo de Madrid, e quinze vezes Copenhague e Roma. Tem mais catholicos do que Roma, mais judeus do que toda a Palestina, mais escossezes do que Aberdeen, mais welshs do que Cardiff, mais irlandezes do que Belfast.

LONDRES é uma cidade que se estende por juxtaposição, um polygo gigantesco de casaria. Aperta-se o coração á gente, ao sentir que se entra no ventre do grande monstro do mundo.

Esse *home* quasi sagrado dos tretões, quando a principio se observa, como me succedeu, á luz clara de um dia glorioso de junho, infunde medo. A impressão é forte, mas não posso chamar-lhe agradável. O sol desapiedadamente põe a nú a miseria d'estes bairros pobres, com as suas casas denegridas pelo fumo, ensebadas pelos nevoeiros viscosos, com pateos, beccos, destroços, lixo, e um mar immenso de pequeninas chaminés erguendo se dos telhados de ardosa, como dedos minusculos de pigmões, apontando caricaturalmente para o céu. O conjunto é grotesco. Grandeza não tem, embora tenha immensidade, o mar de casas que o comboio vae rodeando até chegar á cova escura, que se chama *Waterloo station*.

Ahi nos visaram sobre uma rua íngreme; e para esgotar esta primeira impressão, enfiámos a pé pelas travessas que vão dar ao Tamisa, passando-o na ponte do caminho de ferro, *Charing cross* (os inglezes, para brevidade, substituem esta palavra pelo signal +) *bridge*. D'ahi, descendo as escadas sobre o caes, ou *embankment*, da margem esquerda, fomos ao longo do rio em demanda do nosso hotel, o *Savoy*, fronteiro á agulha de Cleopatra.

Das varandas do *Savoy*, Londres tinha outro aspectu.

O Tamisa faz alli um cotovello apertado, convexo sobre a margem esquerda, onde me achava. Olhando para juzante, via, a pequena distancia, a ponte de Waterloo, de pedra, coberta de carros e de gente, n'um perpassar incessante. Olhando para montante, via, ao pé de mim, a ponte de ferro de *Charing Cross*, ou *Charing +*, á ingleza,

LENDAS POPULARES

(III)

PONTE DE MIZARELLA



PRÓXIMO da confluência dos rios Cavado e Regavão (ou Mizarella) existe a lendária ponte d'este nome, tida e havida na superstição popular, como obra de Satanaz, para apanhar a alma d'um patife, de terras de Alem-Douro, que, perseguido continuamente pelas justiças, devia á natureza selvática d'estes logares a decidida vantagem de um refugio seguro.

Um dia porém, —ahi vae a lenda, —transviado quando o perseguiam muito de perto, achou-se de repente á borda d'este abysmo da Mizarella, medonho pelo alcantilado dos penedos e pelo fragor das aguas, que ahi se despenham em furiosas catadupas, e julgou-se irremediavelmente perdido.

Invocou o diabo para que o salvasse e tanto bastou, para que a visão de Satan surgisse na sua frente, como um bom diabo de magica.

—«Faz-me transpôr o abysmo e dar-te hei a minha alma»—propôz afflicto o desgraçado.

Sorriu-se ironicamente Lusbel, e, para que o reprobopassasse, lançou immediatamente uma ponte sobre o rio. Tanto foi passal-a, e o estrepito da derroca-

da se fez de prompto ouvir. Volveram os annos, mas quando soou para o precito a hora de entregar a alma ao seu possuidor legitimo, apavorou-o a infamia do pacto e confessou a um sacerdote esse contracto maldito.

Esperto era o padre, ao que o leitor vae vêr, porque teve artes, senão de arrancar a alma das garras de Satanaz, de se aproveitar da confissão, para que este maroto pozesse outra vez a ponte no seu logar.

Disfarçou-se em salteador o bom do padre e ao mesmo sitio se foi esconjurar o diabo, que immediatamente appareceu e aceitou logo o novo pacto, que lhe dava uma outra alma, mercê da mesma ponte.

Atravessou-a o padre, mas apenas se apanhou do outro lado, puxa d'um ramo de alecrim e d'uma caldeirinha de agua benta, que levava occulto, e asperge a ponte fazendo o signal da cruz e os exorcismos da igreja. O diabo, assim illudido, perdeu logo todo o seu magico poder, e, dando um estoiro medonho, fugiu espavorido, deixando o ar toldado d um fumo negro e espesso, de resina, enxofre e pez.

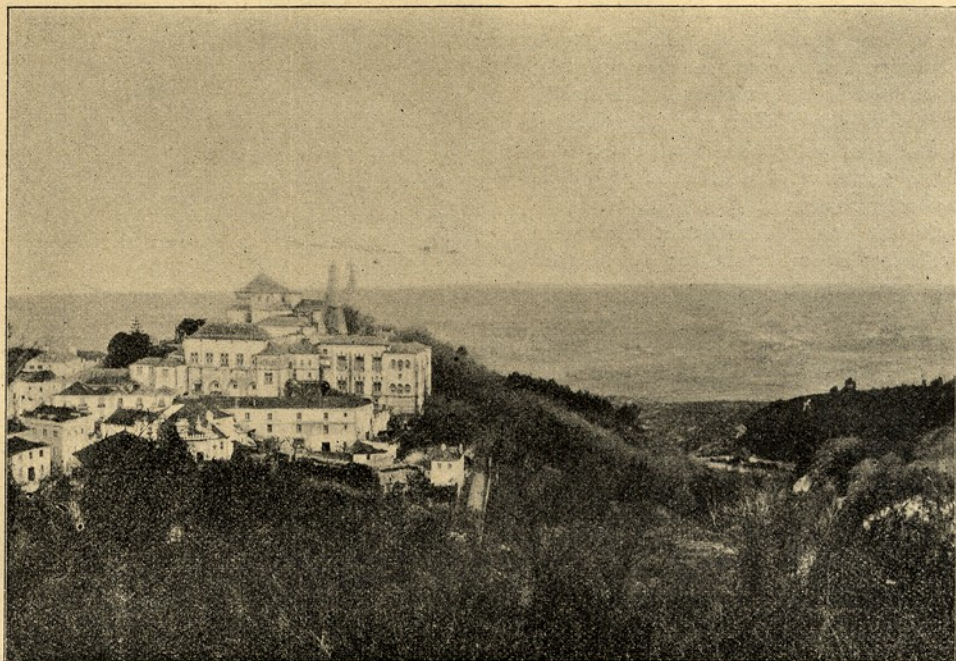
A ponte conservou-se, para testemunhar o sobrenatural da sua origem!...

O' supersticiosas crenças populares, como vós sois adoraveis ainda hoje, em plena luz do seculo XIX!

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA.

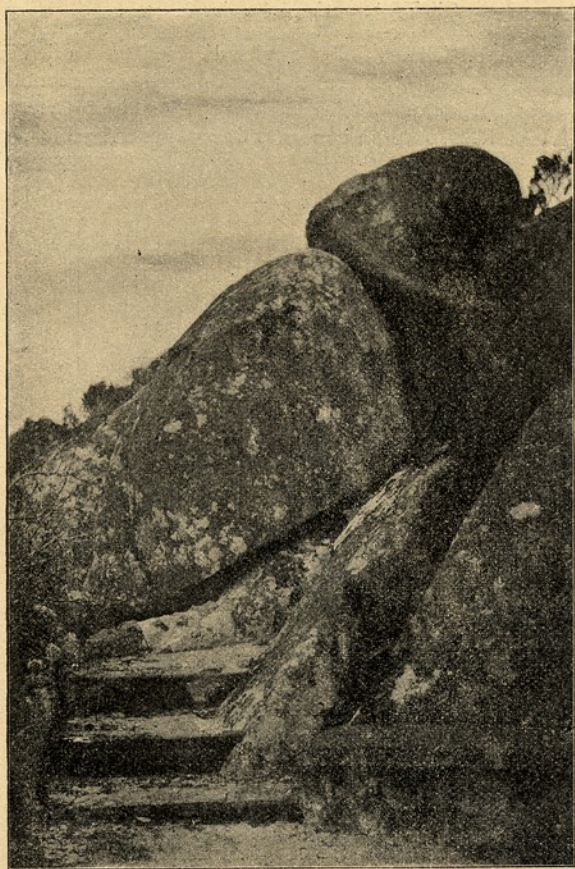
ARREDORES DE LISBOA — CINTRA

(ASPECTOS)



O PALACIO REAL, E A VILLA (Vista tirada da Fonte da Sabuga)

Em volta de Lisboa, n'um raio de alguns kilometros, a paizagem é desoladora e triste, quasi funebre. A terra avermelhada dir-se-hia colorida por um soro de sangue e, pobre, mal fecunda miseros hortejos e couvaes, algum



NO PARQUE DA PENA

talhão de vinha rachitica, um ou outro minheiral de milhos pequenos como dedos e jardinsinhos minuscuros aparados á thesoura e com tres ou quatro pés de roseiras de trepar. Poucas arvores: as arvores impedem, no dizer dos lavradores d'aqui, as culturas. Quando muito, a não ser nas tapadas e mattas reaes, n'uma ou outra quinta de vivenda ou em parques aristocratas, sem duvida em consideração da sua excessiva magreza, meia duzia de pinheiros apenas, por entre as agulhas dos quaes se descobre, longe, um filete de mar de um azul tão pallido e doce que direis pertencer a algum golpho grego. E nem sequer uma scenographia bizarra de montanhas longinquas e lilazes com fórmias de monstros e de dragões, craneluras e basaltos extranhos agudos picos de rocha tocados das gangas e das fuligens dos tempos; só, a succederem-se n'uma irritante monotonia, cabeçoros de serras calvos e nús, eguaes sempre e mal zebrados dos verdes sujeitos dos zimbros. Depois, quando menos se espera e nada prepara para a mutação que vae operar-se, Cintra, Cintra resaltando n'uma forte destaque de agua forte com o pittoresco recorte das suas penedias, os seus arvoredos densos, a architectura mourisca do seu castello e palacio, e as mysteriosas sombras que se adivinham nos seus parques deliciosos, no paraizo dos seus jardins embalsamados de rosas, nas suas florestas de camelias por onde gorgorejante e louca a agua escorre cantando epitalamios de boda. Cintra é o trecho de montanha mais lindo que ha ao sul do paiz. E depois do Busaco, augusto e supremo, em cuja matta enclausurada Deus está, se Deus porventura existe, nenhum outro logar mais doce para abrigo e tregua a fume-

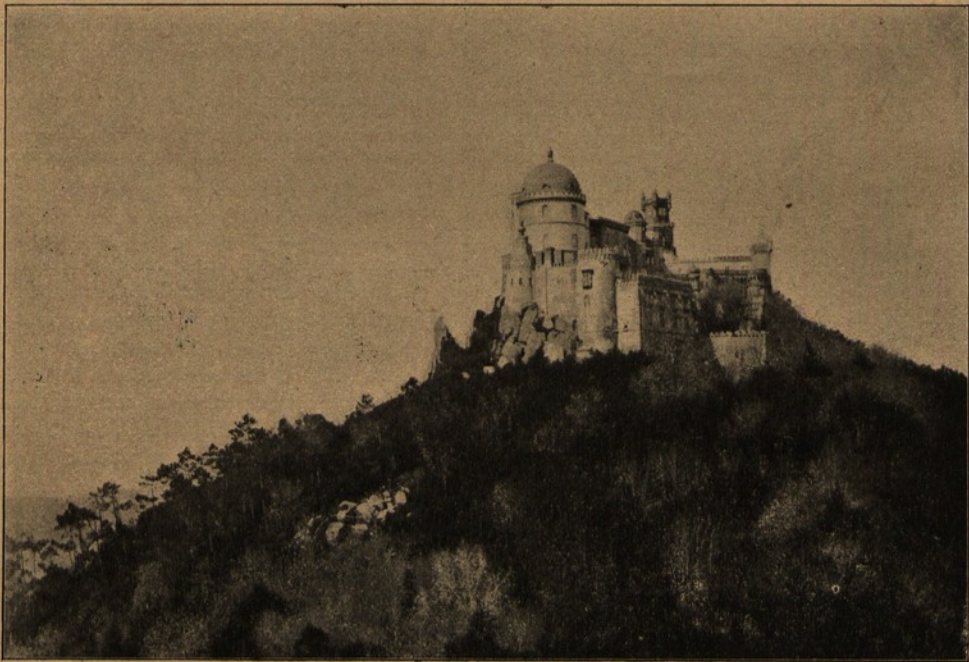
gantes batalhas, para tessitura de brancos sonhos d'amor e idyllios meigos de bodas luarisados de esperanças.

Portanto mal o verão aponta com os seus abraçados calores, Cintra enche-se de gente. Povoam-se as suas villas formosas de formosissimas mulheres; resoam as longas alamedas ensombradas dos trillos das creanças brincando; os *Good morning* e os *Aho! beautefield indeed* ouvem-se ahi de envolta com as mais graciosas exclamações no francez puro de la Bruyere; e não é raro á noite, sob um céu carregado de estrellas, sentir erguer d'um chalet perdido na verdura o velludo d'alguma fresca voz de soprano desfolhando sobre os que passam a doçura d'um terno *roman sans paroles*. Partidas de *tenis* e de *cricket* improvisam-se e alternam-se com *five ó clock tea* e *twell ó clok tea*. Mas quando Cintra é admiravel é ao vir da primavera, por abril, ao renovar a louca floração que ao depois ha de encher a montanha, cingil-a de uma tunica de musgos e heras, constellal-a de flores e, transbordando, invadir a planicie e descer ao concavo dos valles mais profundos. E' então que os noivos começam a apparecer e pelos macios luares se vê dançando no mysterio das clareiras a ronda das chymeras mais intimas que elles traziam conchegadas ao peito. As lorangeiras floridas, as madresilvas penduradas dos velhos muros das quintas, os pecegueiros em flor perfumam os caminhos e os atalhos emquanto os terrassos das villas se engrinaldam festivamente de glicinias, de fuchsias, de bouganvilles côr de rosa.

Cintra tem, como todos sabem, quintas formosissimas. Não ha quem desconheça a da Penha Verde, o solar de D. João de Castro, a do Conde de Valenças, dos Saldanhas, a dos duques do Cadaval, a do Relogio, os Sitiaes, a dos condes de Caparica e a de Monserrate emfim, com o seu admiravel palacio do mais puro e singular estylo arabe, as preciosidades sem conta accumuladas a dentro das suas salas e os seus jardins deliciosos. Mas a que a todas sobreleva pela suprema arte, pela grandeza cheia de pittoresco, pela originalidade requintada, é a Pena, outr'ora convento de monges d'Arrabida, hoje



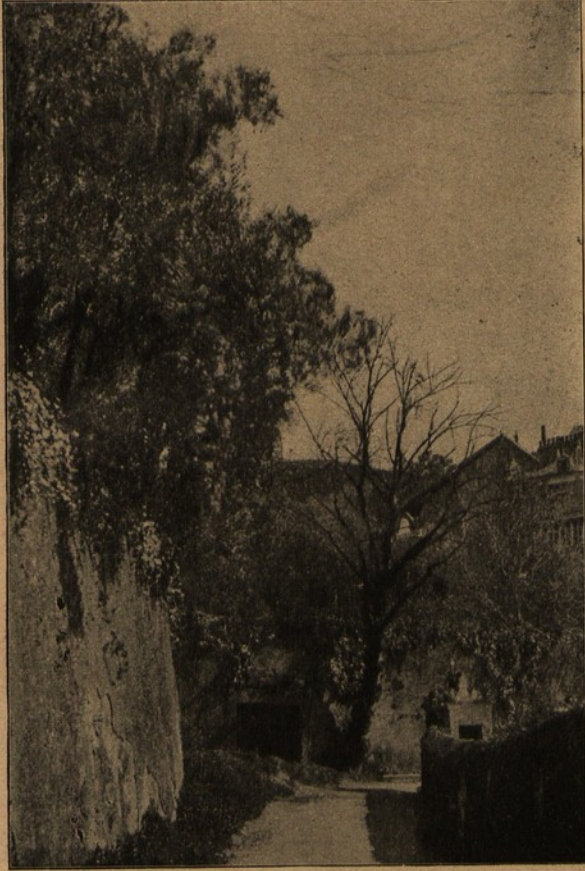
CINTRA. — Caminho das Murtas.



CINTRA. — Palacio da Pena.

convertida em residencia real com o seu palacio encantado, o seu parque de sonho, os seus jardins admiraveis de que a phantasia d'esse rei Fernando, especie de burgo-mestre teutão cheio de requinte e de genio, visionario e contemplativo, esbrazado de arte, fez uma divina maravilha.

E' alli que Sua Magestade a Rainha D. Amélia, que tem pela Pena um culto verdadeiramente idolatra, amando-a com devoções extremas, passa a maior parte do verão e ali faz gosto ver os pequeninos principes saltando e brincando, cavalgando, sem preocupações d'etiqueta, n'uma sadia gymnastica dos musculos, n'uma exuberancia de vida e de saude que faz da sua carne uma divina polpa de morango. O parque da Pena é hoje verdadeiramente um encanto, e bem differente do que foi ainda ha pouco menos de meio seculo, com a sua vegetação de medronheiros, de murtas e alecrins, de sobreiros e aveleiros ; a sua timida e múrmura fonte dos passarinhos, o tosco pombal onde pombos bravos vinham procurar albergue nas noites ventosas,



CINTRA — Caminho das Murtas

as duras cellas onde os monjes se concentravam em piedosa oração. Agora povoam-no as mais raras especies de plantas, e ali tenho passado em certos mysteriosos recantos que descobri, virgens ha muito de pé humano e onde mal chego tomo posse, horas morosas e doces, de sonho. Abrigam-me largos muros atapetados de hera, capitonados de lichens e onde treme ao vento a fina renda dos capillares, e nenhum ruido chega vindo de fóra ; a herva espessa abafa o som dos passos e os proprios passaros não gorgeiam senão em surdina. Apenas quando vem a noite é que um ligeiro sopro de brisa murmura e são os versos d'oiro de Banville e de Regnier e confissões d'amor soluçadas por labios de reparigas nubes, de olhos raiados d'amor perfeito que a brisa me segreda. D'esse calmo retiro tenho assistido ao desenrolar tragico de poentes em brazas, côr das guerras e das gangrenas, ao alvorar das brumas côr de rosa da manhã, ás aquatintas imprecisas de luar, ao flavor terno das madrugadas a abrir, e aos halos de nevoeiros que vincam de prata fosca as folhagens e alargam em perspectivas aereas os jardins.

Mas o que me ha de sempre recordar com saudade é de certo crepusculo d'agosto, meigo e somnambulante em que o ar parecia feito de rubi e cinza. A' borda d'agua uma floresta de hydranjas em flôr espanejava n'uma atmospheria irial uma floração de parque encantado. E na região humida dos lagos e dos musgos, onde a agua tem a calada molleza das peluches, por entre as pawlonias e os eloendros em flor, por entre as avencas e os nenuphars, n'um radial chromismo de florações, eu assisti a um singular espectaculo, lindo de ver com effeito. As hortencias, as delicadas flores outrora trazidas do Oriente, rosas do Japão ou novellos da China que parecem feitas de porcelana e

cinza, de morango e espuma, uma por uma iam mudando de côr. E era a floresta que se transmudava toda passando do mandarino ardente ao amarello gemma d'ovo, do salmão á côr de morango esmagado, do doirado do rubim ao rosa de Bengalla, ao rosa secco, do roxo fuchsia ao lilaz desbotado, do azul agua ao azul pavão passando pelo azul Baviera e pelo ventre de carpa, do verde malaquita ao verde ultramarino, do cinza azul ao cinza prata. E as suas melindrosas flores morrendo e renascendo na pallidez de todas as tintas, percorriam os tons inda os mais incorporeos e vagos, os que são apenas sensações de côres, desde o jacintho que parece um lilaz tysico ao chrisoprasso que semelha uma rosa morta, do violeta que é como que um pó de amethista ao nacar que é como que um pó de orvalho, do azul indico que lembra as primeiras phosphorecencias da noite ao verde que evoca a dormencia das transparentes vagas e do branco vaporoso e casto da aza de cegonha e do halo da lua ao branco leitoso dos bustos de Cleo de Mérode e d'aquelle perfumado Botão de Rosa de Teixeira Lopes.

Depois, descendo a montanha a que o nosso grande Gil Vicente chama a «amada do verão» mirantes de villas surgem cantantes e frescos d'entre o coração verde das folhagens. Para a direita fica S. Pedro, o bairro aristocratico, com as suas villas de persianas pallidas, cerradas n'um silencio de recolhido conforto ; em baixo, n'um planalto a meia vertente da montanha, é a povoação com as suas casas apinhadas, as suas ruas estreitas e mal calçadas, que a architectura irregular e pittoresca dos Paços reaes domina. E descendo ainda ao fundo do valle sempre humido, a Cantareira. Nos Paços Reaes, por onde passeia nas noites uivadas de vento dos invernos duros a tragica sombra do desventurado amante da Calcanhares, de cujo amargo captivoiro inda lá se encontram vestigios, perfumados de voluptuosa magia das lendas arabes e cheios do remember dos graciosos serões da côrte, quando alli vivia a doce Catharina d'Athayde e o Poeta ia, por uma noite de luar, suspender á porta uma corôa de flôres envolvida nos seguintes madrigalescos versos :

Secreta noute amiga a que obedeco.
Essas rosas (por quanto
Meus queixumes me ouviste) te offereço,
Este fresco amarantho,
Humido ainda de pranto
E lagrimas da esposa
Do cioso Titan, branca e formosa.

habita agora, nos mezes de verão, Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia.

Estes Paços, notados pelas suas chaminés de uma forma conica muito original, possuem algumas janellas de uma grande belleza, no mais puro estylo arabe, representando troncos enlaçados de arvores despidas de folhas e não tem, como os outros castellos do tempo, fossos, setteiras ou torreões. Pelo contrario, conserva o seu ar an-



CINTRA — A entrada da Granja do Marquez

tigo de vida pacifica e patriarchal, e vê-se que outr'ora as portas das suas salas se abriam para dar entrada a uma população religiosa e animada que alli vinha folgar com os seus reis e assistir á representação d'aquelles ingenuos autos biblicos em que os proprios principes tomavam parte. Então o seu largo atrio enchia-se dos povos visinhos, que em tropel ali acudiam a assistir aos bodos, aos galhardos torneios, ás cavalhadas famosas. Entre outras coisas notaveis que lá se encontram, destaca um fogão antigo com admiraveis baixos relevos, obra do grande Miguel Angelo, e que para alli foi levado das ruinas dos paços de Almeirim.

DOMINGOS GUIMARÃES.





FLOR DE OUTUBRO

Maria, linda Maria,
A'lvio dos meus enfados !
Olha aquella cotovia,
Como canta, como fia
A teia dos seus cuidados,
A' beira d'agua, Maria...

Ver-te os olhos e os cabelos,
Quando vaes á missa d'alva,
Toda linda, toda linda,
Como o Sol do amanhecer...
E' ter ciumes e zelos
Da propria folha da malva,
Que tu levas, toda linda,
Teu peitilho a guarnecer...

E' ter ciumes de tudo,
Desde o pó do teu caminho
A' mais triste flor da palma
Que tu olhes ao relance
Quando vaes a caminhar. . .
E nas tranças de velludo,
Caídas ao desalinho,
Sepultar olhos e alma,
O' dona do meu romance,
Quem tenha uns olhos d'olhar...

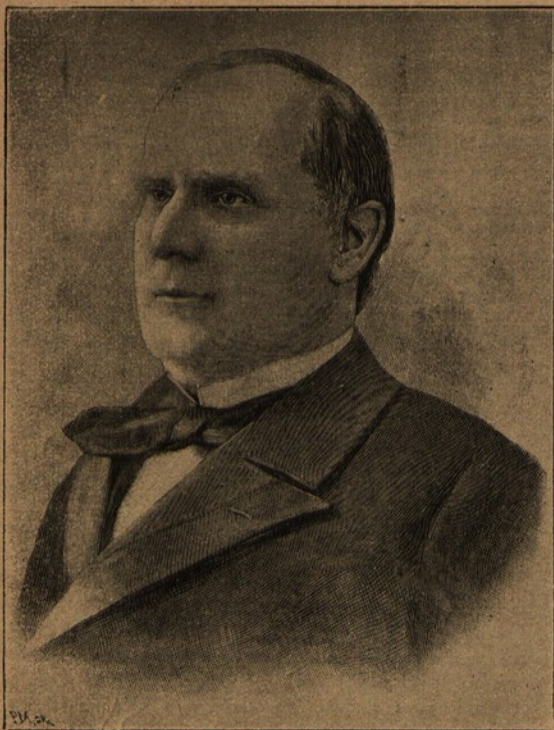
Maria, linda Maria,
Canteiro das minhas flores !
Olha aquella cotovia,
Como canta, como fia
A teia dos seus amores,
A' beira de agua, Maria...

Quem me dera ser estrada,
Com silveiras ao redor,
Pedras finas de tapete,
Rosmaninhos a cheirar ;
Para um dia, descuidada,
Como quem leva uma flor,
Levar-te a certo banquete
Que se talha aos pés do altar !

Quem me dera dos teus beijos,
Mais dos teus lindos olhares,
Quem dera das tuas falas,
Ter uma farta colheita
Como um rico lavrador !
Ter por mim os teus desejos,
Ter por mim os teus pensares,
Que o mais — riquezas e galas —
Nunca aos noivos as rejeita
O coração do Senhor...

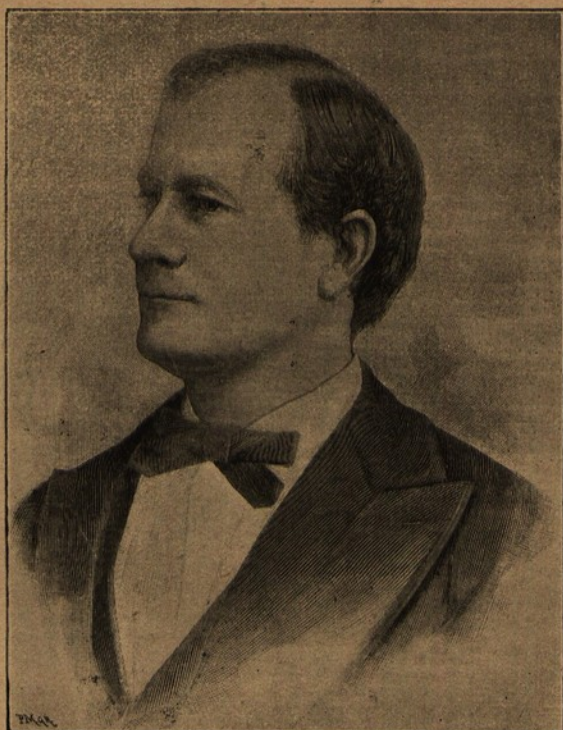
Maria, linda Maria,
Vela de seda no mar !
Olha aquella cotovia,
Como canta,
Como fia,
No tear da sua garganta
Gorgeios de oiro, Maria...

A eleição presidencial nos Estados- Unidos



MAC-KINLEY

(Novo presidente da Republica dos Estados Unidos)



W. J. BRYAN

(Candidato á presidencia da Republica dos Estados Unidos)

ESTÁ finalmente terminada a lucta eleitoral dos Estados-Unidos pela eleição de Mac-Kinley para a presidencia da grande republica norte-americana.

Eis alguns dados biographicos do novo presidente :

O partidario do ouro descende de uma familia de escocезes que, no seculo XVIII, se installou no Norte da Irlanda. Um dos seus bisavós emigrou em 1750 para a America, estabeleceu se na Pensylvania, luctou na guerra da independencia, e pouco depois d'esta ter terminado, mudou a sua residencia para Ohio.

Tanto o avô como o pae de Mac-Kinley, nunca conseguiram sahir da humilde posição em que sempre viveram, e a educação de Guilherme, que nasceu em 1844, foi muito defficiente. Amanuense d'uma administração de correios em Poland, quando rebentou a guerra civil, contava elle dezoito annos de idade, alistou-se immediatamente como voluntario no regimento do coronel Rutherford, e tomou parte em varias acções, chegando a alcançar o posto de major, apesar de nunca se ter tornado notavel em batalha alguma.

Com a lucta terminou a carreira militar de Mac-Kinley, que começou a estudar leis. Aos 24 annos estabeleceu se em Cuntton, onde conheceu Ida, a filha do rico banqueiro James A. Soxtton, uma das formosuras de Ohio com quem casou em 1871. Começou então a carreira politica do futuro presidente. Em breve foi membro do Parlamento de Ohio e governador do Estado. A sua popularidade, porém, data do momento em que se declarou advogado de protecçionismo.

E' muito notado pela sua conducta particular, a qual nem os proprios adversarios se atreveram a menoscar. A este respeito diz um importante escriptor norte-americano, adversario do futuro presidente :

«Não será um grande homem, não é certamente um character arrebatador e sympathico; porém sob muitos pontos de vista é um cidadão *americano-typico*, não só pela sua humilde origem, mas tambem pelos successivos incidentes da sua carreira, e pelas suas afeições — como pae e como esposo. Sob o aspecto politico e internacional, os Estados-Unidos podem encontrar um homem mais apto para a presidencia da Republica; porém sob o aspecto pessoal nem muitos conseguirão chegar á sua altura.»

O outro candidato á presidencia, que ficou derrotado n'estas eleições e cujo retrato tambem damos, era até ha poucos mezes um desconhecido advogado que exercia a sua profissão n'uma pequena cidade do Nebraska. E' natural do Illinois e tem apenas trinta e seis annos.

No seu programma, todo cheio de reivindicações, havia clausulas que perturbariam profundamente a situação financeira dos Estados-Unidos, e que ameaçavam gravemente os principios conservadores, em que se firma a grande republica americana.

Nos milhares de discursos, — mais de dois por dia, termo medio — que pronunciou para apoiar a sua eleição, reclamava emendas á constituição, emendas que só por si constituiriam uma revolução : a eleição do senado por suffragio universal, a substituição do protecçionismo pelo livre-cambio, o estabelecimento do imposto sobre as utilidades, e a livre cunhagem do ouro e da prata, mantendo o valor comparado 1 para 16 entre os dois metaes.

Segundo o qualificativo norte-americano, Bryan era um populista; onde quer que elle apparecesse, escoltava-o o povo, cujos appetites lisongeava, e, n'uma palavra, seguia os processos bastante conhecidos na Europa e que começam a ter desenganadas as massas trabalhadoras, dos apostolos do socialismo. Esta especie de politicos de officio, sahidos, pela maior parte, da burguezia, e que procuram o seu poderio na popularidade, começa a brotar na America, e isto explica o seu exito e só isto explicaria o seu triumpho.

Era natural que as massas, que viam pela primeira vez um candidato á presidencia offerecer-lhe o desapare-

cimento de todas as proeminencias do capital, e que os pobres se enriqueceriam com os despojos da alta finança, dos açambarcadores do ouro e dos depreciadores da prata, o seguissem entusiasmados. E se accrescentarmos isto, n'um paiz onde o pessoal parlamentar está tão apodrecido, a promessa de arrancar-lhe a gestão da fortuna publica, explica-se como este advogado da provincia, com a sua vertiginosa actividade de propaganda, chegou em pouco mais de dois mezes a ser o unico competidor com esperanza de disputar o triumpho ao candidato Mac-Kinley, em redor do qual se agrupavam todos os elementos conservadores e que tinham que perder, ao passo que Bryan contava com todos os socialistas e anarchistas de todas as procedencias.

Mac-Kinley, o candidato eleito, representa a politica diametralmente opposta á do seu rival, excepto na questão cubana, ácerca da qual ambos se mostravam inclinados á intervenção dos Estado-Unidos, e o seu triumpho é o da *plutocracia* — como lá se diz — que domina na direcção dos assumptos e na governação da republica americana.

MAC-KINLEY INTIMO. — Depois de ter sido apresentada a sua candidatura, Mac-Kinley passou uma existencia verdadeiramente penivel.

Installado na sua casa de Canton — Estado d'Ohio — ahi estabeleceu o seu quartel general, e acompanhado, simplesmente, de dois secretarios, preparou mais de cem discursos e recebeu varias delegações vindas de muitos pontos da União.

Não se pôde calcular o numero de *shake-hands* que elle se viu obrigado a distribuir pelo grande numero de pessoas que o iam visitar.

Na ultima semana então, chegou a causar dó. Teve de fazer, diariamente, aquelle exercicio fatigante mais de 8:000 vezes. Só um homem com a robustez de Mac-Kinley, é que poderia tolerar semelhante massada.

Ainda para maior martyrio, viu-se na necessidade de lêr 1:500 a 2:000 cartas, por dia. E que cartas! Juntamente com as que tratavam de questões interessantes viam-se outras e que formavam o maior numero, que tinham por fim solicitar um retrato, um autographo, uma qualquer coisa, emfim, que fosse de Mac-Kinley.

O desejo de possuir qualquer objecto do presidente attingiu tal grau que até lhe mandam pedir as pontas de charuto que elle despreza!

Actualmente para melhor poder dar cumprimento aos seus trabalhos, Mac-Kinley levanta-se ás cinco horas da manhã. Começa por lêr o correio, responde ás cartas mais importantes, assigna as que manda escrever aos seus secretarios.

A's nove horas recebe numerosas visitas, interrompendo as recepções na occasião em que toma alguma refeição. A's quatro sahe com sua mulher, n'uma pequena *charrette* que elle mesmo guia.

E' a sua distracção diaria.

Depois de jantar, dicta os discursos que tem de pronunciar no dia seguinte, ou discute com os seus partidarios, as noticias que veem dos diversos estados.

A' uma hora da noite recolhe aos seus aposentos para descançar algumas horas.

Tal é, nos seus treços geraes, o viver intimo do novo presidente da republica.

O COLLECCIONADOR DE INSECTOS





NEVADA — Desenho de Casanova

A baroneza Stempel Borghi



MADAME Stempel Borghi, cujo retrato hoje damos, é uma distincta dama, — distincta pelo seu nascimento, pela sua não vulgar intelligencia e pelos primores do seu coração.

No nosso paiz, onde um falso convencionalismo e não menos falsos preconceitos afugentam a mulher dos meios em que ella poderia revelar os seus dotes de intelligencia alliados a essa fina intuição que caracteriza o sexo chamado fragil; no nosso paiz, diziamos, é talvez notada uma senhora que, como a nossa biographada, despida de preconceitos, se evidencia nas diversas manifestações da arte, como possuidora d'uma fina compleição.

Como cantora, como pianista, como escriptora, e ainda o *sport*, como nadadora, a sua individualidade tem-se destacado.

Madame Stempel Borghi foi viver muito nova para a Italia, onde concluiu a sua educação a expensas da czarina.

Depois, os diversos acontecimentos que provam mais uma vez que nem sempre a fortuna bafeja aquelles que de tal são merecedores, madame Stempel dedicou-se á vida artistica.

Em Milão cantou algumas operas, entre ellas á *Favorita*, na qual foi applaudidissima, não só pela sua excellente voz de contralto, como tambem pela sua bella escola de canto, e pelo sentimento artistico que soube transmittir ao auditorio.

Mais tarde, em Londres, cidade onde viveu alguns annos, tomou tambem parte em concertos promovidos sob os auspicios do duque de York, filho primogenito do principe de Gales e nos quaes teve varias noites de gloria.

Os jornaes londrinos publicaram então artigos muito lisonjeiros para a distincta cantora.

Achando-se ha pouco mais de dois annos em Lisboa, madame Stempel é já uma admiradora entusiasta do nosso

paiz, que ella ama como sua terra natal. Actualmente está trabalhando n'um livro intitulado *Lisboa, seus habitantes e arredores*.

Madame Stempel não é só uma strenua defensora das reivindicções femininas, mas tambem a primeira a condemnar, quer o excesso de propaganda em que algumas senhoras se lançam, chamando sobre si o ridiculo, quer esses falsos preconceitos que fazem da mulher, em geral, um objecto de luxo, sem vontade propria, sem direitos e sem deveres. Ainda ha pouco, apreciando uma resolução tomada n'um congresso feminino de Paris que approvou a adopção pelas velocipedistas dos trajas masculinos, madame Stempel condemnou n'uma carta publicada no *Diario de Noticias* essa resolução, cuja adopção seria um peccado de lesa estethica. Essa carta, se lhe rendeu alguns louvores, deu tambem logar á recepção d'outras em que o seu modo de vêr era ferozmente condemnado como um estorvo ás conquistas feminis.

Alma de artista, madame Stempel tem pela natureza uma admiração exaggerada. O mar e o campo possuem para ella encantos que poucas pessoas lhe podiam encontrar. O anno passado foi esta illustre dama, nadando, de Algés a Paço d'Arcos, cerca de 8 milhas em 2 horas, sem que mostrasse o cançasso que naturalmente era de esperar. Este facto, que denota uma compleição não vulgar n'uma senhora e uma ousadia ainda menos vulgar, n'outro qualquer paiz mais adeantado de que o nosso n'esse genero de exercicios phisicos, teria dado bem nas vistas. Infelizmente, no nosso paiz este e outros factos passam quasi despercebidos, como que dando incentivo á nossa proverbial indolencia.

Do seu bello coração diz mais do que tudo o seguinte facto: Ha tempo, madame Stempel necessitou ir a uma repartição publica fallar a um funcionario, cujo nome não vem para o caso. Ao retirar-se, uma pobre mulher que ella não conhecia estava tambem alli esperando, com uma pretensão qualquer. Não só pelo grande numero de pretendentes que alli se achavam, como pela occasião, que não era das mais propicias, decerto não seria attendida n'aquelle dia. Então a pobre pretendente, vendo madame Stempel sahir do gabinete do referido funcionario e as justas considerações que o mesmo lhe testemunhava, dirigiu-se áquella dama e pediu-lhe, chorando, que fosse sua interprete junto d'aquelle de quem necessitava protecção.

Madame Stempel commoveu-se e, retrocedendo, contou áquella cavalheiro que a pobre mulhersinha tinha apelado para a sua generosidade e que, portanto, pedia-lhe que fizesse por ella tudo quanto fosse possivel.

Aquêle a quem a supplica foi dirigida não foi decerto insensivel ao generoso pedido da nobre dama e aos rogos da pobre pretendente, que parece ter adivinhado que madame Stempel tem uma alma franca e boa, aberta a todos os sentimentos generosos e humanitarios.

Muito deixamos ainda por dizer e que mais reforçaria a opinião de que madame Stempel é, como dissemos, na rigorosa accepção da palavra, uma dama distincta.

SEVERINO SOARES.



(Página do diário d'uma mulher)



“Már alto, na coberta. O céu azul tem hoje uns laivos fundos de melancolia, como um docel cobrindo um thalamo de luto. Vôam gaivotas rez-vez d'agua, temos a costa perto. Amarme-ha elle? Vejo nos seus grandes olhos negros onde perpassam faixas que attrahem para o seu abysmo de velludo a tristeza de uma felicidade perdida n'algum canto do mundo.

Será um sonhador? Nas noites estrellada, quando o silencio paira sob a pualha luminosa da agua que marulha docemente elle róla como um ébrio a sua nostalgia pela amurada, com os olhos enterrados na sombra. Dir-se-hia que procura um ponto luminoso que o attrahe e o chama n'um aceno de caricia. Parece dizer-lhe a treva inviolavel: — Porque não vens? Espero-te... sou a tua noiva. Nos rochedos de coral ha palacios phantasticos illuminados pelas phosphorescencias azues... Grandes monstros marinhos os guardam, doces como cordeiros. Vem... dá-me o beijo dos eternos esponsaes.—Elle estende os braços, debruça-se na borda, soluça.

Quem será? Oh, se eu tivesse o seu amor!

*
* *
*

como uma hostia consagrada e faceta a crista das ondas em mil colorações. E' a ultima missa que ouvimos a bordo. Tudo rutila desde a cara do *babies* até ao casco do vapor, que corta a agua devagar, na direcção da linha azulada que se perde ao longe no céu. Na calmaria do ar translucido a estola do padre, cór d'espuma, tem a alvura de uma benção, e estendida sobre as cabeças ajoelhadas, n'um largo gesto santo, parece descer de Deus, na grandeza luminosa do horisonte que a perder de vista se desenrola entre agua e céu.

Não o vejo. Passou a noite a namorar a treva, e sonha agora com a sua doce amada que o espera no palacio de coral.

O padre peneira sobre nós o *Ite*. Ha um borborinho confuso que ondula da pôpa á prôa.

Tudo se meche e redemoinha; fluctuam ao vento gazes brancas de véos como azas de insectos; uma chalrada alegre alaga o tombadilho, escorrega pela bocca das escadas, engolpha-se nos camarotes, desce até ás cosinhas. Rutila em todos os rostos uma sã alegria de appetite.

Porque não vem elle? Subito, para a banda do leme, ouve-se um grito. E' o timoneiro que dá a voz d'alarme. — Homem ao mar!

Corre tudo á amurada. A toda a roda do vapor cachos de rostos se penduram, n'uma anciedade. E para traz, na esteira onde o sol levanta mil escamas de prata, o seu corpo magro rola lentamente, com o fundo olhar poisado no risonho céu, n'uma hossana de graças.

Foi ter com a noiva que o chamava aos castos beijos dos eternos esponsaes.»

DOMINGOS GUIMARAES.



L. KUHNE

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS CONSELHOS ÀS MÃES, PAES E EDUCADORES

Alimentação; somno; distração e occupação;
preceitos práticos auctorisados pela observação e pelo exemplo

TRADUÇÃO DE

LUIZ CARDOSO

1 Volume 200 réis. Pelo correio 220 réis

O NOVO SYSTEMA DE CURAR EXPOSIÇÃO, APRECIÇÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

COZINHA VEGETARIANA

Tratado theorico e prático da alimentação segundo a natureza, por E. Baltzer, livro muito recommendado e citado por L. Kuhne na sua obra. Unico e verdadeiro tratado d'este genero e que indistinctamente convem aos que se tratam pelo systema Kuhne, ou pelo systema Kneipp, ou por qualquer outro systema. — Centenares de receitas e formulas para cozinhar os legumes, fructos, leite, farinhas, ovos, cacau, chocolate, pastelaria — toda uma cozinha variada, appetitosa, hygienica, saudavel e economica, segundo o systema do afamado hygienista L. Kuhne.

1 Volume 400 réis. Pelo correio 440 réis

A' VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ANTONIO MARIA PEREIRA

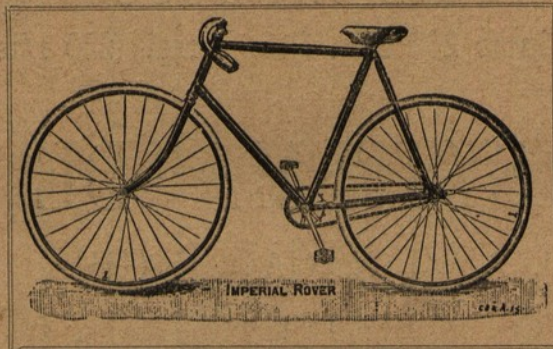
50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54

LISBOA

ROVER CYCLES

OU BOM
OU NADA

11 Primeiros
premios.
6 Segundos
premios



1 Diploma de meda-
lha de ouro.
1 Diploma de meda-
lha de prata.

Na Rover não ha uma unica peça que não seja de superior qualidade.

ESPECIFICAÇÃO

SELLA — brooks N.º B 10.

QUADRO — (55, 60 e 65 centm.) é do me-
lhor tubo Weldless (sem soldadura).

PEDALEIRO — 12 centm. de largura.

RODA DENTADA — desmontavel.

GUIADOR — reduzido.

PUNHOS — E. H.

AROS DAS RODAS — occos Westwood.

RAIOS — tangentes, reforçados nas duas ex-
tremidades.

PNEUMATICOS — da The Dunlop Pneu-
matic Tyre C.ª Ltd.

GARPHO — do melhor tubo Weldless (sem
soldadura).

ALVADO — 12 centm. completamente imper-
meavel.

ROLAMENTOS — todas as caixas e rola-
mentos são feitos do aço DIAMANT, e
temperados por um processo particular.

NICKELADOS — sobre cobre.

ACABAMENTO — esmalte extra-brilhante e
adherente.

MANIVELLAS — quadradas.

PEDAES — Rover, impermeaveis.

CORRENTE — Renold.

Com material tão escolhido junto a um acabamento esmerado, obtem o
cyclista amador ou profissional uma machina de primeira ordem, tanto
para a estrada como para a pista.

DEPOSITO DAS "ROVERS,, CASA FAVORITA

50 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 52

AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA

BRANCO E NEGRO



CAIM — (Esculptura de Teixeira Lopes)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 34

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de 10a.
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBECAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojos e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGITIMAS VIOLAS HESPANHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 34

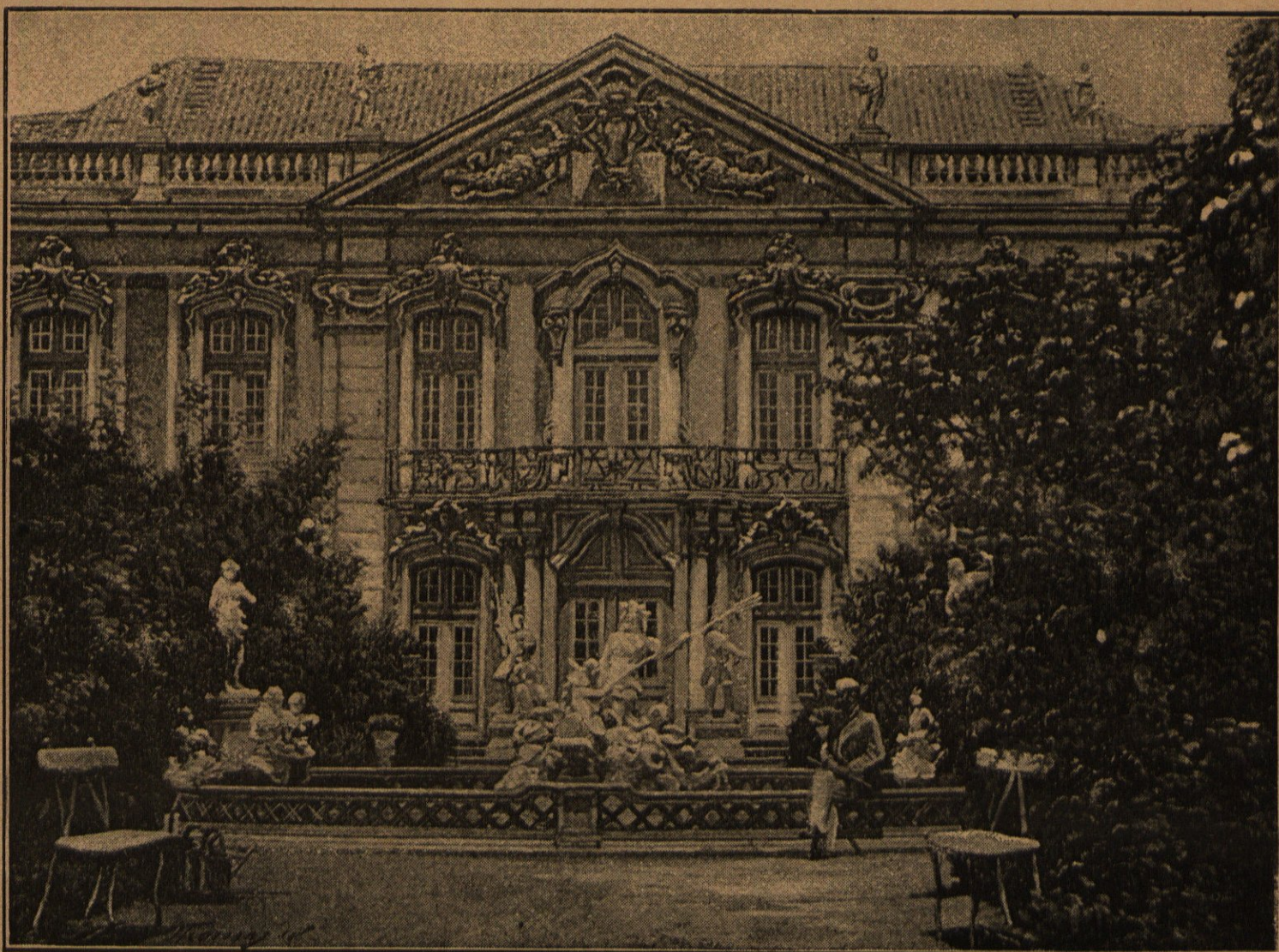
LISBOA, 22 DE NOVEMBRO DE 1896

1.º ANNO

OS PALACIOS

I

QUELUZ



O LAGO E A FACHADA DO LADO DO JARDIM

Oh! a melancolia dos palacios abandonados nos lividos outonos! Sente-a a gente infiltrar-se nos na alma como um velho pó que vem de longe, enrodilhado no passado; as folhas douradas pelos ultimos poentes entornam a tristeza que lhes ficou das velhas eras rutilas; pelas ruas sombrias dos parques silenciosos escorregam sombras que se vão definindo no nosso espirito, tomando contornos e esboçando linhas; e até a funebre quietação das estatuas parece gemer, misturando com o vento que agita as ultimas folhas, os seus gritos desolados. Paira um silencio de morte que desce das collinas escavadas, nimbadas á hora dos pôres-de-sol por um halo d'ouro que alastra pelo céu azul turqueza, raiado de nacar côr de rosa.

E as noutes de luar então! Quando elle cáe sobre os tanques e põe brilhos d'áço na agua, parece descer nos seus raios alguma cousa da antiga vida da côrte que nos desperta e nos faz evocar os velhos minuets e pavanas, o roçar dos vestidos de seda floridos de ramagens, a musica languida e quebrada, em ondulações de violinos, o tom dolorido dos cravos reboando nas alamedas mysteriosas e azuladas, onde o amor galante brincava sob as velhas frondes; casava-se o mystico com o profano, o incenso subia nas espiraes do almiscar, dando uma extranha atmosphaera de capella e sala, em que as virgens dos altares tomavam tons de carnação rova e desciam dos seus nichos acordadas pelas notas alegres de uma walsa e os effluvios que falavam das tonturas da paixão. Predominava a côr; os homens vestiam a redingota e a levita salpicadas de ramagens; nos dedos, os aneis flammejavam; e os botões do collete, que era a peça de vestuario em que a phantasia se mostrava mais requintada e onde se viam, bordados a seda, os mais pittorescos assumptos — caçadas, pastoraes, caricaturas, scenas de cavallaria, —

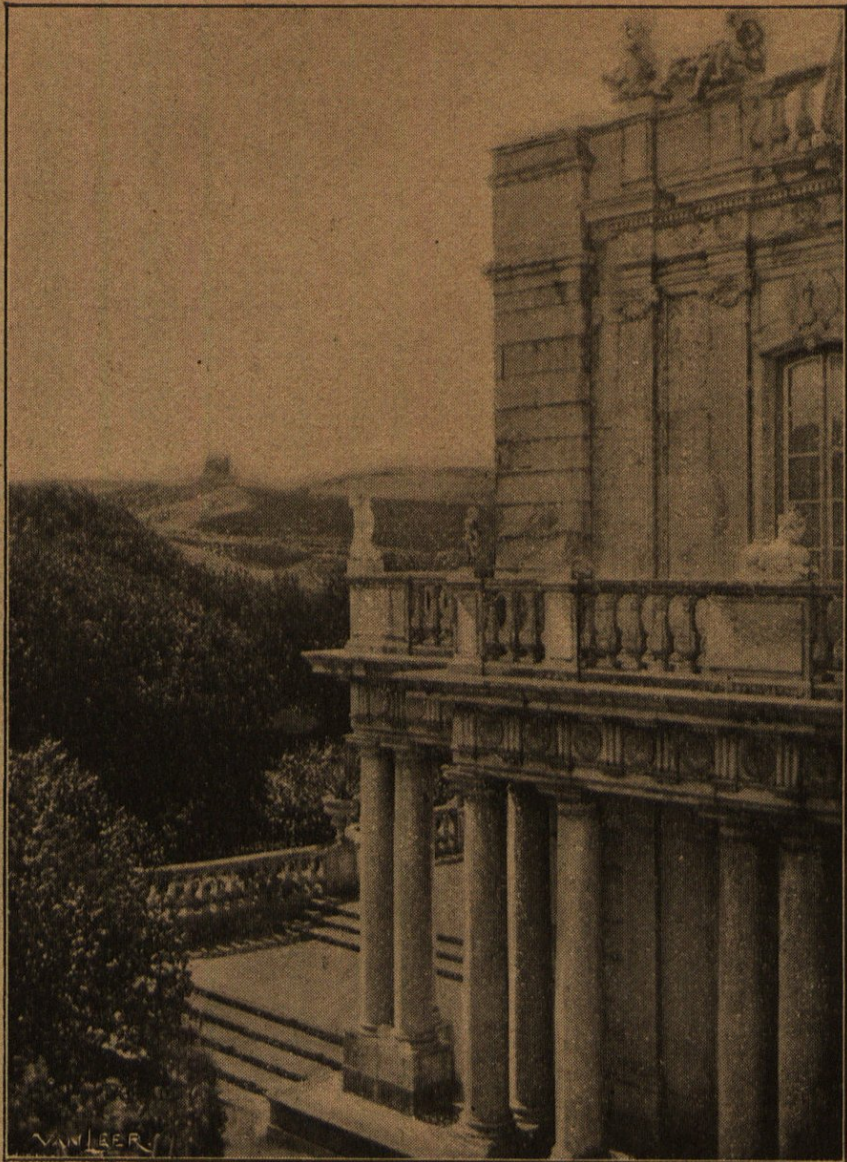
eram de ouro, com ornatos cinzelados, de nacar com incrustações de pedras preciosas. Alguns levavam o requinte até ao ponto de irem buscar aos velhos tempos de Roma os assumptos com que decoravam o esmalte dos botões, — a face glabara dos Cesares, o seu perfil de medalha mordido e resaltante, uma das *Metamorphoses* d'Ovidio, insectos e mineraes, todo o chronismo deslumbrador de uma flora de jardim. As mulheres, frivolas e lindas, usavam todo o artificio da galanteria, pondo *mouches* de taffetá negro, assimiladas a todos os signaes do Zodiaco, talladas em lua, em sol, da fórma de crescentes, de estrellas, de cometas. Havia modos particulares de as collocar — nas fontes, perto dos olhos, aos cantos da bocca, fazendo resaltar a brancura da pelle e dando-lhes um ar appetitoso e provocante. Os vestidos eram as *polonezas* postas sobre os balões — cuja moda nos chegára de Versailles



ALA DIREITA DO PALACIO DE QUELUZ

onde a Maintenon, que os inventára, estava então no maior brilho da sua regencia d'amor, — que lhes davam uma amplidão e indecisão fluctuantes, disfarçando as imperfeições do andar. Usavam bengalas altas de bambú e ebano, com castão de ouro, em que seguravam com as pontas dos dedos, pelo meio. E para dar uma ficção de poesia e de deslumbramento, abanavam-se com leques de pinturas bizarras e de côres roseas e indefinidas...

Queluz como nenhum outro palacio do meu paiz evoca perturbantes remembers d'esta vida de corte e dir-se-hia ser a voz da sua saudade que, subindo pelas collinas pelladas, os buzios dos moinhos atiram em toda á roda ao vento que passa inchando as vélas n'um lugubre lamento de carrilhão perdido e distante. Um rei mystico e perdulario, aquelle mesmo que mandara construir a molle enorme de Mafra com os seus patriarchas gigantes e os seus retabulos de marmore branco emmoldurados em bronze, que fizera a Patriarchal e a capella de S. João Baptista toda em marmores preciosos, tivera a phantasia de erguer tambem n'aquella planicie de morte e de silencio gelado um palacio grandioso, com parques e jardins fabulosos, fontes e jogos d'agua, cascatas e estatuas, que fosse a nossa Versailles. A galanteria da corte de Luiz XIV deslumbrava-o e elle quiz imitar aquella vida cheia de maledicencia e

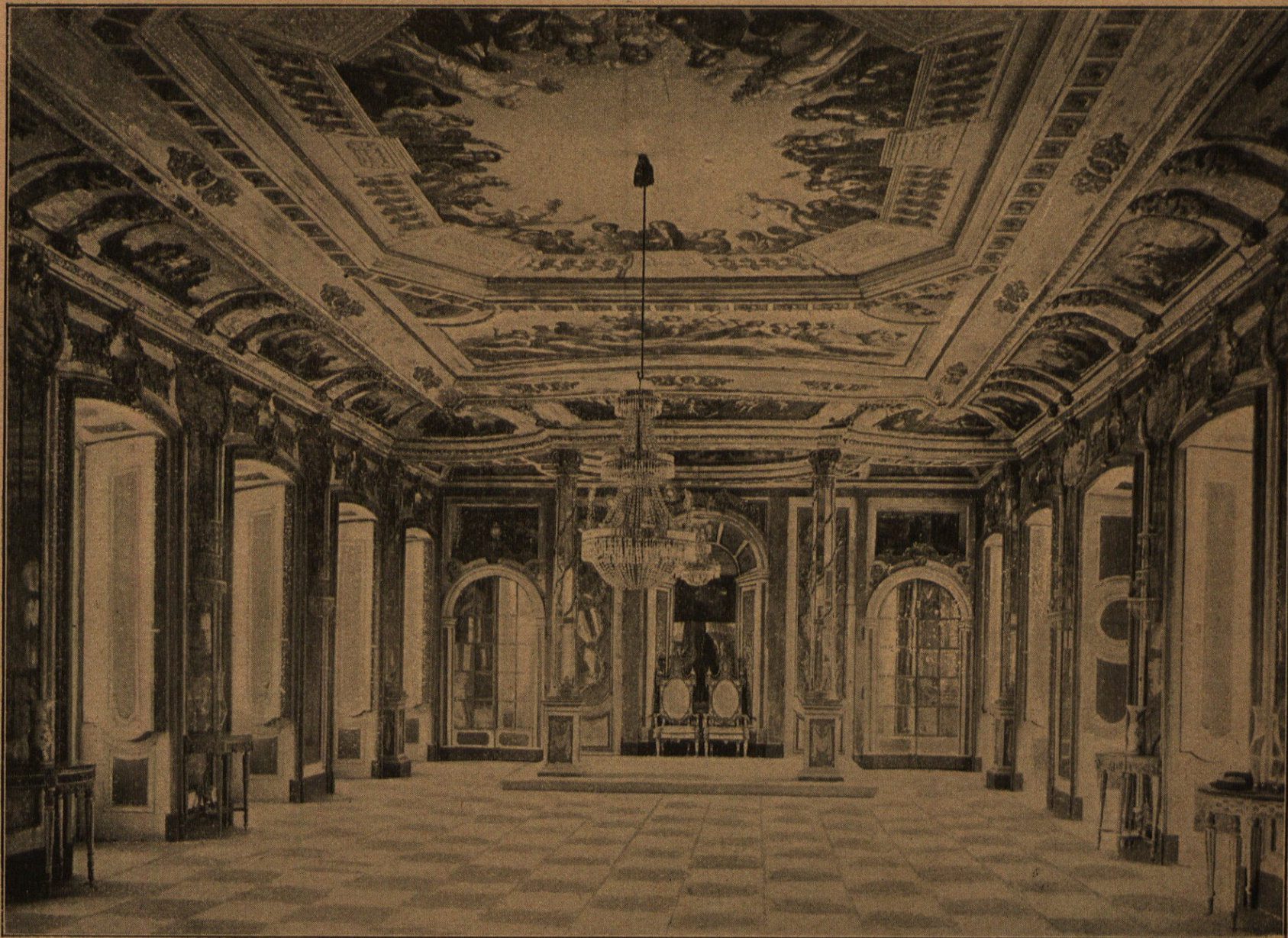


ESCADARIA

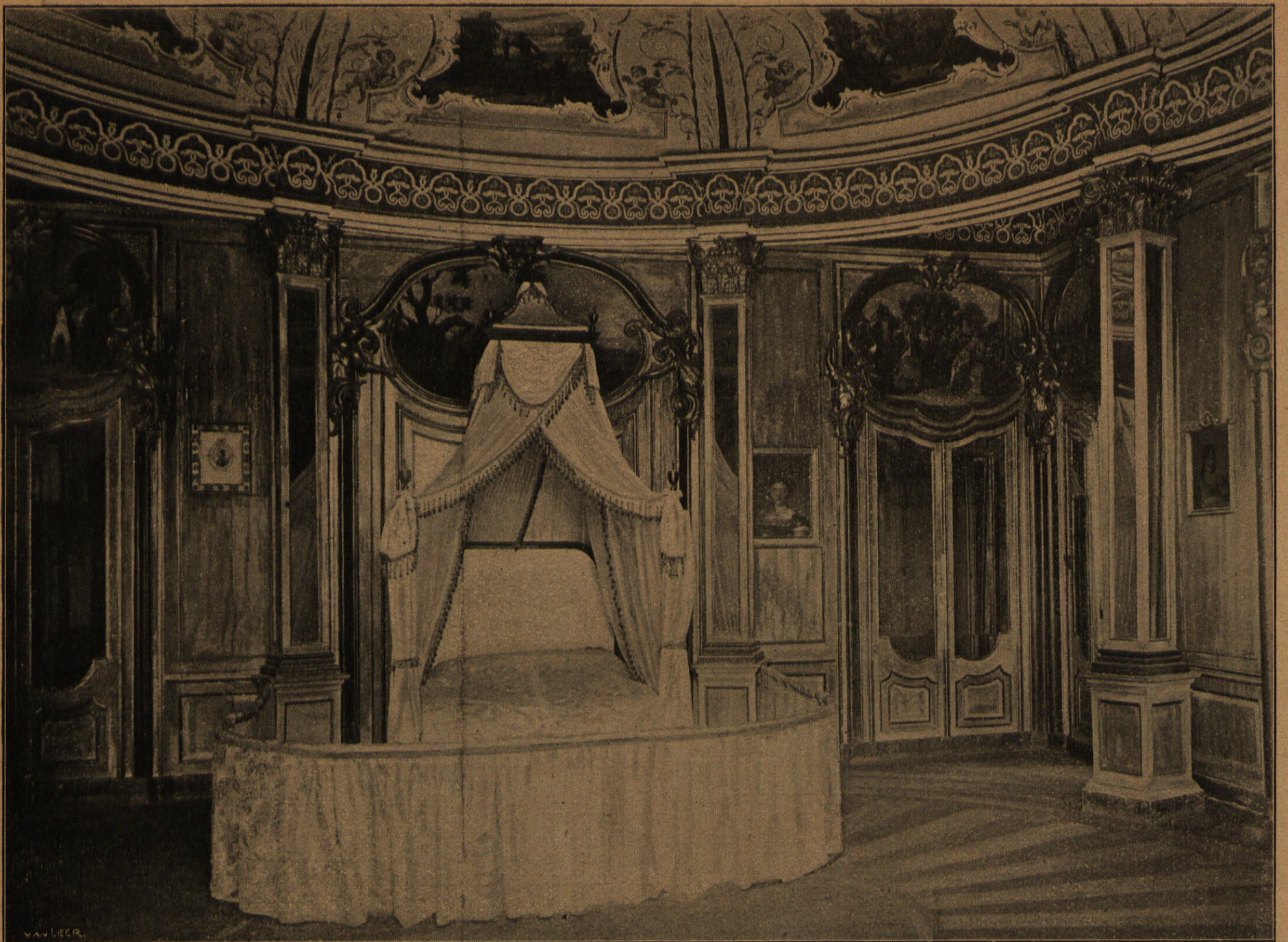
de calúnia, com desdem por tudo, preguiçosa de raciocinar, sarcasta e voluptuosa. Mas antes de ver o seu sonho realizado morreu, as obras ficaram incompletas, e com quanto D. João VI depois do incendio do palacio das Necessidades fixasse ali a sua residencia até á sua fuga para o Brazil, lá tivesse vivido D. Miguel durante o seu curto reinado e D. Pedro IV até á morte, nunca no palacio de Queluz a vida teve o esplendor da de Versalhes no tempo de Luiz XIV, com os escandalos da Pompadour e as vergonhas da du Barry ou no reinado de Luiz XV, o monarcha egoista e libertino que segundo Argenson seu ministro se assimilhava ao Amor, e na opinião de Richelieu, era aos quinze annos o mais bello adolescente do seu reino, sobo dominio dos bellos olhos da linda duqueza de Chateauroux.

Certo houve cá luzidas festas. Mas que eram os bailes de Carlota Joaquina e de D. Miguel comparados com aquellas celebres festas dadas em Versalhes por occasião do casamento do Delfim com a infanta de Hespanha, cuja recordação e brilho o talento de Cochin conservou em bellas gravuras e das quaes o mais notavel foi sem duvida o deslumbrante fogo d'artificio e o baile masqué da galeria dos espelhos, baile que, segundo diz o Duque de Lurgnes nas suas memorias, durou até ás oito horas da manhã, dansando se em quatro logares differentes ao som de innumeradas orquestras? Decerto que a corte de Queluz não esqueceu nas suas diversões o theatro, que se deram no theatrinho do palacio muitas representações, mas como poderiam ellas ser comparadas com as do picadeiro das grandes cavallariças de Versalhes convertido em sala de espectaculos, onde se representava a *Princesa de Navarra*, comedia bailado de Voltaire posta em musica por Rameau em que a Montespan, a condessa de Tessé, o conde de Ayen e a propria rainha tomavam parte, pois segundo os Goncourts «toute la société rêve theatre d'un bout de la France à l'autre; ou il n'est pas de procureur qui, dans sa bastide, ne veuille avoir des trétreaux et une troupe».

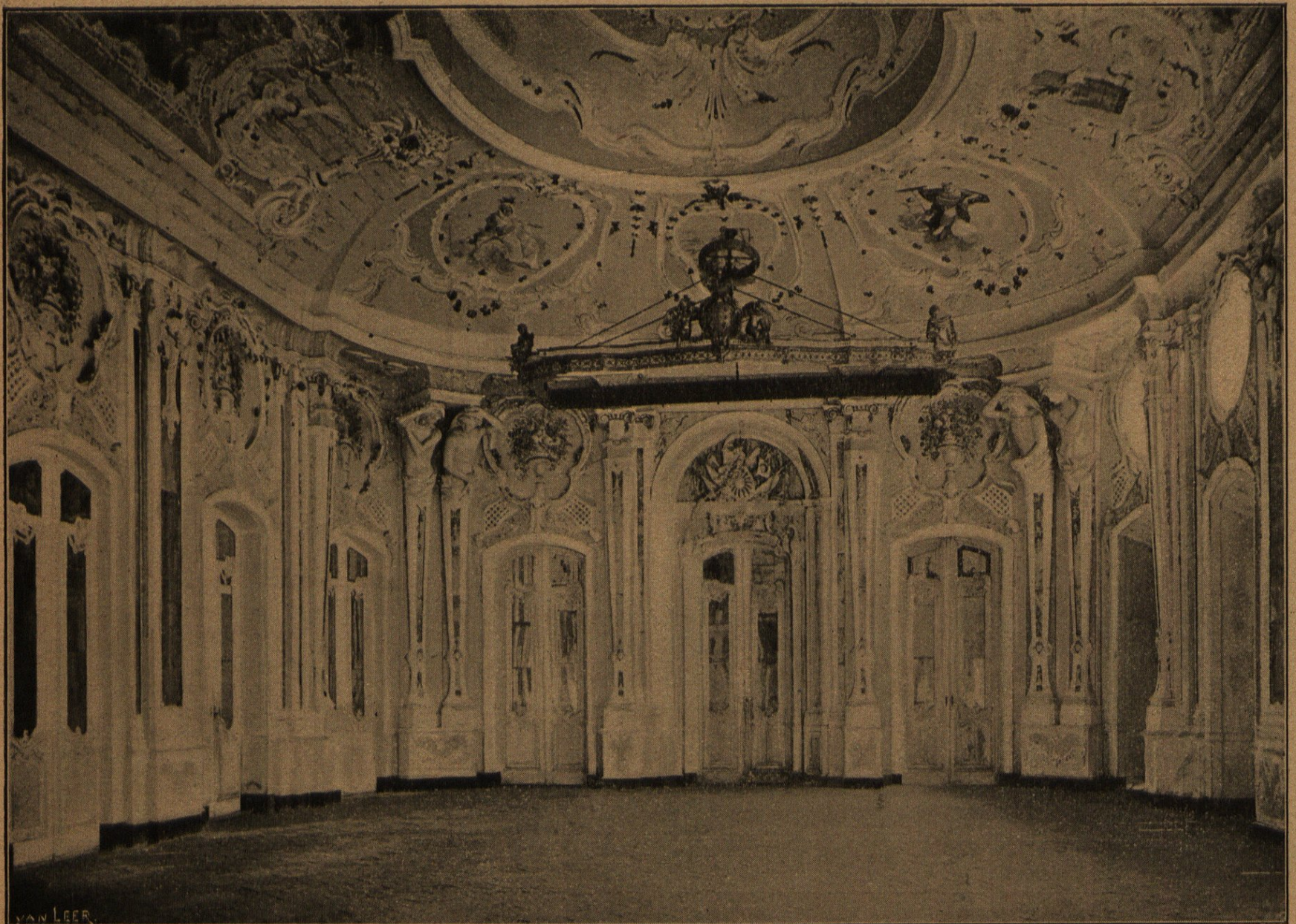
E os serões? Que eram os de cá ao lado dos chás á ingleza do Principe de Conti, das conversas cheias de volupia e de veneno, madrigalescas e languidas dos salões de Sully, Bouillon, dos Rohan-Soubise, Nesle ou da Du-



SALA DOS CONCERTOS



LEITO ONDE MORREU D. PEDRO IV



A SALA DO THRONO

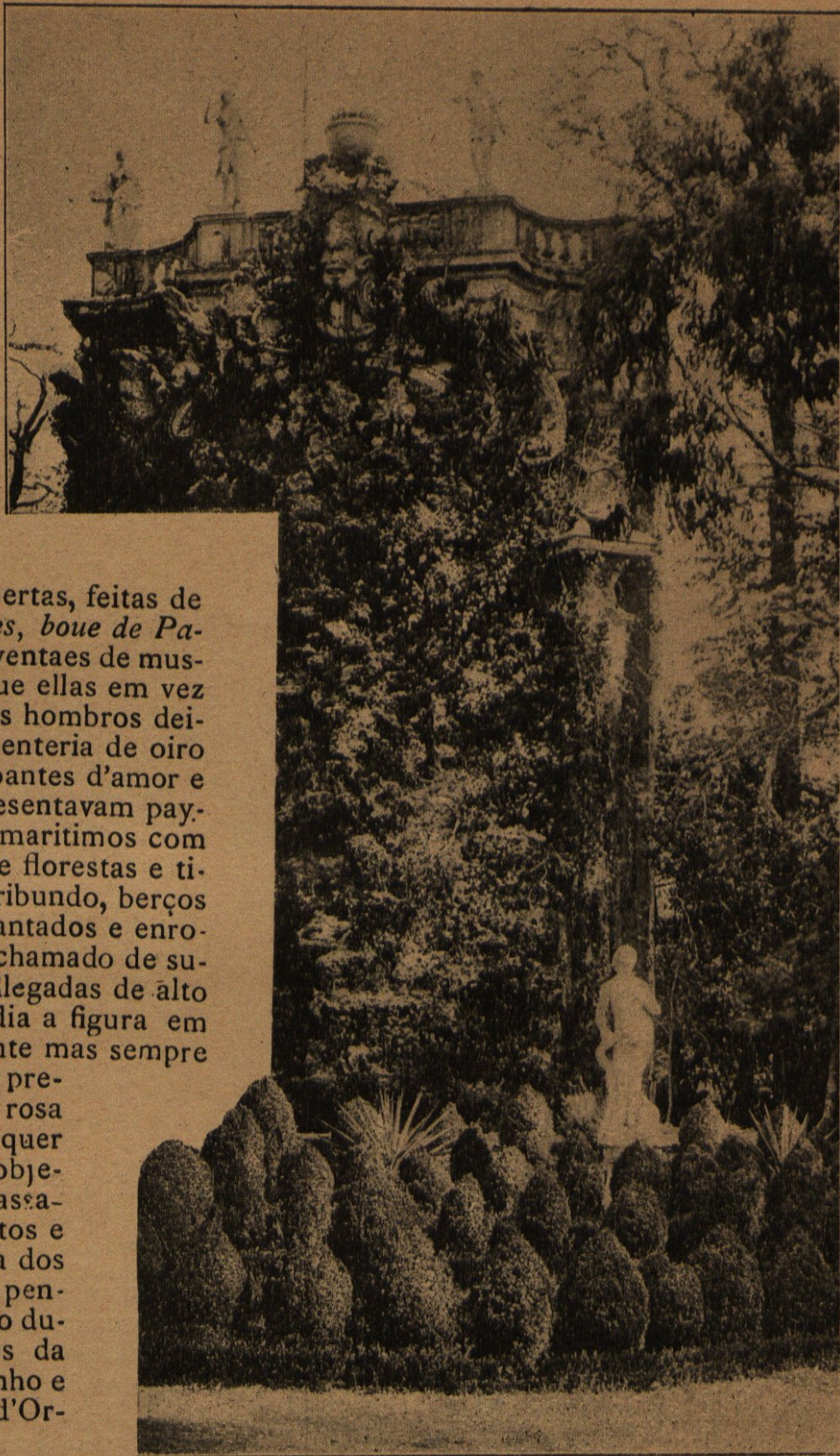
queza de Maine frequentados por os abbades e cavalleiros que succediam aos marquezes da comedia de Molière ou das espirituosas palestras do salão de Madame Dupin onde iam Diderot, Montesquieu, Voltaire e Fontenelle ou das merendas e passeios folgasões e alegres a Marly, a Trianon, a Saint-Cloud, ao castello de Rambouillet? E a galanteria, o luxo? O seculo xvii foi o seculo da moda. Se La Bruyère nos *Caracteres*, se João Jacques no *Emilio* a combatiam, se Voltaire não se lhe mostrava mais indulgente, Montesquieu transigia com ella e Buffon defendia-a mesmo dizendo que a toilette é uma parte de nós mesmos. Porisso os retratos de Vonloo, as gravuras de Elsen, de Moreau, o moço, de Lawrence, a pintura friamente satyrica de Debucourt, as narrações pittorescas de Ritif de la Bretonne os desenhos de Luiz Watteau nos transmittem as mais phantasticas e delirantes invenções. As mulheres com os seus vestidos á Joanna d'Arc e a peruviana, de mangas curtas e abertas, feitas de estofos das cores então chamadas *larmes indiscretas*, *boue de Paris*, com lindos *cáracos* de tafetás com ramagens e aventaes de muselina das Indias, mantilhas de velludo e setim que ellas em vez de trazerem na cabeça enrolavam no pescoço e nos hombros deixando as pontas terminadas por borlas de passementeria de oiro cahir ao acaso, os chapéus á Matelborough, os turbantes d'amor e os extraordinarios penteados e cabelleiras que representavam pay-sagens, jardins á ingleza, simulacros de combates maritimos com fragatas figurando mastros e baterias, montanhas e florestas e tinham nomes phantasticos — o militon, o cão moribundo, berços d'amor, os penteados á Delfim com os cabellos levantados e enrolados em cachos que desciam sobre o pescoço, o chamado de subir ao céo, que dava á mulher setenta e duas pollegadas de álto desde o queixo até ao cimo da cabeça e que dividia a figura em varias zonas, cada uma ornada d'um modo differente mas sempre com um acompanhamento de tres grandes plumas presas ao lado esquerdo da cabeça n'um nó de fita rosa carregado de grossos rubis e o penteado em *pouf* quer dizer, não tendo outra ordem senão a confusão de objectos diversos— plumas, fitas, alfinetes, borboletas, passaros, ramos d'arvores, amores de papel cartão, fructos e até legumes. Uma vez a duqueza de Chartres, filha dos duques de Penthièvre chegou a apparecer na Opera penteada com um *pouff à sentiment* sobre o qual se via o duque de Beaujolais, seu filho mais velho, nos braços da ama, um papagaio debicando uma cereja, um negrinho e desenhos compostos com os cabellos dos duques d'Orleans, de Chartres e de Penthièvre!

Houve por cá d'isso? Não o affirmou a satyra nem diz a caricatura que houvesse.

No emtanto assim mesmo incompleto sem os outros corpos de edificio avançando a fechar o circulo, cujo vão seria cheio por jardins, que bella coisa não é este palacio de Queluz todo de lioz e marmore branco com o seu parque e os seus caramanchões, as suas fontes e os seus lagos, os seus chafarizes e as suas cascatas, e como elle bem synthetisa toda a perfumada arte de aguarella e de madrigal e toda a graça amorosa do divino seculo dos gentishomens de casaca de matiz e de *jabot à dentelles*!



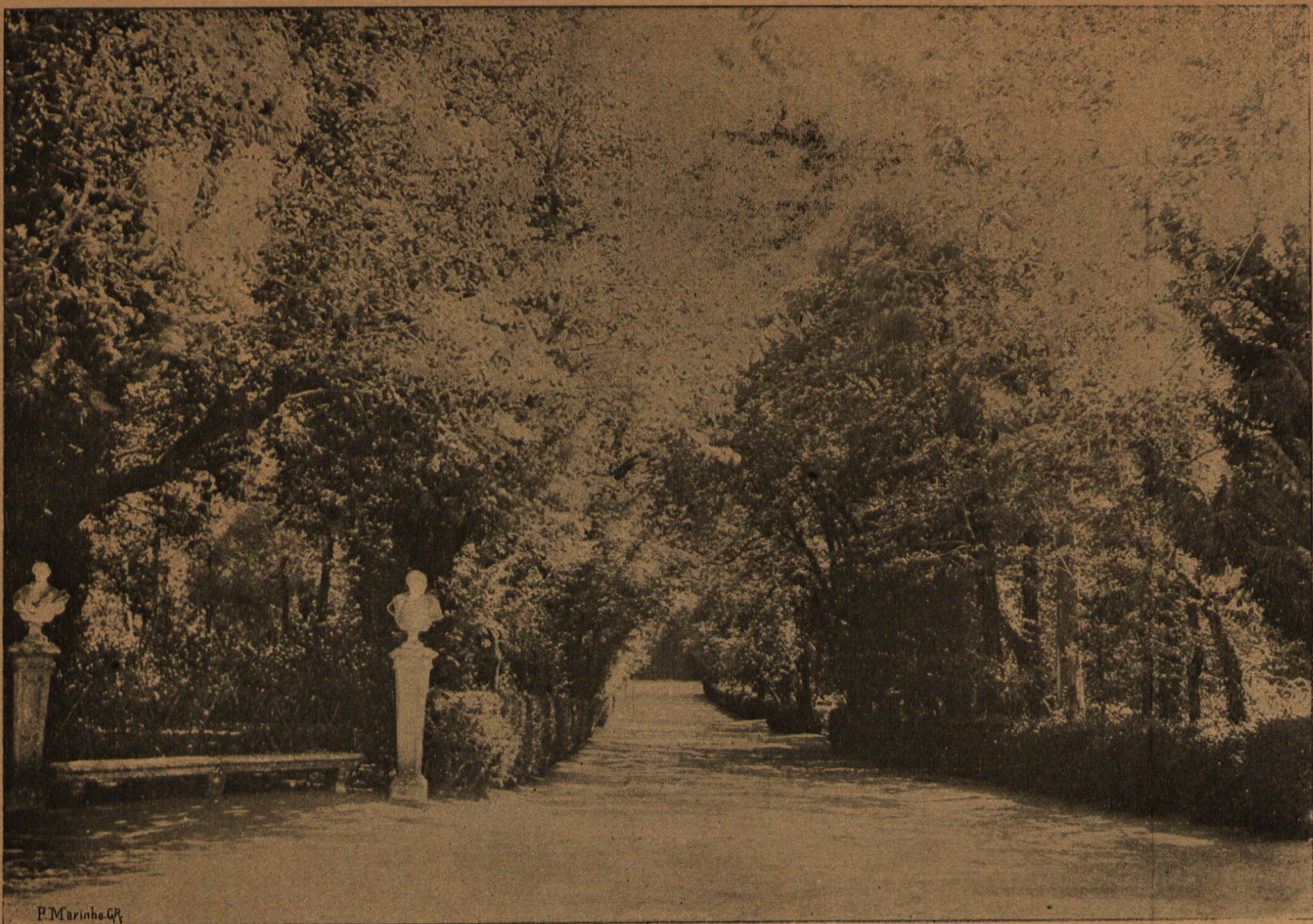
NO PARQUE DE QUELUZ



QUELUZ — A CASCATA

de casaca de matiz e de *jabot à dentelles*!

A face do edificio que olha o parque e a matta, feito de corpos irregulares, de alas que formam angulos rectos e morrem em graciosas curvas é a mais bella, e a que accusa maior character architectonico. A da direita toda de lioz, doirado já pelos soes, apoia-se em sobrias columnas d'ordem dorica, com uma graciosa balaustrada de pedra lavrada engastada de medalhões e baixos relevos, do centro do qual jorra agua que, de concha em concha, vae caindo, e que dá para largas escadarias enfeitadas de bouganvilles, de velhos limoeiros, de rosas. Esta balaustrada morre no corpo central do palacio, ao nivel do primeiro plano dos jardins, para de novo apparecer correndo por toda a ala esquerda do edificio, de portas altas encimadas por escudos e ramagens e em cujos intervallos ha collumnatas sustentando bustos de marmore.

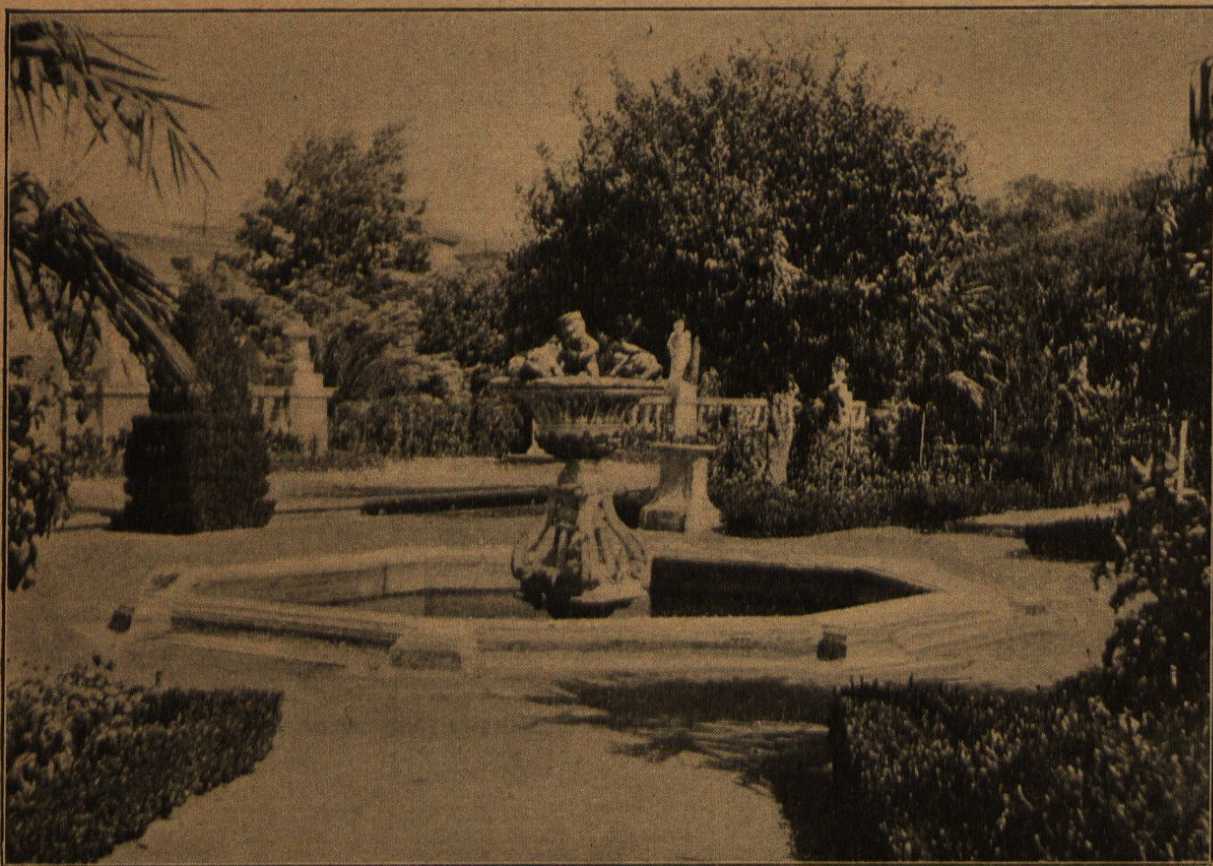


P. Marinbo GR.

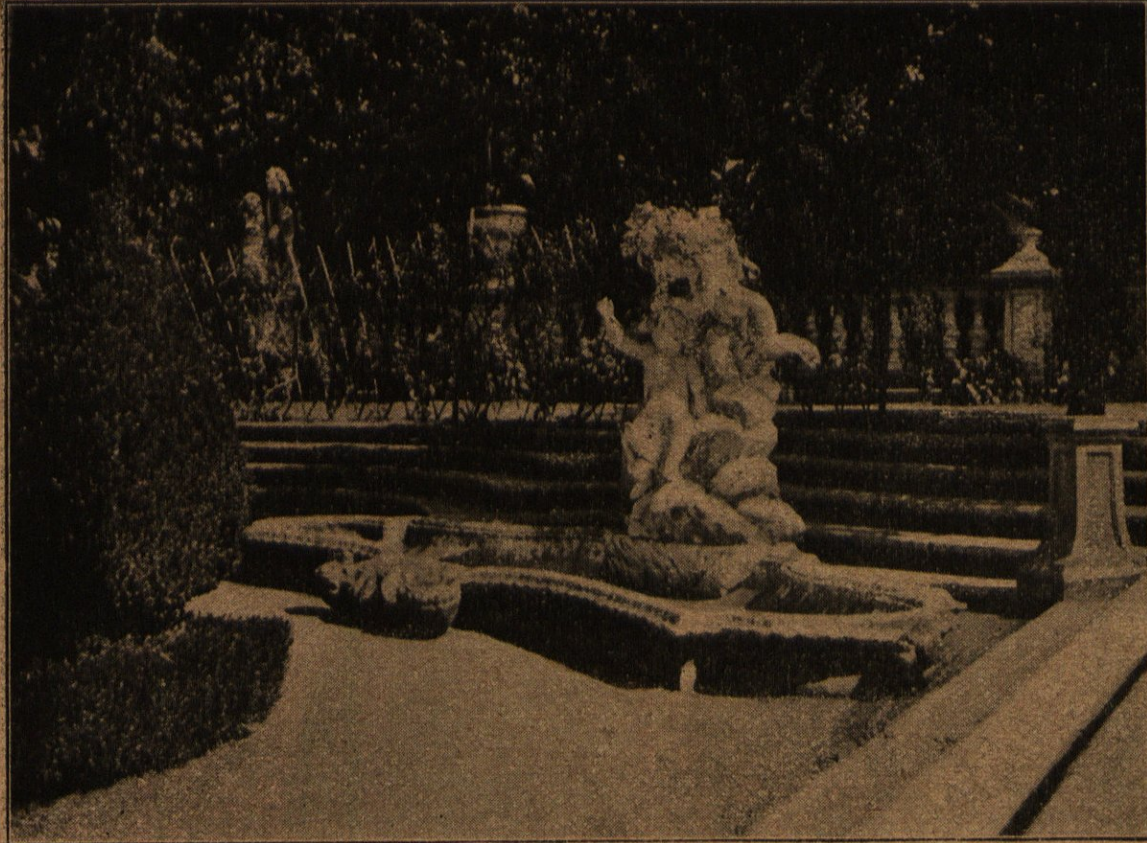
UMA ALAMEDA DO PARQUE

O interior é bello, de salas magnificas, amplas galerias com preciosos azulejos do Rato. Logo á entrada, passada apenas a sala dos archeiros, encontra-se a sala d'espera com tres admiraveis pannos d'Arraz figurando os do lado scenas das guerras d'Alexandre, grupos de soldados, de cavallos e elephantes cheios de vida e d'um relevo poderosissimo. O do fundo é uma deliciosa pastoral, lembrando as *bergerades* de Boucher, o pintor das frescas e vivas côres, das elegancias *musquées*, das graças risonhas e finas. Depois temos os quartos da rainha e do rei, de pilastras direitas, de linhas tranquillias e com lascas de espelhos e cabeças de anjos sorrindo, e dando ambos para o oratorio particular forrado de damasco vermelho, com um bello S. Jeronymo, quadro a oleo assignado por Norberto José Ribeiro. A seguir, a sala dos embaixadores onde morreu D. Pedro IV com o seu leito, um busto de D. João VI, em cera, a face cahida e molle, retratos do seu filho o principe real uma creança galante morta de bexigas aos 7 annos, e os da infanta D. Francisca d'Assis e de seu esposo D. Carlos d' Hespanha. Nos tympanos das portas e no agudo das ogivas, *tableaux* com scenas do *D. Quixote* e do *Casamento de Figaro*. Depois o salão de musica e baile

mais conhecido pelo salão das talhas, pelos jarrões da India e Japão que lá havia, com esplendidas *boiseries* d'oiro, espelhos transparentes de Baccarat e medalhões com pinturas; a sala de jantar com um rico *plafond* de talha doirada, quadros a oleo revestindo as paredes e um phraldalim de pau santo, e ainda uma outra pequena sala cuja parede é occupada por um bello retrato a oleo, figura natural, de D. Miguel, devido ao pincel d'um retratista de Vienna. N'um fundo vermelho a galharda figura do impetuoso moço, rude e cheio de coração, desventurado e sincero, destaca com o seu uniforme negro onde brilha o oiro das dragonas e condecorações, a sua mascara bem portugueza de face 'inda glabara, sem a ondulada barba d'um castanho escuro que, desde que chegou á sua terra não mais cortára e que tanto apaixonava as mulheres. Por ultimo os salões de musica e de baile: o de musica com columnas d'ordem ionica, de capiteis ornados a oiro e *lambris* de azul de-



UM TANQUE DO PARQUE



NO PARQUE

estrellas, demandando as extremidades do parque. São longas avenidas de ruas de buxo com velhas arvores chorando agora, nas lagrimas amarellas das suas folhas, a saudade do passado morto. A do centro, de loireiros delicados e platanos conduz á cascata, onde uma carranca outr'ora jorrava constantemente agua; agora a agua vendida, creio, por um algum inesthetico avaro á companhia, cahe prosaicamente nos contadores das cosinhas da baixa!

Ao lado direito do parque ficam ainda as estufas e para além dos pomares, cortando a quinta lado a lado, n'uma fresca varzea, o canal outr'ora cheio de agua correndo por entre uma renda de finos choupos e sulcado de

gondolas doiradas. E' mais pequeno sem duvida que o de Versailles, para cujo serviço chegou a haver um intendente das aguas, uma equipagem de navio com capitão e marinheiros, mas não é por certo menos bello — todo elle forrado de azulejos azues no interior, d'um violeta pallido, d'um amarello muito doce, d'um verde terno de funcho pela banda de fóra e figurando caçadas, aspectos romanticos de Veneza, scenas ingenuas de galanteio fidalgo.

São bellos na verdade estes azulejos e dir-se-hiam a copia, decalcada por mão infantil, dos idyllios amourosos de Watteau, dos themes cõr de rosa que, na obra do poeta cheio de tristeza e de genio das *Festas Galantes* e do *Embarque para Cithera* a todo o momento se repetem: a través d'um caniçado de jardim dois namorados conversando, ou n'algum fundo do parque, com perspectivas longinquas de amieiros e aguas, azues calmos de bruma e hortencia, um grupo de *roués* empoados e de *marquezinhas* de sapatos doirados e aventaes de seda florida, que, ao pizzicato dos violinos, avançam curvando-se trez vezes na mesma languida reverencia d'um minuete gracil.

Ah! mas como vae distante a alegre mascarada de Watteau! O outomno espalhou naz alamedas do parque as suas lentas tristezas e os seus mortaes abandonos, e nenhum ruido atravessa agora os quinconcios senão o vento chorando nos bosques desfolhados, e a través do nevoeiro gelado dos tanques, o reflexo phantastico das luas brumosas, das luas de novembro, verdes, cercadas d'um brilho espectral d'astro morto.

Palacios abandonados, como sois melancolicos e tristes nos lividos outomnos!

DOMINGOS GUIMARÃES.



UMA ALAMEDA DO PARQUE

Rectificação

No artigo do nosso amigo e camarada de redacção Domingos Guimarães, inserto no nosso numero passado, sahiu o titulo completamente transtornado. Onde se lê: *O brado*, deve lêr-se: *CA bordo*. Nem d'outra maneira se comprehenderia o artigo.



O DUQUE DE ORLEANS

O casamento do duque de Orléans foi um verdadeiro enlace do coração. Sua Alteza tinha apenas 12 annos de idade quando se encontrou no castello de Eu com sua prima, por occasião d'uma reunião de família que ali houve. As duas creanças foram attraídas uma para a outra por mutua sympathia. Mais tarde encontraram-se em Kingston, quando o duque de Aosta casou com a princeza Helena d'Orléans. A archiduqueza Maria Dorothea ficou muito impressionada pela elegancia do principe, pelo seu fino espirito e pela energia do seu character. Por seu lado, o duque de Orleans apaixonou-se pela gentil princeza hungara. Nos ultimos dias do mez de junho. Sua Alteza, conversando com sua veneranda tia, a princeza Clementina de Saxe-Coburgo, fallou-lhe muito da sua neta, a archiduqueza Maria Dorothea.

— Vae vel-a, vae — disse-lhe a princeza Clementina. Em Alcsuth saberás d'ella muita coisa que eu não sei nem posso dizer-te.

Passados alguns dias, o duque de Orléans partia para a Hungria, hospedando-se no castello do archiduque José. E, como o imperador da Austria estivesse então em Budapesth, foi ali cumprimental-o. Francisco José, sabendo que elle vinha d'Alcsuth, teve um presentimento, e, quando o principe lhe fallou dos dias deliciosos que passára no castello, respondeu-lhe, sorrindo intencionalmente e abraçando-o :

— Volte então para lá. Creia que encontrará alli a felicidade.

O duque de Orléans voltou effectivamente para Alcsuth com a princeza Clementina, a fim de azer o seu pedido official, que foi acolhido com a maior alegria.

Faltava apenas o consentimento do chefe da casa de Habsbourg, consentimento que chegou n'esse mesmo dia n'um telegramma muito affectuoso, em que o imperador Francisco José dizia que esta nova união da casa de França com a sua casa imperial realisava um dos seus mais ardentes desejos.

No dia seguinte o duque de Orléans offereceu á archiduqueza Maria Dorothea o anel dos esponsaes, ornado d'um esplendido rubi. E, no grande salão de recepção, os noivos receberam os cumprimentos dos membros das suas familias e das pessoas do sequito do principe. O conde de Gramont e o conde de Chevilly, beijando a mão da futura duqueza de Orléans, expressaram-lhe com os seus votos de felicidade os de todos os amigos da casa de França.

Alcsuth, essa magnifica propriedade de dez mil hectares, pertencente ao archiduque José da Hungria, pae da duqueza de Orléans, está situada a uma hora do caminho de ferro de Budapesth, a seis horas de Vienna.

O castello, um edificio muito vasto e elegante, compõe-se d'um *rez-du-chaussée* e d'um primeiro andar. Em baixo tem os grandes salões de recepção ; uma sala de jantar enorme, toda decorada com *frescos* copiados dos de



A DUQUEZA DE ORLÉANS

Pompeia, e os aposentos do archiduque, da archiduqueza sua esposa e de suas filhas mais novas, as archiduquezas Izabel e Clotilde, a primeira das quaes tem treze annos e a segunda doze.

Os aposentos da archiduqueza Maria Dorothea, a esposa do duque de Orléans, são no andar superior.

O castello tem, além d'estes, mais uns cem quartos, porque o archiduque José gosta immenso de receber amiudadas vezes, como hospedes, os seus parentes e amigos.

Os aposentos que foram occupados pelo duque de Orléans, são tambem no *rez-du-chaussée*. Compõem se d'um salão, um quarto de dormir e um gabinete de *toilette*.

O mobiliario do castello visa apenas ao conforto. Não ha alli moveis preciosos, nem estofos de preço, nem *bi-belots* raros. O grande luxo da propriedade está nos maravilhosos jardins e no parque tratado á inglesa, onde se encontram todas as arvores e plantas que se dão no clima hungaro. A sua vegetação é soberba, verdadeiramente extraordinaria.

O castello de Alcsuth foi mandado construir pelo archiduque José, palatino da Hungria, que desposou a duqueza Maria Dorothea de Wurtemberg e que morreu em 1855. O filho d'este principe, o archiduque José, leva ali uma vida patriarchal. Toda a familia se levanta ás 6 horas. A's 7 serve-se uma pequena refeição. Depois os archidukes e suas filhas vão para os jardins, gosar o ar da manhã. Passadas duas horas, as creanças voltam para o castello com a archiduqueza Clotilde, afim de darem as suas lições. O archiduque occupa-se do commando do seu regimento de *landwehr* hugaros, e lê os ultimos livros, os jornaes e revistas que o correio lhe traz, e que o põem ao corrente de todas as novidades scientificas e litterarias. Sua alteza é socio honorario da academia hungara de sciencias.

O almoço é servido ao meio-dia. De tarde os principes passeiam a pé, de carruagem ou a cavallo. O archiduque, que é general de cavallaria, monta admiravelmente e possui uma caudalaria verdadeiramente modelar.

A's 7 horas janta-se e ás 10 da noute todos os habitantes de Alcsuth estão recolhidos.

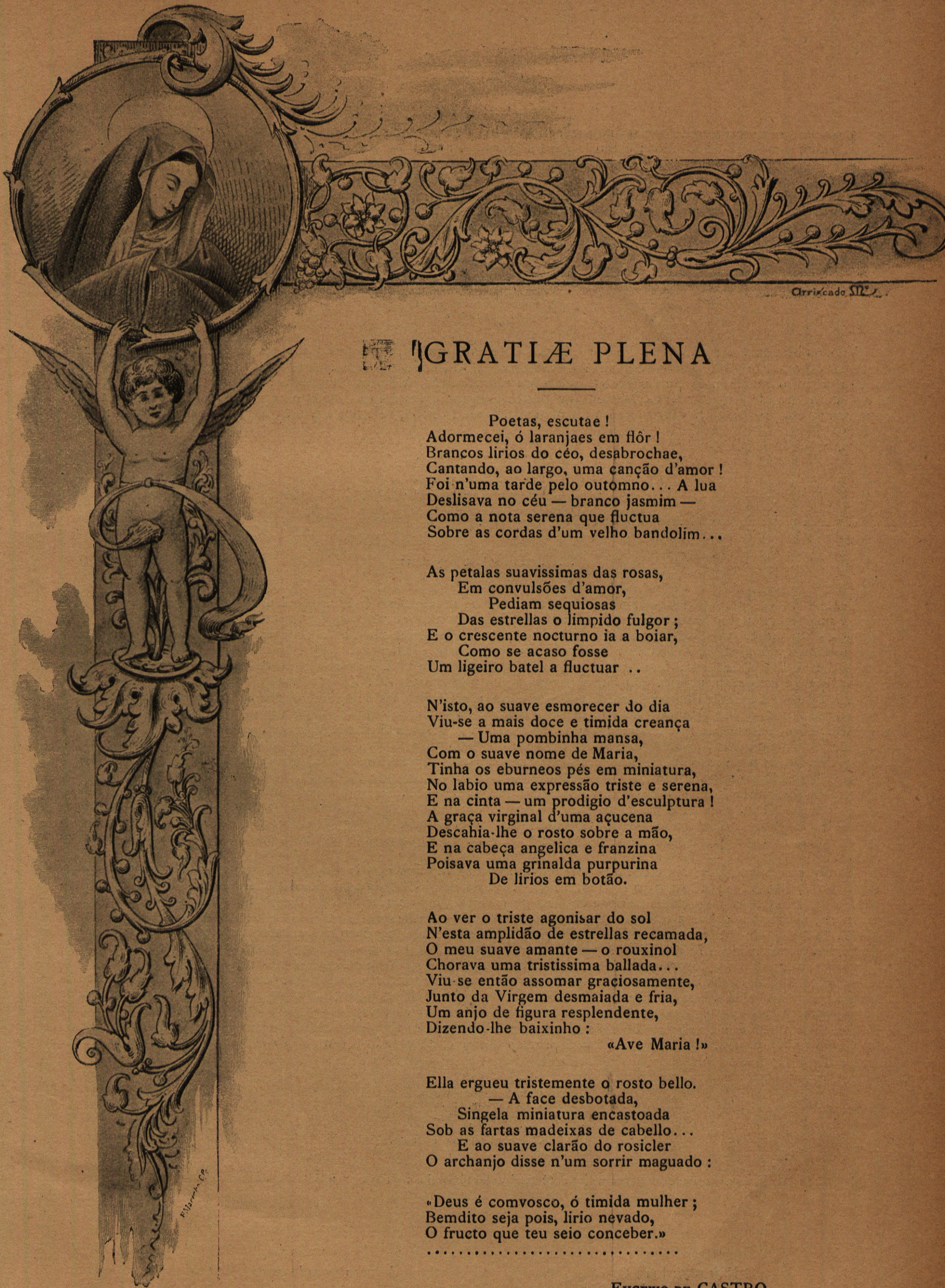
De quando em quando organisam-se caçadas ás perdizes, ás lebres, aos veados, etc., que abundam no parque. O archiduque José é um atirador de primeira ordem, mas ha um anno que não toma parte em divertimentos d'esse genero, desde a morte de seu segundo filho, o archiduque Ladislau, que morreu com 21 annos de idade, victima d'um desastre n'uma caçada.

A tristeza que reinou durante um anno em Alcsuth cedeu agora o logar á alegria motivada pelos esponsaes da archiduqueza Maria Dorothea com o duque de Orléans.

N. B. — O desenho que publicamos a pag. 122, representando o casamento do Duque d'Orleans, é copiado de *L'Illustration*. N'elle se vê á esquerda a Rainha de Portugal, D. Amelia.



O CASAMENTO DO DUQUE DE ORLÉANS — Depois da cerimonia nupcial



Arriscado S.M.

GRATIÆ PLENA

Poetas, escutae !
Adormecei, ó laranjaes em flôr !
Branços lirios do céu, desabrochae,
Cantando, ao largo, uma canção d'amor !
Foi n'uma tarde pelo outômno... A lua
Deslisava no céu — branco jasmim —
Como a nota serena que fluctua
Sobre as cordas d'um velho bandolim...

As pétalas suavissimas das rosas,
Em convulsões d'amor,
Pediam sequiosas
Das estrellas o limpido fulgor ;
E o crescente nocturno ia a boiar,
Como se acaso fosse
Um ligeiro batel a fluctuar ..

N'isto, ao suave esmorecer do dia
Viu-se a mais doce e timida creança
— Uma pombinha mansa,
Com o suave nome de Maria,
Tinha os eburneos pés em miniatura,
No labio uma expressão triste e serena,
E na cinta — um prodigio d'esculptura !
A graça virginal d'uma açucena
Descabria-lhe o rosto sobre a mão,
E na cabeça angelica e franzina
Poisava uma grinalda purpurina
De lirios em botão.

Ao ver o triste agonisar do sol
N'esta amplidão de estrellas recamada,
O meu suave amante — o rouxinol
Chorava uma tristissima ballada...
Viu-se então assomar graciosamente,
Junto da Virgem desmaiada e fria,
Um anjo de figura resplendente,
Dizendo-lhe baixinho :

«Ave Maria !»

Ella ergueu tristemente o rosto bello.
— A face desbotada,
Singela miniatura encastoadada
Sob as fartas madeixas de cabello...
E ao suave clarão do rosicler
O archanjo disse n'um sorrir maguado :

«Deus é comvosco, ó timida mulher ;
Bemdito seja pois, lirio nevado,
O fructo que teu seio conceber.»
.....

EUGENIO DE CASTRO.

N A B E I R A

No meado do mez, ahi para o dia doze, pega a lua de apontar serena, a estampar se sobre as eiras. Póde-se sahir sem medo dos lobos; estão lá para a serra, os malditos.

Noites na Beira! Pelos caminhos encontram se cruces, pedindo orações por alguém que foi morto alli; marcos de pedra, implorando preces pelas almas do Purgatorio: — O' vós, que ides passando, lembræ-vos de nós, que estamos penando. — Os cães ladram nos portaes das quintas, maticando aos que passam, estrada fóra. O vento canta brandamente pelas ramagens das aveleiras e pinheiros, vibrando algures na estrada, nos fios electricos, uns gemidos dolorosos. Ora que ainda ninguém adivinhou o que o vento murmura n'estas noites amenas! .. E lá sorde uma guitarra, de um casal, ou por detraz de uma sebe, acompanhando cantigas.

Milho grosso, milho grosso,
Milho grosso e bandeirinha;
A' sombra do milho grosso
Namorei uma rainha.

Vão os homens, mingachos ao hombro, botar as tarrafas ao rio, á pergunta das bogas. Que belleza! O Zezere corta sinuosamente os lodeiros semeados de milharaes altos, brilhando em curvas exquisitas, caprichosas, a diluir na sua agua os brilhantes pulverisados, que a lua vae moendo. Além ha barulhada; toma-se banho, pontinha de noite, com grande algazarra, os homens primeiro, a chapejarem com as mãos na agua, nadando para junto dos cannaviaes, enquanto as mulheres, sentadas na areia, fazendo roda, se entretêm a cantar, meio em surdina:

Se o meu fôra Antonio,
Mandava-o engarrafar
Em garrafinha de vidro
Para o sol o não queimar.

E vae um descarado, lá do rio, responde em falsete:

..... para o sol o não queimar.

Zezere lindo, que até as pedrinhas brancas e negras se vêem no fundo, que é um regalo olhar para lá! Homens e mulheres, postados sobre as rodas de agua, vão enchendo as cales de troncos de pinheiro escavado, até regarem os tornadoiros. E vae um, joga d'aquella banda uma cantiga, e este, da margem de cá, responde-lhe no mesmo tom, com arrastamentos de voz, trementes, langorosos, gementes... Que bonita que é então a paizagem! Para o dia vinte do mez a lua vae em cheio, como uma boia de prata, a atravessar serenamente as ondulações das nuvens, que se reflectem no rio, mansinho como a agua n'um tanque... Zezere lindo!

Sente-se uma creatura bem, quando anda por estas ruas, formadas de alas de trovisqueiros e espinhos, choupos e sobros espaçados, de onde em onde. Grillos e ralos cantam, n'uma chiadeira dos diabos. Lá na serra fumegam as fogueiras, com espiraes de fumo negro; são os pastores. Algures fica Ourondo, Silvares, mais alem, o Soito. . E parece-me então enxergar, contemplando a harmonia d'estas noites suaves, em que a lua, redondinha como a pedra do moinho, põem listrões de neve nas linhas das cumiadas, abraçadas em idyllo, por entre os carvalhos e pinheiros, ou sentadas sobre os penedos, as almas santas de João de Deus e de Cesario. . Quem sabe se por alli andarão phantasmas e lobishomens! Tem-se ouvido contar tantos casos... Sempre é bom não brincar com coisas serias! Olhem a tia Rosaria, o que lhe aconteceu com o marido que todas as noites lhe vinha á porta transformado em cavallo — Santo Nome de Jesus! — e com o outro que viu Belzebuth a assar lagartixas, para besuntar o pão com a gordura d'ellas! Uma pessoa não pode escarnecer... As vezes, quem sabe lá! Nosso Senhor castiga sem páo nem pedra...

Lá dobra o sino na igreja da aldeia. Alguém que morreu. E' para a irmandade estar prevenida. Fazem arripiar os cabellos, os sinos, quando tocam d'aquella forma. Acolá fica a Senhora da Guia, sobre aquelle cêrro; bonita capella, é verdade, com as paredes sempre caiadas de fresco, a lua acaricial-a com amor, borrifando-a de luz pallida, que lhe borda rendas sobre a torresinha, como as rendas das toalhas dealbadas dos altares. Aquillo é que fazem alli uma festa! Vestem á Senhora o manto azul, que lhe deu a fidalga, corôa nova, com uma pombinha de prata, que é tudo um encanto. Se a fé n'aquella sagrada imagem é tanta! Agora mesmo, por esta maldita estiagem, lá iam os pobres lavradores a implorar agua, coitados, todos tristes... E a Virgem com o menino ao collo, até parece que lhe rebentavam lagrimas dos olhos vidrados como que a chorar tambem com o povo. E mais de um fez promessas de valor. Por fim veio a chuva, que Deus a dava, pois a Mãe de Jesus bem pedira a seu Filho tivesse dó d'aquella pobre gente. A fé é que nos salva, diz o senhor arcyprêste muita vez, ao Evangelho.

Já é bem tarde. Dá vontade de uma alma se quedar aqui horas e horas, em contemplação d'uma noite como esta! Não se me dava... Mas cá na aldeia é preciso deitar cedo e cedo levantar. Toca para casa, ao caldo verde de vagens, e depois, cama.

Com Deus me deito,
Com Deus me levanto,
Com a divina graça
Do Espirito Santo.
Que Nossa Senhora
Me cubra com o seu manto.

Pelo signal da santa cruz... Boas noites. O Anjo da Guarda seja commigo.

*

Manhãs de sol! Noites de lua! O sol e a lua são dois cantaros de uma grande nora, que nos jorra golfadas de luz. Vae amanhecendo, a passarada a chiar pelas arvores; bois, de gacho coçado pela canga, com o rabo a fustigar

os moscardos que lhes titillam no coiro, passam, com carradas de herva ou bagaço ; os gados vão para o pasto ; crianças brincam pela estrada; algumas já mais espigadas, vão levar os almoços aos paes, que partiram para as herdades, noite ainda. Quando rompe o sol, pelas aldeias, até os casaes tem vida, riem, alegam-se. As arvores roçam-se pelas casas meigamente, encostando se todas... Quem nos diz a nós que ellas tambem não amam ? ! O sol doira os picos das serras ; algumas ainda tem neve. Parecem gigantes de cabelleira branca. Tambem na minha cabeça, de pouco mais de vinte annos, apparecem já alguns cabellos brancos ! Um anjo, que me anda a semear neve... E já alguém m'os quiz arrancar, que um rapaz tão novo... Deixal-os estar !

Já se vêem enxadas a luzir pelos campos. Alli está um homem a arrancar n'aquella horta a herva ruim. Uns rapazes guíam uma estrella de papel azul. Como vae alta e serena ! Appareceu um milhafre. E' bom esconjural-o, é bom...

Milhano, milhano,
Vae ao Porto,
Vêr teu pae,
Que está morto.

Come-lhe os ossos,
Deixa-lhe a carne
Para amanhã
Para o almoço.

Vêem ? Já abalou. Passeia-se, em quanto não aperta o calor. Depois, lá para cossas onze horas, é o diabo, não se pode. De manhã, pela fresca, é que é aproveitar.

Noites de lua na Beira ! Manhãs de sol na Beira !

ALFREDO SERRANO.

Arredores da Gollegã



(Photographia de CARLOS RELVAS)

LITTERATURA BRAZILEIRA

COELHO NETTO.

(Conclusão)

E d'essa grande arvore litteraria de que talvez Machado de Assis fosse a raiz, os mais unidos braços, os que mais juntos roçaram a folhagem, os que mais perto estenderam ramos mais eguaes, invernos e primaveras além, foram Coelho Netto, Pardal Mallet, Olavo Bilac, Luiz Murat e Aluizio Azevedo. Elles viveram nas mesmas casas, fugiram dos mesmos credores, amaram as mesmissimas mulheres. Encontraram-se sempre juntos em todas as afflicções, em todas as alegrias. A bohemia durou n'elles o tempo que teve de vida o seu isolamento no meio da sociedade que os não comprehendia, que não os acceitava, e d'essa conjunção harmonica de temperamentos excepcionaes de artistas resultou talvez que elles chegassem ao triumpho ao mesmo tempo, sem uma colera, sem d'esses desanimos que annullam um talento, que murcham essa reserva immensa do esforço de que, mais do que ninguem, o artista carece para vencer. Coelho Netto tem uma admiravel certeza e inquebrantavel fé em si, e essa certeza é tamanha, tão maravilhosamente instinctiva que na sua prosa não risca uma palavra, não altera uma fórma.

Um qualquer dos seus originaes é um testemunho do seu intransigente character litterario. Coelho Netto escreve n'uma lettra muidinha e sempre egual, dez, vinte, cem tiras de papel, e d'essa orgulhosa confiança no seu cerebro, a serviço de uma lucidez de transmissão inegualavel, deve elle por principio o ter trazido sagrada e inconspicua a sua arte, atravez de todos os revezes, furtando-a á profanação de uma revolta e — cumulo! — guardando a á contágio da propria dôr. Na sua grande obra, por mais que se procure, creio ser impossivel encontrar-o a soffrer ou a chorar. Tudo o que a sua mocidade produziu, mesmo nas horas em que os mais fortes desanimam e largam a lastimar-se, é luminoso, com o aspecto theatral que a arte, como um culto, investiu sempre n'elle.

A melancholia até, teve o poder de a dramatisar, e em todo esse antigo que elle ressuscitou, a sua tristeza passa, amorosa e embriagada.

A' sua sensualidade de cearense ia bem esse passado com povoações de deusas e bacchantes, e n'esses sonhos deslumbrados em que elle entrava, ia buscar a venda de oiro que lhe escondia a insinuação malevola da desesperança e do temor. Depois, a seu lado batia azas o espirito de combate que era Mallet, evangelista e violento, de uma audacia fanatica, herança de uma raça de soldados, e não bastante esse camarada de exemplo, a completal-o havia o sarcasmo de Bilac e a sua ironia.

Foi quando elles eram ainda assim unidos e ignorados que José do Patrocínio, fundando a *Cidade do Rio*, os chamou para seu lado. Foi n'esse jornal que elles ajudaram a campanha da abolição da escravatura e prepararam a Republica.

Nos *meetings* que José do Patrocínio teve que convocar e em que a sua palavra soprou como um vento furioso o fogo da piedade, Coelho Netto, fanatisado por todo o romantismo da causa gloriosa a defender, foi fiel até ás ultimas, atravez de todos os sacrificios, e a sua coragem ganhou lenda entre os tumultos e desordens, então que se assalariavam creaturas para assassinar José do Patrocínio e que era preciso guardal-o nas horas em que os theatros vinham a baixo, pequenos para todas as ameaças e todos os insultos, quando o palco era assaltado a tiros de revolver, n'uma furia de impedir a victoria que já triumphava na bocca d'esse sublime negro, cujo talento foi contaminar de commoção até o throno, sem que a propria certeza de uma abdicação fizesse tremer a mão da princeza Izabel.

Esse triumpho foi decisivo na carreira litteraria de Coelho Netto. A sua bohemia coroou-a essa lucta em que entrava com todo o enthusiasmo da sua mocidade, e bem mais feliz que muitos outros que n'ella succumbiram, elle respirou a glorificação, descançando emfim, com o futuro nas mãos, depois de todos os combates d'essa campanha negra de bohemia, onde tem que se entrar muitas vezes em batalha com fome e tem que se caminhar os interminos calvarios que levam á consagração com o par de botas já sem sola e a roupa já sem côr.

Coelho Netto deixou em 1889 a *Cidade do Rio* pelo casamento, e ahi mesmo levou como padrinho José do Patrocínio.

O casamento de Coelho Netto em 1890 foi a festa do seu talento.

A sua noiva era-lhe levada, — premio inegualavel da sua vida, — pelo presidente da Republica, então o marechal Deodoro da Fonseca.

Não cabe n'um ligeiro artigo como é este, escripto sobre o joelho, n'uma grande despreoccupação de fórma, o accentuar todas as phases marcadas na carreira litteraria de Coelho Netto. Quasi não é uma biographia o que ahi fica dito, — para mais tarde o prazer de a completar com todo o amor e veneração que me traz a lembrança da sua preciosa amisade.

CARLOS MALHEIRO-DIAS.

Conselho...?

(De D. Joaquin Dicenta, auctor do JOÃO JOSÉ)

Escutae este conselho
do que aprendi, por meu mal,
uma vez que me fez velho
um desengano fatal.

Se gostaes d'uma mulher
procedei de tal maneira
que finde o vosso querer
antes que ella vos não queira;
pois é a condição do amar
egual á do combater,
que nos obriga a matar
ou nos obriga a morrer;

e quem esse risco corre,
quando da vida se trata,
ao golpe de que se morre
prefere o golpe que mata;
pois se vae preso, quem deu,
não tarda em ser indultado;
e quem morreu... quem morreu
enterraram-n'o, coitado!

G. VENDRELL, trad.

BELLAS-ARTES



MOINHO DO GREGORIO (Santa Martha) — Quadro de Silva Porto

ESCRITORES MORTOS

FERNANDO CALDEIRA

VENHO fallar-vos d'um nome quasi esquecido, se não esquecido de todo — Fernando Caldeira. Pois morreu hontem, ainda!... Entretanto os nossos peoneiros da Arte já conseguiram passar-lhe rente á cova sem lhe deixarem uma estremecida lagrima sobre o verde roseiral que a cobre. Passaram, indifferentes, ao toque-de-marcha do seu Ideal Novo, sem por instantes repararem nos verdes canteiros que bordam a estrada da sua marcha militar. As bandeiras que se desfraldam ao vento novo da sua inspiração artistica encobrem as humildes cruces dos tumulos onde dormem corações de guerreiros! Vai toda a gente n'uma jornada anciosa, sedenta de novas conquistas, olhos fixos na sua Estrella-do-Norte, e nem um olhar desperdiça, nem um segundo de reparo consagra á poizada dos camaradas, que, desbravando o caminho e rasgando roteiros, caíram ao fim, succumbidos, um dia, exhaustos de febre...

Nas paginas mais queridas do meu Diario, o nome de Fernando Caldeira está escripto com tinta de oiro que nenhum tempo deslustra. A sua vida, abençoada por quem lhe escutou o fallar, e por quem lhe sentiu as lagrimas, é para mim um symbolo de nobreza artistica, quasi um timbre de escudo. — Será paixão este sentir entusiasmado? Talvez. Mas filho da mesma Aldeia, adorando-a na mesma adoração, sentindo d'ella identicas recordações, nostalgico do seu viver de pescadores e romeiros, não posso uma hora esquecer o nome d'esse querido homem da minha terra, que m'a evoca em cada estancia, que mais saudosa m'a torna em cada madrigal.

Na sua alma impressionavel de Poeta crystallisou toda a caricia ingenua dos olhares das raparigas dos nossos sitios. E quando os seus madrigaes assumem a forma gentil dos villancicos, graciosa, cheirando ao trevo dos campos, passa-me á porta da alma todo um fresco bando de andorinhas e cantigas que vem decerto da minha Aldeia, nas emigrações de outubro. Cada verso dos seus poemas é um farrapo precioso da nossa Terra-de-Barqueiros; cada rima de velludo é um chorar de nora nos areiaes do nosso rio...

Na bagagem artistica de Fernando Caldeira — bagagem infelizmente bastante transviada por jornaes diarios e publicações de arte — revôa quasi sempre a recordação doce de algum retalho da Terra que o viu nascer. Profundamente amoroso, de um requinte de sensibilidade extremo, as alegrias e os amargores da mocidade do Poeta transluzem nos seus versos como vagalumes de oiro n'um silveiral verde, ás noites de estio. Afastado da sua Aldeia, por largos annos, nunca a ideia da patria linda esmorece na sua alma, antes rebrilha sempre, certas saudosas rezas que se aprendem ao Lar nas noites da nossa infancia... Na vida amarga do trabalho official, quando se faziam os suetos e as ferias do descanso, o Poeta afogava-se na recordação querida do seu berço natal, e era de vel-o então, no crystal purissimo dos seus madrigaes, como elle sabia ser um filho carinhoso, a rever no seu Jornal-do-Coração todos os retalhos do seu paiz longinquo...

E todas as alegrias santas, todas as tristezas religiosas da sua alma lyrica, lá o iam arribar ás areias do seu Paiz-do-Sol, como se fossem corvetas veleiras levando ao leme o coração do Poeta!

Ao cantar, as arvores, as flôres, os passarinhos, n'aquella falla simples que toda a creança entende e que toda a noiva adivinha, os oiteiros e os areiaes da nossa Agueda fremiam de commoção por logo saberem que os cantares do Poeta vinham do coração d'ella mesma. Era a Clarinha cantando ao despique no arraial; era a banza de Paulo a namorar-lhe o canto com as suas cordas verdaes; era o carvalhal do Soito a ouvir as barcarolas dos marinheiros; era toda a nossa Aldeia, casada ao coração de Fernando, como dois noivos que fossem na romagem do noivado, aureolados de Sol...

Abrimos as *Mocidades*, e nas suas paginas de oiro e rosas, ao acaso, vamos deparar com farrapos dispersos da nossa Aldeia:

Um bando de romeiros vai passando, estrada-fóra; lá vai o tocador da viola a abrir caminho. E, ao reparar nos olhos negros de certa morena que lhe caminha ao lado, diz o cantador:

A canna verde no mar
E a canna verde na areia...
Vinha a morrer por cantar
Faltava a Musa e achei-a.

E loga a moreninha, aproveitando-lhe a deixa, salta de lá com esta:

Minha alma tem liberdade,
Não quer ser tua, já vês;
Podes morrer á vontade,
Que eu não deito viuvez.

Mas o cantador, namorado d'aquelles olhos negros que são o purgatorio da sua vida, ao ver-lhe uma pontinha de desdem no sorrir da bocca maliciosa, diz-lhe assim:

Com outro estás enganada
Nunca tu vaes á igreja;
Que, antes de ir, és tu culpada
Na minha morte de inveja...

E, sem dar tempo a que ella responda, canta-lhe a bocca:

Tão pequena, tão pequena,
Que a gente ás vezes nem sabe
Quando suspira de pena,
Se um ai por ella lhe cabe!

E, ainda, deixando-a suspensa na resposta, canta-lhe os pésinhos:

Os pésinhos tomam banho
Em duas gottas d'orvalho!
Vejam d'aquelle tamanho,
Quando a levam, que trabalho!

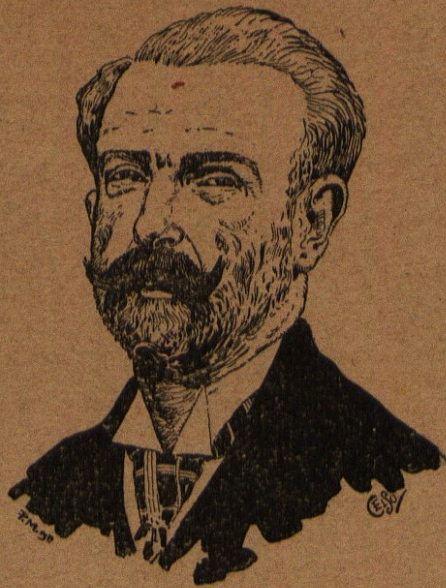
Mas a moreninha, desdenhosa como todas as morenas que se sentem requestadas, mal deixou rematar a trova e dá-lhe esta resposta:

É de vai-vens a ventura,
Mas tu vaes sempre e não vens;
E' uma mão cheia de moscas
Todo o amor que tu me tens!

(Ora apanhe lá, seu cantador, para não ser atrevido para a outra vez...)

E o bando dos romeiros lá segue, lá segue sempre, n'uma alegria que só a entende quem vae na sua camardagem ou quem, sem saber o que é o desespero da vida, está ainda em maré de ir ajuntar-se á sua malta.

(Continua)



A CHAVE DA SCIENCIA

OU

A explicação dos principaes phenomenos da natureza

OBRA AMPLIADA NA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA POR

HENRIQUE DE PARVILLE

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ POR

JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

Completamente refundida pelo traductor e por elle enriquecida com um grande numero de novos exemplos, perguntas, definições, problemas, biographias dos benemeritos da sciencia, interessantes experiencias de physica recreativa, novos inventos, descobertas e applicações das sciencias, artes e industrias, etc., etc.

Embellizada com mais de 400 gravuras

Um bello volume, brochado, 1\$500 réis. Com uma linda encadernação especial a preto e ouro fino, 2\$000 réis.

Livraria do editor ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, a 54 — LISBOA

PAULO DE MORAES

MANUAL PRÁTICO DE AGRICULTURA

Dedicado aos agricultores de Portugal, Ilhas, Colonias e Brazil

A obra mais completa e mais prática que sobre este assumpto se tem publicado em lingua portugueza. Um grosso volume de mais de 800 paginas, com cêrca de 240 gravuras explicativas, e solidamente encadernado em percalina e chagrin, 4\$000 rs.

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — RUA AUGUSTA, 50 A 54 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

NATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portuguez	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes do Postal)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

L. KUHNE

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS CONSELHOS ÀS MÃES, PAES E EDUCADORES

Alimentação; somno; distracção e occupação;
preceitos práticos auctorizados pela observação e pelo exemplo

TRADUÇÃO DE

LUIZ CARDOSO

1 Volume 200 réis. Pelo correio 220 réis

O NOVO SYSTEMA DE CURAR EXPOSIÇÃO, APRECIACÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

COZINHA VEGETARIANA

Tratado theorico e prático da alimentação segundo a natureza, por E. Baltzer, livro muito recommendado e citado por L. Kuhne na sua obra. Unico e verdadeiro tratado d'este genero e que indistinctamente convem aos que se tratam pelo systema Kuhne, ou pelo systema Kneipp, ou por qualquer outro systema. — Centenares de receitas e formulas para cozinhar os legumes, fructos, leite, farinhas, ovos, cacau, chocolate, pastelaria — toda uma cozinha variada, appetitosa, hygienica, saudavel e economica, segundo o systema do afamado hygienista L. Kuhne.

1 Volume 400 réis. Pelo correio 440 réis

A' VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54

LISBOA

COMPRA
- FEV. 1953

Rev.

452
452

V.

BRANCO E NEGRO



BOAS NOTÍCIAS

PREÇO 40 RÉIS

N.º 35

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas.
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Lesenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de toaa,
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBECAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojos e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGITIMAS VIOLAS HESPANHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 35

LISBOA, 29 DE NOVEMBRO DE 1896

1.º ANNO

Viagens no Paiz

(XII)

ALCOBAÇA



CONFLUENCIA DOS RIOS ALCOA E BAÇA

AS PRAIAS

A POVOA DE VARZIM



A praia do peixe, o paredão e o molhe

erguendo para o céu os seus gritos lancinantes. Um perfeito contraste existe entre o verão e o inverno, á beira-mar. E de todas as praias, talvez a que mais o sente é a Povoia de Varzim, concorrida pela população do norte e que, em agosto e setembro regorgita de banhistas, que enchem as suas ruas e as suas praças, mas cujo passeio predilecto é o *Passeio Alegre*, o Chiado da terra, de que damos reprodução em uma photogravura. Ao entardecer, bandos de homens e mulheres, de fatos leves e claros, fazem aquella avenida que se estende pela borda da areia, n'uma pequena extensão; outros vão até ao *paredão* vêr chapinhar a agua nos rochedos e entrar os barcos que vem, na derradeira gloria d'oiro do sol, demandando a barra. Começa então o espectáculo da venda do peixe, em lotes. Os barqueiros, de calça arregaçada, tiram das redes a *colheita* que trazem do mar alto e acamam-a no chão, em circulo. E enquanto a toda a roda se vae juntando gente e se ouvem já os primeiros pregões, vão-se accendem-se as luzes do pharol e em todas as casas se prepara o lume para a ceia. E' então que a vida dos cafés e salões entra na sua febre; joga-se, conversa-se, discute-se, lêem-se os ultimos jornaes. No conchego das luzes e na effervescencia das palestras a gente só se recorda de que está á beira-mar, pelo rumor surdo das vagas que nos chega de longe e pelo cheiro vivo da maré que enche a atmosphera.

*

Saudosos tempos da beira d'agua!

130

NOVEMBRO, com as suas nortadas em que já se faz presentir o inverno que nos bate á porta, afugenta das praias os derradeiros amigos do mar e torna-as silenciosas como necropoles. Ao ruido dos cafés-concertos e dos bailes, da toada alegre dos pianos e ao sapatear doído das valsas succede apenas o bramido do mar encapellado correndo de encontro á penedia. Pela areia, cheia ainda dos risos dos bebés e dos poentes em braza, correm agora, nos dias da mais aspera inverno, quando os barcos sahiram para a pesca, as mulheres desgrehadas



O Passeio Alegre

Monumentos de Portugal

O MOSTEIRO DE ALCOBAÇA



FRONTARIA DO MOSTEIRO

A estrada que da estação do Vallado, na linha ferrea da Figueira, vae para Alcobaça é linda a valer, bordada d'arvores, e correndo, aqui e alem pela beira de riachos claros, cuja agua treme sob salgueiraes. A villa de Alcobaça fica n'um alto e é alegre e vasta, com a sua casaria branca e a sua enorme praça onde se ergue, magestoso e solemne, o *Mosteiro*. Vista de fóra, a fachada da igreja não dá ainda a impressão que se tem ao entrar na grande nave, altissima, em tres corredores, o do meio mais largo e claro, os dois outros estreitos e escuros. Mas que sensação gelada se experimenta, que desanimo ao mergulhar o olhar no alto tecto e ao ver a nudez d'aquellas pilastras collossaes que sustentam a grande molle de pedra! Nada que prenda no primeiro aspecto, nada que denote o espirito artistico que presidiu á construcção do monstruoso edificio; apenas a impressão de



BAIXO RELEVO NO IECTO DA SALA DA BIBLIOTHECA

O que ha para vêr, tirante a monstruosidade do edificio, é a porta manuelina que abre para a sacristia, e o relicario, onde ha bellas cabeças de santos, expressivas, principalmente uma de Santo Antonio que, fixada por minutos, parece mover os olhos e as feições, onde perpassam melancolias e ternuras

No *Diccionario Popular* de Pinheiro Chagas, vem o seguinte, sobre o Mosteiro d'Alcobaça :

«A igreja d'Alcobaça, sem ser uma maravilha architectonica, tem grandes bellezas artisticas, principalmente na capella-mór, e nas capellas que a rodeiam.

«O convento era magnifico, tinha sete dormitorios e cinco claustros ! uma cosinha portentosa, lavada pelo rio Alcôa, que atravessa a villa, e onde se une com o Baça, uma immensa sala de biblioteca, etc.

«Este convento era verdadeiramente principesco, os seus abbades tinham honras de prelados, tanto ecclesiasticas, porque usavam habitos prelaticios e celebravam de pontifical, como seculares, porque se seguiam logo aos bispos em todas as cerimoniaes regias, e eram esmoleres-móres dos soberanos. Poderosissimos pela extensão do territorio em que dominavam, e pela gente armada que podiam levantar, exerciam uma grande influencia em negocios politicos, e o seu voto era de peso em todas as questões. Houve principes de sangue real, que foram abbades de Alcobaça. Os seus privilegios eram grandissimos e excepçoes.

«Reis e abbades foram ampliando e embellezando a igreja e o convento, até que chegou a epocha das privações e do vandalismo. Primeiro vieram as hostes francezas que trataram com sacrilega profanação este venerando monumento. Arrombaram os tumulos de Ignez de Castro e de Pedro I, espalharam os seus ossos pela igreja, e deixaram nas sepulturas partidas de um dos tumulos o eterno estygma do seu vergonhoso vandalismo. Veio depois 1834, e, de venos confessa-o, o vandalismo patrio, proveniente do desmazelo, não foi, não tem sido, não é inferior ao vandalismo da soldadesca estrangeira.

«Expulsos os frades o convento ficou abandonado, entregue á direcção dos habitantes da villa, que o puzeram a saque. Não ha casa moderna que não tenha sido feita á custa dos materiaes do convento, arrancados com a negligencia que atraza mais do que aproveita. Para se arrancar uma argola não se hesitava em se arruinar um portal formosamente cinzelado. A livraria foi roubada de



A SALA DA BIBLIOTHECA (Actual dormitorio do Regimento de Cavallaria)

um modo escandaloso. Os livros que escaparam ao roubo desinteligente, que não tinna outro fim senão rasgar aproveitar as folhas em embrulhos de tenda, foram transportados em carros para o porto de S. Martinho, onde embarcaram para Lisboa. Os carros foram semeiando de livros e de manuscritos a estrada. Os rapazes apanhavam-n'os, rasgavam-n'os, e faziam barcos e chapéus de papel com as preciosas folhas dos livros raros do convento.



NAVE CENTRAL DA EGREJA

«A devastação e o descuido tem continuado até hoje. Parte do convento está arrendado para habitações particulares, e remendos ignobéis de paredes caídas mancham a austera fachada do edificio; nos claustros as parasitas, vicejando á vontade, escondem os graciosos columnelos da architectura manuelina. Não se fazem reparações, e parte do edificio ameaça ruina, sem que ninguem pense em acudir-lhe.»

Hoje, uma ala do mosteiro serve de aquartelamento a um regimento de cavallaria ! E na artistica sala da bibliotheca, onde ha para admirar a riqueza do tecto, todo em labores, ha uma caserna de soldados !



D. ALVARO DE ABRANCHES. conjurado de 1640— (Esculptura de J. P. Lima Santos)

A MISSÃO DE PURNA

(Do Evangelho Buddhist.)

A COELHO NETTO

.....
Ora Buddha, que em prol da nova fé, levanta
Na Índia antiga o clamor de uma cruzada santa
Contra a religião dos Brahmanes,
— medita,
Enorme, em torno ao Sabio, a multidão se agita;
E ha n'essa multidão, que enche a planície vasta,
Homens de toda a especie, Aryas de toda a casta.

Todos os que — (a principio, enchia Brahma o espaço) —
Da cabeça, do pé, da coxa ou do antebraço
Do Deus vieram á luz para povoar a terra :
— Kchatrias de braço forte armado para a guerra ;
Sakias, filhos de reis ; leprosos perseguidos
Como cães, como cães de lar em lar corridos ;
Os que vivem no mal e os que amam a virtude ;
Os ricos de belleza e os pobres de saúde ;
Mulheres fortes, mães ou prostitutas, cheio
De tentações o olhar ou de alvo leite o seio ;
Guardadores de bois ; robustos lavradores
A cujo arado a terra abre em fructos e flores ;
Creanças ; anciãos ; sacerdotes de Brahma ;
Parias, Sudras servis rastejando na lama :
Todos acham amor dentro da alma de Buddha,
E tudo nesse amor se eternisa e se transmuda.
Porque o Sabio, envolvendo a tudo, em seu caminho,
Na mesma caridade e no mesmo carinho,
Sem distincção, promette a toda a raça humana
A bemaventurança eterna do Nirvana . . .

Ora, Buddha medita.

A' maneira do orvalho
Que, na calma da noite, anda, de galho em galho,
Dando vida e humidade ás arvores torradas,
Aos corações sem fé e ás almas desgraçadas
Concede o novo credo a esperanza do Somno.
Mas . . . e as almas que estão, no horrivel abandono
Dos desertos, de par com os animaes ferozes,
Longe de humano olhar, longe de humanas vozes,
A rolar, a rolar de peccado em peccado ? . . .

Ergue-se Buddha :

«Purna !»

O discipulo amado

Chega.

«Purna ! é mister que a palavra divina,
Da agua do mar do Oman á agua do mar da China,
Longe do Indus natal e dos valles do Ganges
Semeies, atravez de dardos e de alfanges
E de torturas !»

Purna ouve sorrindo, e calla.

No silencio em que está, um sonho doce o embala :
No profundo clarão do seu olhar profundo,
Brilham a ancia da morte e o despreso do mundo.

O corpo, que o rigor das privações consome,
Esqueletico, nú, comido pela fome,
Treme, quasi a cahir, como um bambú com o vento ;
E erra-lhe á flor da bocca a luz do firmamento
Preza a um sorriso de anjo . . .

Ajoelha junto ao Santo,
Beija-lhe o pó dos pés, beija-lhe o pó do manto.

«Filho amado !» diz Buddha «essas barbaras gentes
São grosseiras e vis, são rudes e inclementes :
Se os homens (que, em geral, são maus os homens, todos)
Te insultarem a crença e a cobrirem de apodos,
Que dirás, que farás contra essa gente inculta ?»

«Mestre ! Direi que é boa a gente que me insulta,
Pois, podendo espancar-me, apenas me injuria . . .»

«Filho amado ! e, se a injuria abandonando, um dia
Um homem te espancar, vendo-te fraco e inerme,
E sem piedade aos pés te pisar, como a um verme ?»

«Mestre ! direi que é bom o homem que me magôa
Pois, podendo ferir-me, apenas me esbordôa . . .»

«Filho amado ! e se alguém, vendo-te agonisante,
Te furar com um punhal a carne palpitante ?»

«Mestre ! direi que é bom quem minha carne fura,
Pois, podendo matar-me, apenas me tortura . . .»

«Filho amado ! e se, emfim, sedentos de mais sangue,
Te arrancarem ao corpo enfraquecido e exangue
O ultimo alento, o sopro ultimo de existencia,
Que dirás, ao morrer, contra tanta inclemencia ?»

«Mestre ! direi que é bom quem me livra da vida !
Mestre ! direi que adoro a mão boa e querida
Que, com tão pouca dor minha carne cansada
Entrega ao summo bem e á summa paz do nada !»

«Filho amado !» diz Buddha «a palavra divina,
Da agua do mar de Oman á agua do mar da China,
Longe do Indus natal e dos valles do Ganges
Vae levar, atravez de dardos e de alfanges !
Purna ! ao fim da Renuncia e ao fim da Caridade
Chegaste, estrangulando a tua humanidade.
Tu sim ! podes partir, Apostolo perfeito,
Que o Nirvana já tens dentro do proprio peito,
E és digno de ir prégar a toda a raça humana
A bemaventurança eterna do Nirvana !»



MEIO-DIA — (Quadro de Debat-Ponsan)

A flôr da Accacia

QUANDO o verão ia já a meio, resequidas as pobres plantas do minuscuro jardim, a accacia trasbordando vida, deu um cacho de florinhas d'um branco verdoso, d'um aroma intenso.

Dir-se-hia que ella concentrára todo o perfume da sua alma n'aquella flôr vinda fóra de tempo, como despedida aos alegres dias da primavera, ás madrugadas frescas, aos sorrisos trilados dos passaritos, que lhe poisavam nos braços floridos, ás verduras tenras da folhagem nova!...

Sob a ardencia do sol esse aroma era mais quente, perturbador, como d'estonteante flôr dos tropicos. E eu pensei — o que sugerem essas lindas irmãs do nosso espirito, fazendo-nos orquestras de perfumes!... — pensei no bom doutor, que desbaratou a sua mocidade em sorrisos faceis, em alegrias futeis e depois de velho foi offerter a sua alma rediviva, n'uma concentração d'affecto, á joven rapariga que salvou da morte...

E o caso é que foi feliz com esse coraçãozinho leve, que se lhe dedicou, acordado em sobresalto pela aromal delicadeza d'esse amor exotico.

Ao chegar á terra, o doutor era um lindo rapaz que agradava ás mulheres.

O sorriso galante, a phrase recortada, a maneira friamente distincta, apanhavam entre duas consultas o coração mais rebelde.

Esbanjára a sua mocidade em ligeiros amores, *flirts* galantes de gentilhomen; nada sério, nada que no fim da vida lhe agasalhasse a alma enregelada!

A sua mocidade enflorara-se de ligeiras alegrias, abriu-se em risos claros, inconscientes — de sinceros e humanos.

A primavera passa rapida e então, as flôres começam a cair na terra abrasada, murchinhas e tristes, que nem as mesmas parecem!...

O doutor começa a ler a certidão d'idade nos olhos amortecidos das antigas namoradas, esposas ternas, mães de grandes rapazes e de raparigas quasi mulheres respeitaveis.

E ao vêr-se só no seu gabinete d'estudo da casa muito alegre, que o seu egoismo d'artista fizera tão confortavel, olhava com melancolia as ruas areadas do parquesito, onde creancinhas sadias brincavam satisfeitas. Contemplava a janella com o verde cortinado d'era, dando um delicioso quebramento á luz do sol... Então, idealisava uma figura amoravel de mulher, que encostada ao parapeito baixo lhe falasse de fóra...

Depois, ao almoço, na sala de jantar muito fresca, quadros de genero nas paredes, a toalha de linho bordada, o sorriso rubro dos morangos aninhados nas fructeiras de prata, o vinho dourando o crystal das garrafas, as jarras abarrotadas de flôres... Elle ficava um nadinha triste de se vêr tão só, deante da rigidez do creado que o servia automaticamente. Pensava no encanto d'uma conversa delicada, n'um roupão côr de rosa, em rendas finas a guarnecer uns braços lindos e um pescoço elegante d'onde sabisse uma cabecinha intelligente, a sorrir e a trincar, gulosa e criancil, os morangos de aristocratico e delicado sabor.

Mas os amigos que vinham, as visitas, os doentes que o reclamavam de todos os lados, as *soirées* da viscondessa com *boston* obrigatorio, levavam-lhe a vida de corrida, egoista e vasia.

Atravessando os campos pelas manhãs trabalhosas de verão, aborrecido de ver tristes figuras soffredoras, o pobre medico de provincia, intelligente, de gosto refinado e raro, apertava o cavallo na rapidez d'um galope, com enorme desejo de se vêr na pequena sala de fumo, forrada de suave papel chinez, onde grandes passaros d'azas azulinhas, voavam n'um fundo ligeiramente esfuminhado...

Sabia-lhe bem, sabia, esse descanço do corpo no largo divan de seda enramada, vendo subir em leves esboços azulados, o fumo do charuto caro. Mas... Seria mais dôce — oh! infinitamente mais dôce! — para o seu coração, que uma vózinha ligeira de mulher, o fosse enredando n'uma conversa inutil.

E punha-se a recordar uma por uma, todas as suas antigas namoradas, a fazel-as passar diante da retentiva, reconstituindo os provaveis *ménages* que teriam feito... E passando todas deante dos seus olhos meio cerrados, nenhuma lhe fazia pulsar o coração n'uma saudade d'alma comprehendida!

Não, decididamente não era por nenhuma d'ellas que deixaria a sua vida independente e facil.

Era certo que tinha julgado amal-as a todas, que lhes tinha dado uma grande parte da sua vida, que lhe tinham povoado, cada uma por sua vez, muitos lindos sonhos d'acordado, mas não lhe parecia racional ter casado com nenhuma, ter lhe sacrificado os seus queridos habitos de solitario!

Como veem, um excentrico, este doutor. Bastante rico para não procurar trabalho; trabalhava por gosto, por *dilettantismo*.

Bastante intelligente para viver n'um meio mais intellectualmente culto, affizera-se áquelle cantinho afogado em verdura, refrescado pelo rio correndo ao fundo da villa, n'um sussurrar de moinhos trabalhosos...

Comprara um bocado de terra, mandara fazer a casa ao seu gosto, mobilara-a com todos os requintes do luxo artistico, que dizia bem com a serena ordem do seu espirito culto, com a impeccavel correcção de toda a sua pessoa.

Um dia, a viscondessa descobrira, que era tempo de mandar vir a sobrinha — a pequenina Paula, — muito loira, que o doutor tinha visto nascer alli mesmo, d'uma pobre mãe que lhe fora impossivel salvar.

Ao nascer, entregaram a pequena a uma pobre camponeza que lhe servisse d'ama, — a viscondessa tinha tanto em que pensar... os seus nervos vibravam tão dolorosamente com o choro da creança, que forçoso lhe fóra mandal-a para casa da mulher d'um cazeiro a quem tinha morrido um filhito que amamentava.

A viscondessa, rica por ter casado com um morgado ignorante e bom, tinha ficado d'uma garridice menineira, muito dengue.

Bem diferente da irmã, viuva d'um homem muito amado, finando-se de pura magua, e deixando a filhita, sem mais amparo!...

O visconde — bom homem, coitado! — tomara a peito augmentar o pequeno dôte da Paulinha, sem nada tirar aos seus rapazes, que a mãe tinha impontado para os collegios, affirmando que a envelheciam alli com cuidados...

A sobrinha seguira o mesmo caminho. Aos cinco annos metter-a nas *Irmãs de Caridade* e só aos quinze — achando-se viuva, os filhos nos empregos, as visitas a abandonar a casa solitaria — se lembrára de a mandar vir, para encher de mocidade e risos o grande palacio senhorial.



São pouco conhecidos ao sul do paiz os versos de Albertina Paraizo. A sua musa é candida e fresca, cheia de enternecimento, de um lyrismo perfumado, como uma sebe de madresilvas. Para que os nossos leitores possam apreciar o singular encanto d'esta poesia, damos um *primeur* do seu livro *Rosas e Musgos* que João de Deus prefacia, com enaltecedoras palavras.

Libro Del Alma

Olha-a : a minh'alma é como um livro aberto ;
As folhas — rosa-e-oiro — que ella tem
São paginas de sonhos que, decerto,
Nunca lêste nos livros de ninguem . . .

Folhas singellas e infantis, vibrantes,
De brilhos de astros, roseirae em flôr,
Folhas doiradas de illusões cantantes,
Com symphonias siderae de amor.

São paginas sagradas de evangelhos,
Ungidas de leaes dedicações;
Porque eu adoro sempre de joelhos,
Os puros e amorosos corações.

Quanto ás outras, são paginas de dôr,
Estrophes de saudade e amargura,
Mas nunca saibas, nunca, meu amor,
As folhas de tão negra desventura.

E para que tu leias, como eu leio,
Nesse livro que um sol divino aclara,
Guarda-o no cofre certo de teu seio
Como uma offerta virginal e rara.

Porque a minh'alma é como um livro aberto,
E as folhas rosa-e-oiro que ella tem,
São paginas de sonhos que, decerto,
Nunca lêste nos livros de ninguem . . .

ALBERTINA PARAIZO.

O MONUMENTO A AFFONSO D'ALBUQUERQUE

BAIXOS-RELEVOS EXECUTADOS PELO ESCULTOR MOTTA



Afonso d'Albuquerque recebe um embaixador do Rei de Bisnagá



«E' esta a moeda com que Portugal paga aos soberanos estrangeiros os tributos dos seus vassallos.»



Entrega das chaves da cidade de Goa



Tomada de Malaca

ESCRITORES MORTOS

FERNANDO CALDEIRA

(Continuação)

Na *Sesta* e na *Vespera da Festa*, dois bellos contos campezinos que achei publicados na *Revista dos Dois Mundos*, vê a gente andar a alma de Fernando Caldeira, aquella alma simples e observadora a um tempo, n'um conubio perfeito com a alma ingenua dos seus personagens. A Clarinha sachadeira, o filho do patrão que corta dois dedos para fugir á vida militar, as velhinhas que trazem ao campo n'uma cestinha bem lavada a merenda dos filhos e dos irmãos, os pequenitos a conversarem confidencialmente a respeito dos ninhos que cada um sabe... — vão vendo como todas estas boas figuras foram apanhadas flagrantemente na vida rustica da nossa terra, precisamente da nossa terra, cujos typos teem uma original feição. Na *Vespera da Festa* passa aos nossos olhos uma leva de grotescos, Regedor á frente, a senhora Junta mais a senhora Juiza, todo o arraial com as suas philarmônicas e com os seus entremezes — meia duzia de actos da *Batalha do Bussaco*, outra meia duzia de *1640!*... E em todos os entremezes (o palco é a eira do Morgado) andam cavadores e tanoeiros, de espada á cintura, capa e chapéu de conspirador, bigodes de estopa — de arripiar os cabellos! Entretanto, a meio dos cabos de ordens, o Regedor, de crespia suíssa côr de barro, tem sempre de reserva no seu dedo indicador o gesto solemne de quem vae dizer um discurso ao povo.

As *Medicas*, em que Fernando Caldeira collaborou com Gervasio Lobato, lá exhibem todas essas figuras grotescas — Juizes e mordomos vestidos de aciado, os irmãos do Santissimo — colchas de chita á janella, alfazema nos caminhos, quando a procissão passa.

Assim, as *Medicas* são o reverso da sua *Madrugada* — o grotesco e o lirico da Aldeia.

*
* *
*

Foi nas suas obras do theatro, sem duvida, que mais se evidenciou a individualidade artistica de Fernando Caldeira. A meio das ultimas tragedias do seu tempo — a tilintar punhaes e a roçagar alvadias capas, ainda — elle rasgou uma verdejante estrada em que a brita e o cascalho são feitos de armas e de flores. Vem d'esse tempo uma das suas obras-primas, a *Mantilha de renda*. A consagração que todo o publico lhe fez, na exhibição d'essa peça, conseguiu prendel o aos trabalhos theatraes, d'onde raras vezes saia.

Mas, nas suas comedias, como nos seus versos e nos seus contos, Fernando Caldeira não se desapegou da inspiração popular, e é, de braço dado ao povo, que elle passa atravez dos seus *Missionarios*, da sua *Varina*, da sua *Madrugada*, cantando pombas, cantando almas, cantando aldeias...

E' por isso que tenho de Fernando — o gentil fidalgo, delicado, falas de setim — uma impressão singular. A sua figura recomponho-a assim: — um noivo da Aldeia, seroeiro e trovador, que anda em perpetuo noivado com as flores, com as aves, com as noivas todas que tenham olhos lindos e coração amante.

No meio litteratício e pedante de Lisboa, os seus olhos doces tem um brilho de estrella engastada n'uma charneca. A meio das polemicas da imprensa — guerras de partidatismo politico, criticas de arte, podridões da rua — a sua linda cabeça passava levantada e firme, sem curvar-se a reclames, a lisonjas que de toda a banda lhe ladravam. E, assim, Raphael Bordallo diademou-o com uma significativa inscripção, arrancada á epigraphe de uma das mais finas composições d'elle — *A joia*.

Era um Poeta — d'esses ingenuos Poetas, olhando o mundo atravez d'uma lente verde, sem um borrão de treva no mar das noites, sem um galho podre n'uma arvore — estradas lizas e brancas, como trancellins de estrellas a bordarem o mundo...

Não havia um barrocal de lôdos no seu caminho; o cemiterio das suas illusões não era acordado pelo piar dos mochos: só as arvêloas faziam ninho no goival das suas covas. Em tudo sereno e manso como um rebanho de cordeiros a recolher ao bardo, n'uma tarde de outomno. A propria miseria, a arrepelar os cabellos no delirio d'um desespero, tinha beijos a acarinhá-la, tinha esmolas a bater-lhé á porta, tinha um lençol lavado para morrer...

*
* *
*

Afeiçãoado sempre á alma popular, intimamente, Fernando Caldeira levou para algumas das suas obras de theatro pequeninos trechos de musica que são verdadeiras joias. O *tirolé* da *Varina*, barcarola de marinheiros que vão puxando as redes á beira-mar, a *Camponeza* dos *Missionarios*, toda feita de velludos pretos, onde o canto parece que vae a embalar o esquife d'um santo, e finalmente o *Deve-deve* da *Madrugada* a dizer á gente como devem ser lindas as noivas, como deve ser de pennas a cama do seu noivado...

Nimbadas de flores, cantam duas camponezas:

Toda a noiva deve, deve...
ir mais branca do que a neve.

Mas que a bocca seja, seja,
tal e qual uma cereja...

As palpebras deve tel-as
como nuvens sobre estrellas.

A cama deve compô-la
como o ninho d'uma rola.

Que nem um raio de lua
vá lá dentro vel-a nua.

Em toda a musica de Fernando, semeada de gemidos, sente-se que anda a alma do povo, amavel e ingenua, a dizer á gente as amarguras que a minam, as dôres angustiadas do seu soffrer. São mães chorando á beira da

cova onde dormem as suas illusões ; e é o proprio Poeta chorando tambem os seus desalentos. — Porque as musicas de Fernando são ais gemidos no violino da sua alma, em noites de inverno, quando a tosse da tizica lhe cavava o peito. São ellas mesmas — com o seu falar soluçado, onde parece que ha cyprestes e goivaeas a ramalhar ao vento — a traducção da sua grande amargura, como o echo dos seus calmos desesperos. . .

*
*
*

E' certo que, nos versos de Fernando Caldeira, não ha o grande desafogo eruptivo do genio — facil, rapido, a abraçar as ideias d'uma rajada. As suas imagens e os seus pensamentos não tem o timbre de aço das altas epopeias. — Mas, emquanto o mundo á roda d'elle se convulsiona e se agita, baralhando e chocando-se, Fernando, longe d'essas guerras, acima d'esses delirios febris, enramilheta flores do campo com o seu cuidado mais carinhoso, e ata-lhes a cada haste a laçada de seda d'um fino conceito, e escreve-lhes em cada folha um amoroso beijo. São ramos para enfeitar as jarras dos altares ; são flores para desfolhar no leito d'uma tizica. . .

O seu verso, por vezes atormentado e batido de cem retoques, tem a fórma gentil d'uma cantiga aldeia, sempre. Lê se a cantar.

E, a par d'essa ondulação que lhes dá a cadencia d'um rimance, poucos, como Fernando, conseguem tratar um assumpto minimo com as mais esbeltas quintilhas portuguezas. Os seus extasis de artista fazem-se sempre em face das mais minusculas comedias da vida — a agonia doce d'uma Joanninha que foi o seu enlevo, as alegrias de certa Fidalguinha que foi a sua vaidade de tio, o trespasse d'uma rola n'um ramo de cazarina, o encontro das criancinhas orphãs n'um vão de escada, o intimo viver dos ninhos. . . E se cuidaes que, d'essas scenas humildes o Poeta arranca impressões grandiosas, com tubas de oiro a soprar imagens e conceitos á homem-de-genio, assim não é. Elle canta-nos tudo isso n'uma simplicidade e de velhinho á lareira, entre loiros netos, ora a rir, ora a chorar, mas sempre com verdadeiros risos, mas sempre com verdadeiras lagrimas. . .

Camillo, o grande mestre de toda a gente, quando no seu *Cancioneiro Alegre* publica os *Pésinhos*, diz de Fernando as seguintes bastantes palavras :

«A'cerca de pés, poesia tão imbrincada, tão fagueira, tão dengue, com tantos suspiros e aromas e beijos e quindins, ninguém a médiu como este poeta. Fazer d'um composto de tarso, metatarso, phalanges, musculos, nervos e cartilagens um tecido de phrases tão ternas e languidas, isso, para mim, tem mais engenho e poesia, mais ideal e esthetica, mais penexil e atavios que os dois pés reaes da dona do pé cantado.»

(Conclue).

ADOLPHO PORTELLA.

BELLAS-ARTES



O DESCANÇO DA ARTISTA — Quadro de Arthur Loureiro



HISTORIAS PARA CREENÇAS

PEROLA

ERA uma vez uma linda rapariga chamada Perola ; vivia isolada, n'um castello meio arruinado, não tendo junto de si senão uma creada velha, quasi tão tremula como as ruínas do castello em noites de ventania.

Perola era orphã ; a mãe tinha morrido no dia do seu nascimento e o pae tinha sido morto na guerra. Ella era digna do seu nome, porque tinha a alvura nacarada e o doce brilho da perola.

Não ficaria sempre n'aquelle velho solar, unico patrimonio que lhe havia deixado seu pae, pobre e valente cavalleiro ; era noiva de um joven senhor, um primo e amigo de infancia, que devia collocar-lhe na cabeça a corôa de condessa, e que combatia n'aquelle occasião nos exercitos do rei.

Era bom, bravo e leal, digno de possuir a branca Perola, que o esperava solitaria. O pequeno anel d'oiro que brilhava no dedo da donzella recordava-lhe que devia ser paciente e fiel.

Entretanto, Perola aborrecia se : as boas fadas que presidiram ao seu nascimento tinham-lhe dado inumeras qualidades, mas não tinham podido preserval a do orgulho... Como estava quasi sempre só, tinha tido tempo de se olhar ao espelho e tinha-se achado realmente bella...

Dizia consigo : «Desposarei o conde Otto... mas será bastante ser condessa?... Porque não hei-de eu ser rainha ou princeza, como a *Gata borralheira* e tantas outras ?

Uma noite que um vento furioso abalava os muros do velho castello, Perola, pensativa e melancolica, bordava á luz de um candieiro... O pequeno anel d'oiro brilhava todas as vezes que ella erguia a mão... mas Perola não olhava para elle.

Uma pancada violenta no portão fel-a estremecer.

— Não abra, minha menina, supplicou a creada ; é talvez algum espirito maligno... tenho ouvido dizer que elles apparecem quando ha tempestade...

Perola era boa e valente. Com um gesto mandou calar a sua tremula companheira.

— E' talvez, disse ella, um viajante perdido que pede pçusada.

E, pegando n'uma vela, dirigiu-se para a porta.

— Abra ! pronunciava uma voz forte ; eu sou um cavalleiro que volta da guerra, surpreendido por este medonho temporal.

O extranho que penetrou na grande sala era de alta estatura, estava coberto com uma armadura negra, e tinha na cabeça um capacete encimado por um enorme pennacho.

Os seus olhos duros e sombrios, as suas sobrancelhas espessas, o seu bigode, satanicamente retorcido, davam-lhe uma physionomia repulsiva.

Depois de lhe ter servido uma modesta refeição, a velha creada retirou-se, não sem repugnancia, deixando Perola cumprir os seus deveres de castellã. De repente, o viandante disse-lhe :

— Perdõe-me o estratagem a de que lancei mão para me approximar de si... A tempestade não me surpreendeu, e o acaso não guiou os meus passos... Quero tel a por esposa... Quem sabe se o seu noivo voltará ou se não ficará lá, como seu pae ?... Eu não sou um simples cavalleiro, como poderá julgar, mas o poderoso Principe Negro... Fuja d'este triste retiro e siga-me aos meus Estados... Lá, será poderosa tambem, rica e festejada...

O orgulho e o desejo de ser princeza seduziram Perola, e ella consentiu em seguir o desconhecido.

— Venha, venha, exclamou este pegando-lhe na mão... A tempestade serena... Fugamos.

Posso dizer-lhes já que aquelle Principe Negro era um feiticeiro que, aproveitando a vaidade da rapariga, queria raptal-a e fazel a prisioneira.

Mal deixaram o castello, o Principe Negro fez ouvir um assobio agudo e prolongado. Immediatamente, respondendo-lhe com um grito rouco, um monstruoso pato bravo, maior que um cavallo, veio cahir-lhe aos pés.

Perola deu um grande grito e quiz fugir : já não era tempo, o feiticeiro tinha-a em seu poder. Com um braço de ferro agarrou na pobre creança, emquanto montava o phantastico animal, que os levou n'uma corrida vertiginosa.

Longe, muito longe, por baixo d'elles, ficavam as casas de telhados vermelhos e as torres engrinaldadas d'hera, onde fazem seu ninho as andorinhas... A desgraçada Perola, meio desmaiada, com os bellos cabellos desatados e revolvidos pelo vento, escondia o rosto para não vêr o seu raptor...

De repente, perfurando o véo da noite, ella viu desenhar-se formas imponentes... era a cathedral que erguia para o céo pallido o seu esguio campanario... Então, um grande suspiro de supplica se elevou do coração de Perola : «Meu Deus !»

O pato diabolico fez ouvir o seu grito rouco, a que respondeu uma imprecação do Principe Negro : a sua presa escapava-lhe.

No entanto, Perola nunca mais tornou a apparecer no seu solar arruinado... mas n'um nicho da cathedral, vasio até então, pôde ainda hoje ver-se uma branca estatua com os olhos no chão, e de cabellos em desalinho, assemelhando-se a Perola.

Deus tinha ouvido a sua supplica : tinha a ouvido, mas sem lhe tornar a dar a felicidade perdida pela sua falta pois que Perola não soube guardar a fé jurada e ficou condemnada a esperar eternamente o seu noivo.

TIA BRIGIDA.

A CHAVE DA SCIENCIA

OU

A explicação dos principaes phenomenos da natureza

OBRA AMPLIADA NA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA POR

HENRIQUE DE PARVILLE

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ POR

JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

Completamente refundida pelo traductor e por elle enriquecida com um grande numero de novos exemplos, perguntas, definições, problemas, biographias dos benemeritos da sciencia, interessantes experiencias de physica recreativa, novos inventos, descobertas e applicações das sciencias, artes e industrias, etc., etc.

Embellizada com mais de 400 gravuras

Um bello volume, brochado, 1\$500 réis. Com uma linda encadernação especial a preto e ouro fino, 2\$000 réis.

Livraria do editor **ANTONIO MARIA PEREIRA** — Rua Augusta, 50, a 54 — LISBOA

PAULO DE MORAES

MANUAL PRÁTICO DE AGRICULTURA

Dedicado aos agricultores de Portugal, Ilhas, Colonias e Brazil

A obra mais completa e mais prática que sobre este assumpto se tem publicado em lingua portugueza. Um grosso volume de mais de 800 paginas, com cerca de 240 gravuras explicativas, e solidamente encadernado em percalina e chagrín, 4\$000 rs.

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — RUA AUGUSTA, 50 A 54 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora **ANTONIO MARIA PEREIRA**, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

L. KUHNE

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS CONSELHOS ÀS MÃES, PAES E EDUCADORES

Alimentação; somno; distracção e occupação;
preceitos práticos auctorisados pela observação e pelo exemplo

TRADUÇÃO DE

LUIZ CARDOSO

1 Volume 200 réis. Pelo correio 220 réis

O NOVO SYSTEMA DE CURAR EXPOSIÇÃO, APRECIACÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

COZINHA VEGETARIANA

Tratado theorico e prático da alimentação segundo a natureza, por E. Baltzer, livro muito recommendado e citado por L. Kuhne na sua obra. Unico e verdadeiro tratado d'este genero e que indistinctamente convem aos que se tratam pelo systema Kuhne, ou pelo systema Kneipp, ou por qualquer outro systema. — Centenares de receitas e formulas para cozinhar os legumes, fructos, leite, farinhas, ovos, cacau, chocolate, pasteleria — toda uma cozinha variada, appetitosa, hygienica, saudavel e economica, segundo o systema do afamado hygienista L. Kuhne.

1 Volume 400 réis. Pelo correio 440 réis

A' VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

LISBOA